SET
CINEMA ✪ ENTRETENIMENTO ✪ TECNOLOGIA

Avatar, Guerra ao Terror e a batalha pelo

Oscar 2010

O Lobisomem

A nova cara do clássico do terror

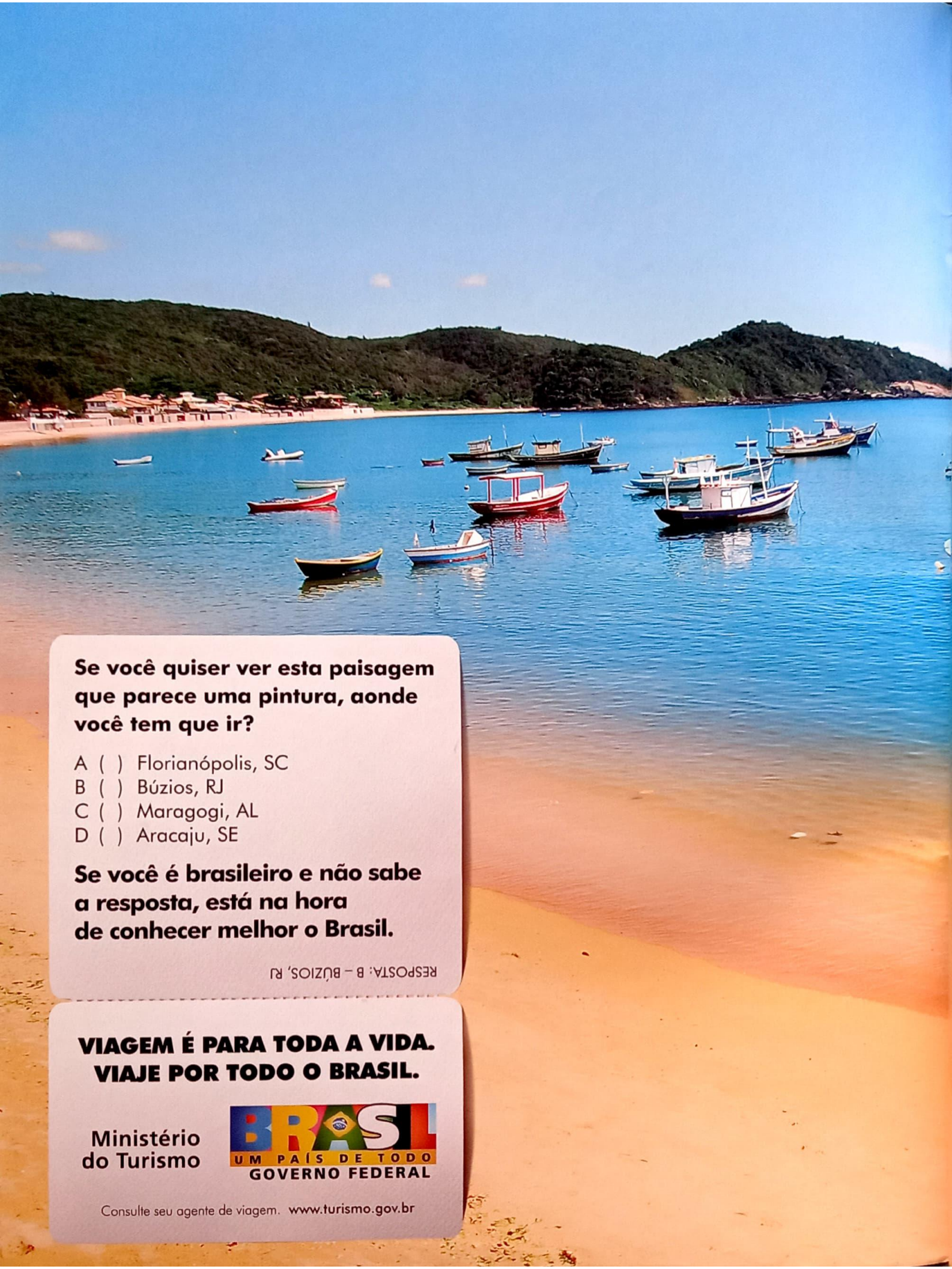
Exclusivo!

Homem de Ferro 2

e os grandes filmes que você vai ver neste ano

Woody Harrelson + Percy Jackson + O fim da Miramax

aver editora
www.setonline.com.br
ISSN 0104-1592
Fevereiro 2010 - Ed. 268 - Ano 22 - R$ 9,90



Se você quiser ver esta paisagem que parece uma pintura, aonde você tem que ir?

A ( ) Florianópolis, SC
B ( ) Búzios, RJ
C ( ) Maragogi, AL
D ( ) Aracaju, SE

Se você é brasileiro e não sabe a resposta, está na hora de conhecer melhor o Brasil.

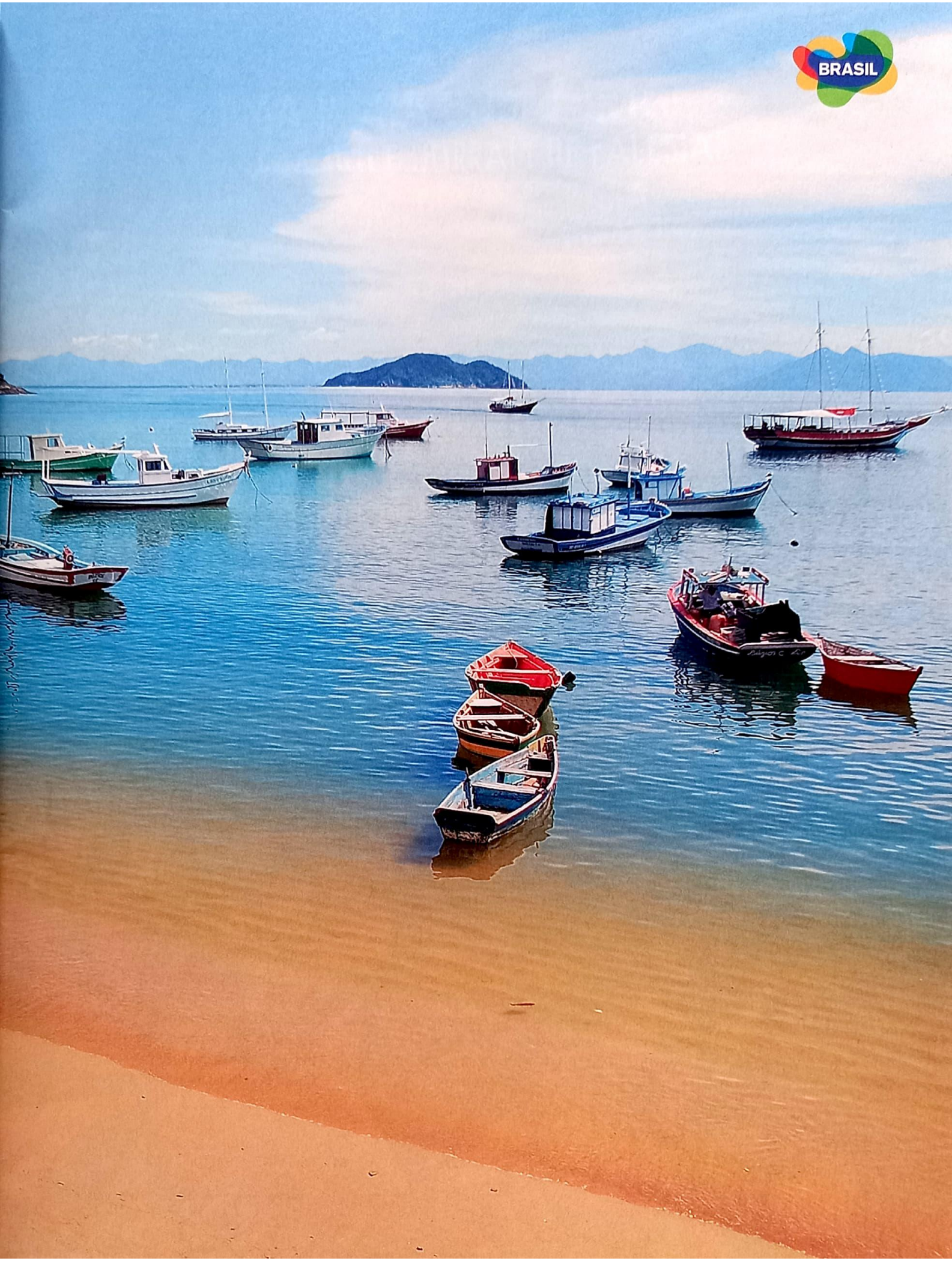
RESPOSTA: B – BÚZIOS, RJ

VIAGEM É PARA TODA A VIDA.
VIAJE POR TODO O BRASIL.

Ministério do Turismo

BRASIL
UM PAÍS DE TODO
GOVERNO FEDERAL

Consulte seu agente de viagem. www.turismo.gov.br


BRASIL

NESTA EDIÇÃO

42

BELEZA GÓTICA: Emily Blunt despe-se de suas inibições e espera por Benicio Del Toro em *O Lobisomem*

25 A BATALHA PELO OSCAR

A briga pela estatueta dourada mais cobiçada do cinema ganha novos contornos na edição 2010 da festa do Oscar, com dez filmes concorrendo pelo prêmio principal. Ainda assim, com a disputa centrada no milionário AVATAR e no independente GUERRA AO TERROR as apostas ficam ainda mais altas numa festa que pode fazer história. Acompanhe e torça com o guia especial que preparamos.

40 A NOITE DA BESTA

Depois de um ano na gaveta, a nova versão do clássico O LOBISOMEM finalmente chega aos cinemas com sua mistura de maquiagem de ponta e efeitos especiais digitais, tudo embrulhado numa atmosfera gótica e nas interpretações de Benicio Del Toro e Anthony Hopkins. Das filmagens ao lançamento, damos uma geral da nova cara da fera e de como ela chegou aos cinemas.

51 PREVIEW 2010

Heróis de armadura entram em choque em HOMEM DE FERRO 2. O capíturlo final da saga de um bruxo chega com HARRY POTTER E AS RELÍQUIAS DA MORTE. Criaturas mitológicas entram em choque em FÚRIA DE TITÃS. Matt Damon e Paul Greengrass se reúnem em ZONA VERDE. A lenda renasce com o novo ROBIN HOOD. O ano está dando os primeiros passos e SET apresenta os filmes mais esperados de 2010.

SEÇÕES

6 EDITORIAL **8** TAKES **70** CINEMA **74** DVD & BLU-RAY **78** TV PAGA **81** PRÓXIMAS ATRAÇÕES **82** HQ HUMOR

NA CAPA: *Homem de Ferro 2* (Paramount); *O Lobisomem* (Universal)

www.setur.ce.gov.br

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Secretaria do Turismo

UMA PRAIA ONDE FONTES DE ÁGUA DOCE JORRAM DE FALÉSIAS À BEIRA-MAR. UM LUGAR PARA FICAR NAS SUAS MELHORES LEMBRANÇAS.

A apenas 87 Km de Fortaleza está a Praia das Fontes, com sua paisagem de falésias, pequenas grutas na beira do mar e fontes de água doce que deságuam na areia da praia. Hotéis, pousadas e resorts oferecem variadas opções de hospedagem para que os visitantes possam aproveitar tudo que esse lugar tem a oferecer. Uma viagem onde seus clientes terão o sol, a beleza da natureza e muita diversão.

CEARÁ
Viva essa alegria

Praia das Fontes

A SET que você segura em mãos, primeira de 2010, foi feita na raça. Deixando os apuros que assombraram a melhor revista sobre cinema do Brasil para trás, é também uma edição que a gente aqui da Aver tem o maior orgulho. Não pelo que ela é, mas pelo que representa. Aos poucos, SET retoma o passo firme e caminha tranquila em um mercado editorial tumultuoso e cheio de armadilhas. Mas, se fosse fácil, não teria a menor graça – e o desafio de fazer uma revista recheada de informação, diferente das outras mídias que tomam aos poucos o lugar do papel como fonte para o leitor, bonita e elegante é o que nos impulsiona. De certa forma, esta revista é também uma edição dupla, em que colocamos de uma só vez um preview dos filmes mais aguardados do ano com a confecção de um guia para você acompanhar a maior festa do cinema, o Oscar 2010, que acontece no próximo dia 7 de março. Além disso, também damos a cobertura completa de *O Lobisomem*, que reinventa o clássico do terror em uma produção complicada, que demorou um ano além do previsto para chegar aos cinemas. SET esteve nas filmagens do longa de Joe Johnston em Londres e conta como é criar uma homenagem a um clássico sem perder o foco.

Além das matérias principais, a gente mudou levemente o foco de Takes, deixando as notícias mais quentes para a internet e se concentrando em entrevistas e pequenas reportagens. Temos Chris Columbus falando como foi encarar o começo de mais uma pretensa série cinematográfica, *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*. Woody Harrelson discorre sobre combate aos mortos-vivos. Sérgio Rizzo escreve sobre o fim da Miramax, estúdio que mudou a cara do cinema independente. A série sobre os grandes filmes de 1999 dá lugar a um olhar sobre as melhores produções da década que se encerrou, com Rodrigo Salem falando sobre *O Senhor dos Anéis*. Dennison Ramalho, indignado depois de assistir à *Lua Nova*, inflou sua coluna e entrega um texto sobre vampiros de verdade (ele me garante que eles existem). E estreamos dois novos colunistas: Alfredo Sternhein, de tanto contar suas histórias deliciosas da trajetória do cinema brasileiro, foi convencido a organizar essas memórias aqui em SET. E o compositor e diretor André Moraes compartilha conosco sua peculiar visão do mundo do entretenimento. Como diria Chico Science, "um passo para frente e não estamos no mesmo lugar". A gente quer dar saltos!

Roberto Sadovski
Editor-Chefe

SET

PUBLISHER
Cláudio Magnavita

Diretor Editorial José Aparecido Miguel
Diretor de Núcleo Turismo/Aviação Rodrigo Figueiredo

REDAÇÃO
Editor-Chefe Roberto Sadovski

ARTE
Editor de Arte Ken Tanaka
Designers Ayami Tanaka e Fabiano Spadari
Tratamento de Imagens Silvio Rogério da Silva

FOTOGRAFIA
Pesquisa de Imagens Marilene Bucci

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Texto Alfredo Sternhein, André Moraes, Dennison Ramalho, Dulce Damasceno de Brito (*in memoriam*), Eduardo Torelli, Felipe Goulart, Odair Braz Júnior, Renato Villiegas, Rodrigo Salem, Sérgio Rizzo
Ilustração Yuri Moraes, Fábrica de Quadrinhos
Revisão Mauro de Barros

aver editora
www.avereditora.com.br

PRESIDENTE
Cláudio Magnavita

Vice-Presidentes
Hélcio Estrella, Anderson Espinosa

GERENTE DE PUBLICIDADE
Dervail Cabral

CIRCULAÇÃO E OPERAÇÕES
Wagner Pinheiro

ASSISTENTE DE DIRETORIA
Elisângela Delabilia

REDAÇÃO E ESCRITÓRIO
São Paulo: Rua da Consolação, 1992, 10º andar, CEP 01302-000, Fone/fax (11) 3257-0577

REDAÇÕES E ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Rio de Janeiro - Fone/fax (21) 2509-1675
Brasília - Fone/fax (61) 3327-1449
Porto Alegre - Fones (51) 3231-3745 e 3061-3483
Florianópolis - Fones (48) 3024-3571/3575

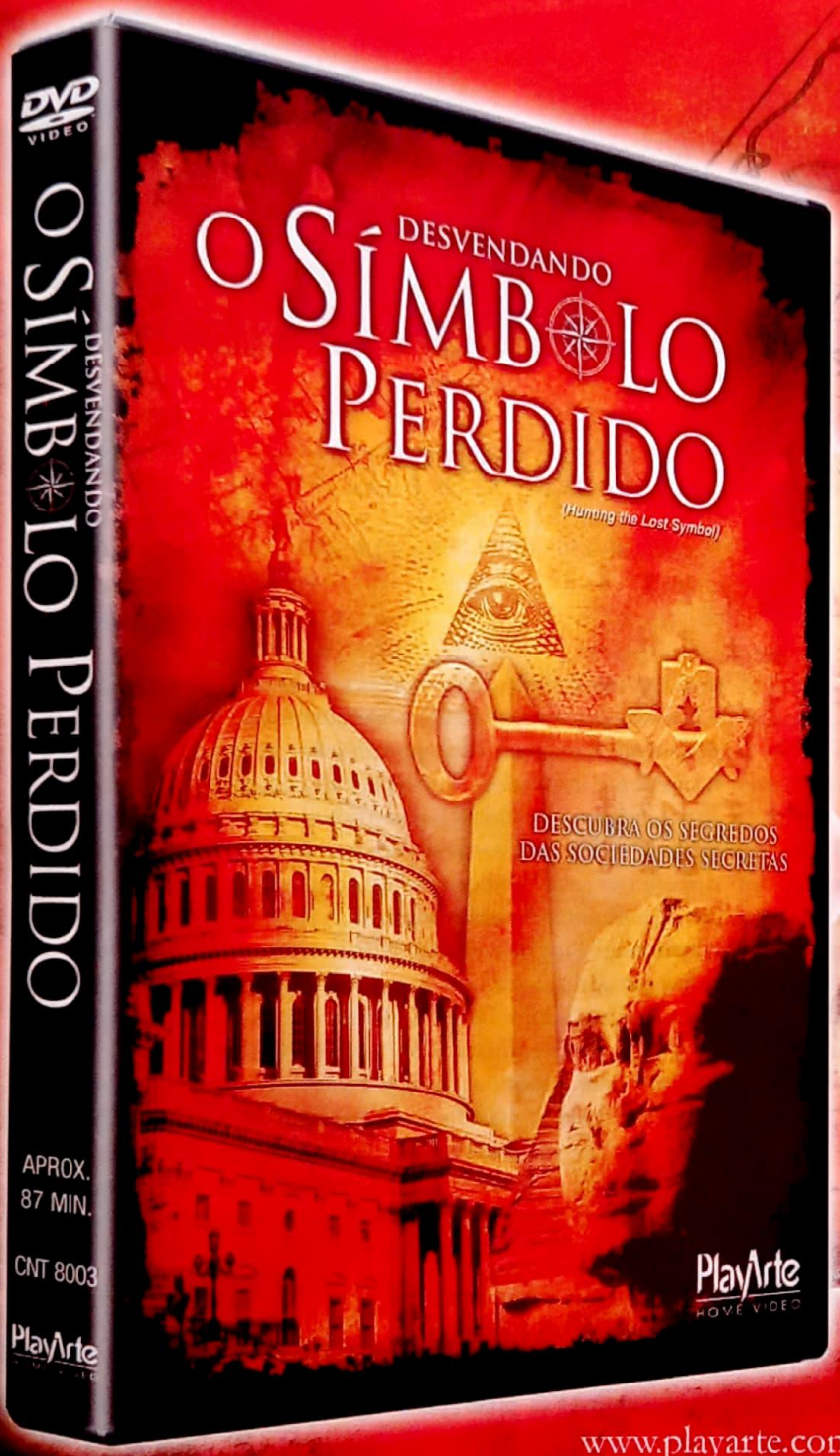
CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3038-1450. De segunda a sexta-feira, das 8 às 20h, e aos sábados, das 9 às 15 h.
assinanteset@avereditora.com.br

SET é uma publicação da Aver Editora.
Distribuição: Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações.

MERGULHE NO MUNDO DAS SOCIEDADES SUPERSECRETAS, O CENÁRIO DO MAIS NOVO BEST-SELLER DE DAN BROWN*

*Primeiro lugar no ranking de livros mais vendidos na semana de lançamento no Brasil, desbancando a Saga Crepúsculo.

Fonte: Revista Veja

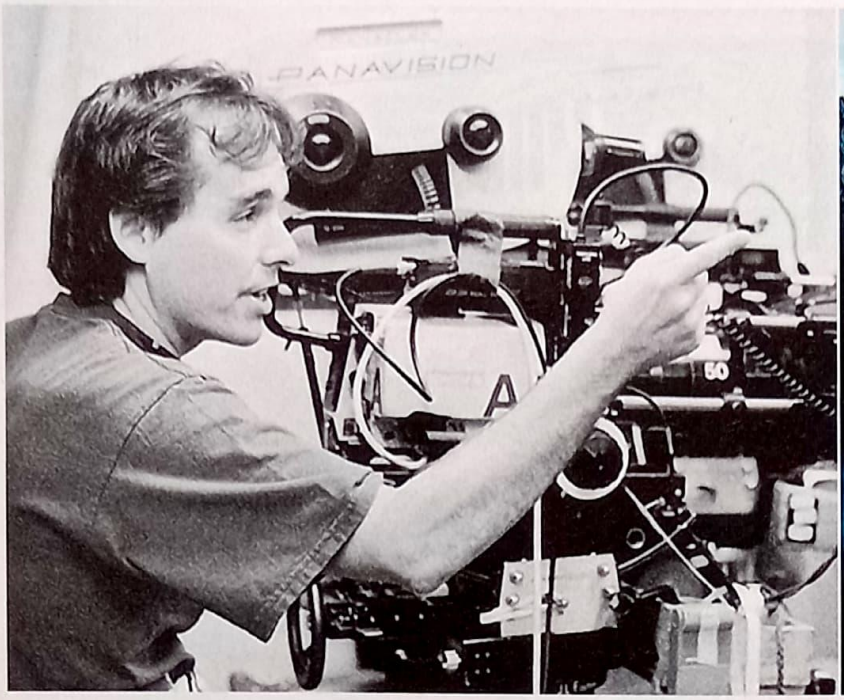


Uma viagem única pelos códigos secretos, arquitetura e símbolos encontrados no novo best-seller de Dan Brown.

DISPONÍVEL EM DVD!

www.playarte.com.br

PlayArte HOME VIDEO



Raio na garrafa: Chris Columbus tenta repetir o sucesso de *Harry Potter* com o semideus *Percy Jackson*

Mesmo alvo, magia diferente

Diretor dos dois primeiros Harry Potter, Chris Columbus encara o desafio de iniciar mais uma série com Percy Jackson

POR ROBERTO SADOVSKI

O diretor Chris Columbus encarou um trabalho hercúleo quando rodou, quase que simultaneamente, as duas primeiras aventuras do bruxo mirim Harry Potter no cinema. Valeu a pena: ele pavimentou o caminho para a série se tornar o colosso financeiro que já rendeu bilhões para a Warner e definiu o elenco perfeito para o trio de protagonistas – a primeira parte do fim de *Potter* chega este ano, e Columbus está sempre de olho. "Eu produzi o terceiro filme, mas depois me afastei para tocar meus próprios projetos", conta o diretor ao telefone.

O que ele não contava era voltar tão rapidamente ao mundo de grandes orçamentos e efeitos especiais de última geração, mas *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* foi mais sedutor do que o diretor poderia resistir. "Sempre fui fascinado por mitologia grega", continua. "*Percy Jackson* traz estes conceitos para a América de hoje." O filme é também mais uma tentativa de repetir o sucesso de *Potter*, adaptando para o cinema o protagonista adolescente de uma série literária de sucesso – ele descobre sua verdadeira herança num mundo em que predomina a magia. "Mas a semelhança termina aí", avisa Columbus. *O Ladrão de Raios* é a primeira de cinco aventuras de Percy Jackson e os Olimpianos – filhos de deuses que vivem na Terra e logo precisam trabalhar e estudar juntos para desenvolver suas habilidades. Criado por Rick Riordan em 2005, os direitos da série foram adquiridos pela Fox, que logo convocou Columbus para comandar o primeiro filme. "Eu achei que já tinha trabalhado com efeitos especiais o bastante pra uma vida inteira", brinca. "Mas o desafio de criar uma nova série, e neste universo, foi irrecusável." Os efeitos especiais também foram um atrativo à parte: "É impressionante como a tecnologia evoluiu desde que eu fiz *A Pedra Filosofal* e *A Câmara Secreta*. A capacidade do cinema em criar mundos está em outro nível, aumenta o desafio". Assim como todo diretor no planeta, Columbus também prestou muita atenção

O diretor de *(500) Dias com Ela*, Marc Webb, foi o escolhido para comand
cente da série HOMEM-ARANHA, que terá elenco novo, será rodada em 3

Xeque mate: Columbus mostra aos ainda meninos Daniel Radcliffe e Rupert Grint como jogar xadrez nos primórdios da série *Harry Potter*

em Avatar e nas mudanças causadas pelo filme de James Cameron. "*Avatar* mostrou o futuro, agora o jogo é outro", teoriza. "Até então, eu achava que o 3D era uma firula, e não uma ferramenta de narrativa."

O lançamento de *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, porém, não usou o recurso que ajudou a alavancar os números de *Avatar*. Um dos motivos seria o tempo necessário para converter o filme para o novo formato – tempo que Columbus não disponha. "*Percy Jackson* poderia ser lançado no verão, ou até no fim do ano, como foi o caso dos meus *Harry Potter*", explica. "Mas não somos o único filme a lidar com mitologia grega, criaturas míticas e efeitos especiais de última geração a chegar aos cinemas este ano – precisávamos ser os primeiros!" Ele se refere a *Fúria de Titãs*, refilmagem da aventura de 1981 que bebe nas mesmas fontes mitológicas, embora o foco seja completamente diferente. "Nosso conceito é mais original", alfineta.

A possibilidade de *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* se tornar uma série como *Harry Potter* ainda não é a maior preocupação de Chris Columbus – ao contrário do que aconteceu quando ele trabalhou com o personagem de J.K. Rowling, Columbus acha importante centrar seu foco em um filme de cada vez. Afinal, *Crepúsculo* foi uma série literária que repetiu o sucesso nos cinemas, mas o mesmo não pode ser dito de *A Bússola de Ouro* ou *Eragon*, grandes apostas que morreram na praia. Depois dos fracassos de *Rent* e *Eu Te Amo, Beth Cooper*, porém, um sucesso faria bem ao diretor. "*Beth Cooper* teve muitos problemas", minimiza. "Acho que o tamanho do orçamento não importa, e sim a paixão que você tem pelo projeto. Eu adoraria fazer outro *Percy Jackson*, mas ainda é cedo para pensar nisso."

Outro filme que também lida com mitologia e começou a ser rodado há pouco tempo desperta boas lembranças no diretor. Afinal, o *Thor* de Kenneth Branagh pode ser a primeira adaptação para o cinema do personagem da Marvel, mas não foi a primeira vez que ele foi representado em tela grande: a honra foi de Vincent D'Onofrio em *Uma Noite de Aventuras*, estréia de Columbus como diretor. "Eu era obcecado pela Marvel, e colocar Vincent com um martelo e aquela peruca loira foi minha pequena homenagem, embora o orçamento diminuto não tenha permitido nada além daquilo", brinca.

a reinvenção com cara adoles-
e estréia em 2012

Acabou a treta entre TOM CRUISE e a Paramount. O astro vai protagonizar *Missão Impossível IV* sob a supervisão de J.J. Abrams. E o estúdio tem pressa: quer a aventura pronta já para ano que vem.

Como se ninguém esperasse, o diretor ROLAND EMMERICH (*2012*) vai dirigir a trilogia *Fundação*, baseada na obra de Isaac Asimov, usando a mesma tecnologia de captura de movimento e filmagem em 3D de *Avatar*.

PENELOPE CRUZ é uma mulher esperta: nem deixou esquentarem o boato de que ela trabalharia em *Melancholia*, novo filme de Lars Von Trier (*Dogville*), e já anunciou que deve tomar parte do próximo *Piratas do Caribe* ao lado de Johnny Depp, com direção de Rob Marshall. Palmas para ela!

O elenco de *Pulp Fiction*, um dos grandes sucessos de crítica e público dos irmãos Harvey e Bob Weinstein

O fim de um sonho

Depois de agonizar em público, a Disney fecha as portas e coloca à venda a Miramax

POR SÉRGIO RIZZO

A Miramax nasceu pequena, quase caseira, em 1979. Cerca de dez anos depois, tornou-se a principal distribuidora independente dos EUA. Em seus melhores momentos, já atuando também como produtora, chegou a ser considerada a "menor das grandes" de Hollywood. Na segunda metade da década de 90, incorporada ao grupo Disney, parecia uma referência dos novos tempos. Seus fundadores, os irmãos Harvey e Bob Weinstein, eram tratados como executivos que simbolizavam a geração de novos poderosos do cinema norte-americano. Mas os Weinstein se foram em 2005, na esteira da tumultuada saída de Michael Eisner da chefia da Disney, e levaram a aura singular (e também altamente polêmica) da companhia. A mistura entre ousadia e prepotência que caracterizou a Miramax em sua fase ascendente deu lugar a uma gestão conservadora e errática. Para complicar, os efeitos da crise financeira de 2008, que atingiram o cenário independente dos EUA como um tufão, também complicaram o cenário. Final melancólico para essa história peculiar (ou, quem sabe, apenas mais um de seus capítulos): a Disney, sem interesse em manter o controle que adquiriu em 1993 por 100 milhões de dólares, está vendendo a Miramax.

Em termos concretos, o comprador terá os direitos sobre o catálogo (que, de acordo com estimativas realistas, gera dividendos na faixa de 100 milhões por ano, embora a Disney alegue que podem atingir 300 milhões) e decidirá o que fazer

com os longas em produção e as dezenas de filmes comprados pelos irmãos e que jamais viram a luz do dia. O pisão no freio teve início em outubro, quando a Disney enxugou em 70 por cento a estrutura da Miramax, deu início à transferência das operações de marketing, distribuição e de áreas de apoio para a sede do grupo, em Burbank, e anunciou que seriam produzidos apenas três longas por ano (número que variava de seis a oito).

No final de janeiro, os escritórios de Nova York e Los Angeles foram fechados; apenas cerca de dez funcionários continuam na folha de pagamento. O espólio está avaliado hoje em 700 milhões de dólares. Circula em Hollywood a informação de que, um ano atrás, a Disney tentou encontrar compradores por 1,2 bilhão, sem sucesso. Especula-se que, entre os possíveis interessados em fechar alguma espécie de acordo, figurariam empresas de médio porte como a Lions Gate, a Summit e a Relativity Media, os franceses do Studio Canal e o bilionário Nelson Peltz, sem falar nos próprios irmãos Weinstein, agora no comando da The Weinstein Company – que, por sua vez, enfrenta a rolagem de uma dívida estimada, há menos de um ano e antes do sucesso internacional de Bastardos Inglórios, em aproximadamente 500 milhões de dólares e renegociada pelo escritório que cuidou da turbulenta falência da Enron.

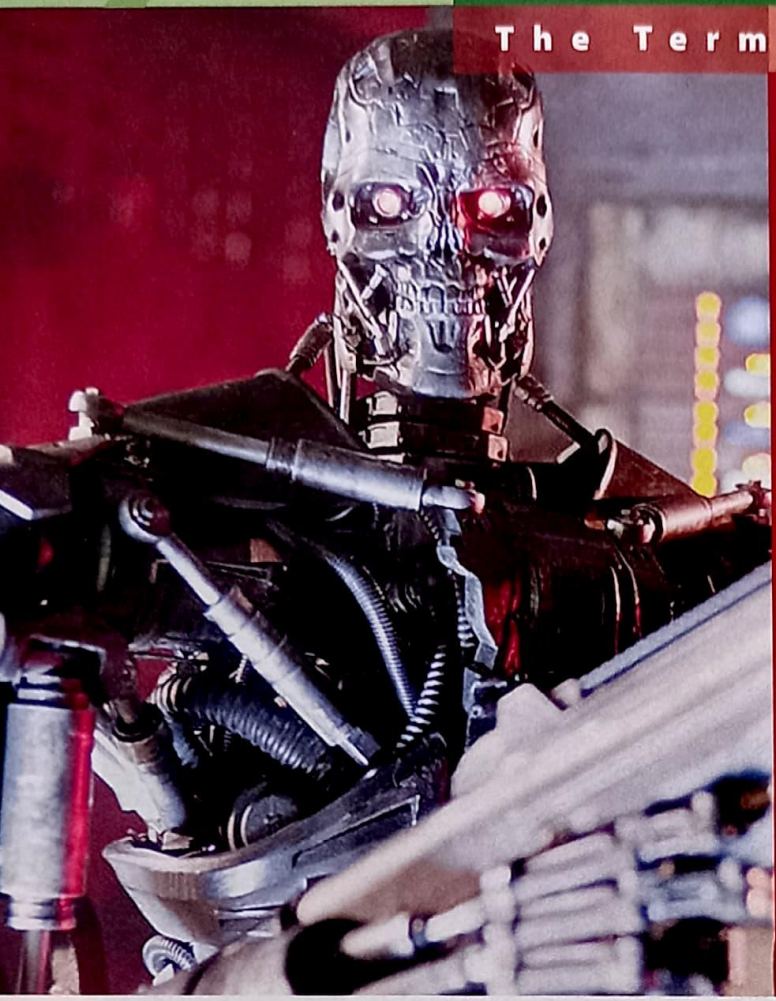
Nesse caso, o fôlego para a aquisição viria de dois fundos de investimento que participariam da compra e transfeririam o comando das operações para Harvey e Bob. Um dos derradeiros filmes a entrar em fase de pós-produção é *Don't Be Afraid of the Dark*, orçado em módicos 12,5 milhões. Dirigido pelo estreante Troy Nixey, foi escrito por Matthew Robbins (*Louca Escapada*) e Guillermo del Toro (*O Labirinto do Fauno*), e estrelado por Guy Pearce e Katie Holmes. Outros cinco projetos inacabados têm seu futuro incerto, como *The Tempest*, de Julie Taymor (*Frida*, *Across the Universe*), com Helen Mirren.

FÁBRICA DE TALENTO

Sob a gestão dos irmãos Weinstein, a Miramax se consolidou como uma das "torres gêmeas" do cinema independente norte-americano nos anos 1980 e 1990, na análise do jornalista Peter Biskind (autor de *Easy Riders, Raging Bulls – Como a Geração Sexo-Drogas-Rock'n roll Salvou Holywood*) em seu livro *Down and Dirty Pictures – Miramax, Sundance, and The Rise of Independent Film* ("Imagens Baixas e Sujas – Miramax, Sundance e a Ascensão do Filme Independente"). A outra torre seria o Sundance Institute, criado por Robert Redford.Entre os marcos simbólicos desse período bem-sucedido da Miramax, estão duas Palmas de Ouro em Cannes: a que reconheceu a onda independente (para *sexo, mentiras e videotape*, de Steven Soderbergh, em 1989) e a que registrou sua inserção na lógica da indústria (para *Pulp Fiction*, de Quentin Tarantino, em 1994). *Pulp Fiction* foi indicado também ao Oscar de melhor filme, conquistado pela Miramax, como produtora ou distribuidora, com *O Paciente Inglês* (1996), de Anthony Minghella, *Shakespeare Apaixonado* (1998), de John Madden, e *Chicago* (2002), de Rob Marshall. O catálogo da Miramax inclui também filmes de culto como *Cães de Aluguel* (1992) e os dois volumes de *Kill Bill*, todos de Tarantino, além de *Gênio Indomável* (Gus Van Sant, 1996), que lançou a carreira de Matt Damon e Ben Affleck, *O Balconista* (Kevin Smith, 1994), um marco da produção independente (de Smith o estúdio também tem *Procura-se Amy*, *O Império (Do Besteirol) Contra-Ataca* e *Menina dos Olhos*). E *Dúvida*, *Sangue Negro*, *A Rainha*, *Em Busca da Terra do Nunca*, *Era Uma Vez no México*, *Iris*, *Pequenos Espiões*, *O Talentoso Ripley*, *As Filhas de Marvin*...

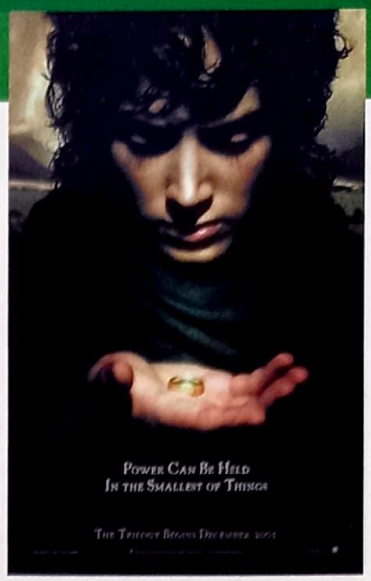
Pilha de sucessos: de cima para baixo, *Shakespeare Apaixonado*, *Sangue Negro*, *Chicago*, *O Paciente Inglês* e *Gênio Indomável*

The Terminator



Briga pelo futuro

Apesar dos 370 milhões de dólares faturados por *O Exterminador do Futuro – A Salvação*, Halcyon, a produtora da série, leiloou os direitos para se livrar de uma enorme dívida. Bizarrice número um: apesar de propostas da Lionsgate e da Sony, quem faturou o leilão foi o fundo de investimento (!) Pacificor, por 29,5 milhões de dólares. Bizarrice número dois: o fundo era o principal credor da Halcyon, então ficou tudo certo entre as duas partes. Bizarrice número três: como a Pacificor não produz e nem distribui filmes, está finalizando um acordo para deixar o trabalho duro nas mãos da.... Lionsgate e Sony. Embora o diretor McG grite aos quatro ventos que vai dirigir os próximos filmes, é uma possibilidade distante no jogo. A parte boa? O roteirista dos dois primeiros *Exterminador* ao lado de James Cameron, William Wisher, veio a público dizer que traçou uma narrativa para possíveis *Terminator* 5 e 6 que utiliza elementos dos quatro filmes existentes, traz de volta Sarah Connor e Kyle Reese (viagens no tempo são uma coisa), e ainda reserva papel para Arnold Schwarzenegger na aventura derradeira – que pode contar com robôs de metal líquido, ao estilo T-1000, capazes de se fundir num construto maior e mais mortal. Será que dessa mistura sai um final digno para a série?

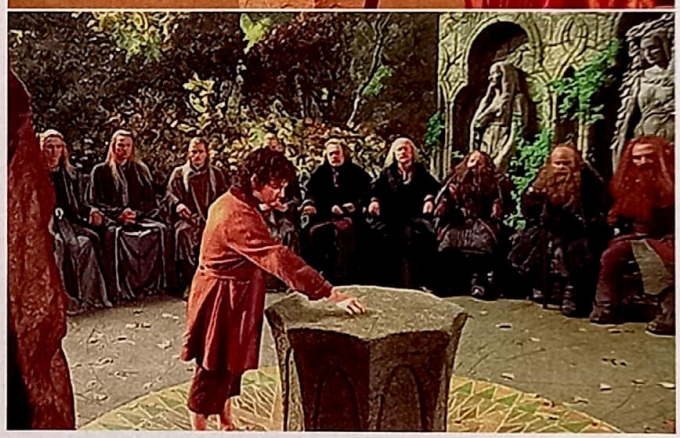


O Senhor dos Anéis *(2002, 2003, 2004)* de Peter Jackson

POR RODRIGO SALEM

Quando *O Retorno do Rei*, terceiro capítulo da saga *O Senhor dos Anéis*, papou nada menos que onze Oscar em 2004, o cinema finalmente viu acabar um dos maiores tabus de sua história. Antes dos filmes de Peter Jackson, produções de fantasia eram consideradas obras menores e infantis. O neozelandês mostrou que roteiros inteligentes, fotografia primorosa, atuações espetaculares e efeitos especiais podem conviver em harmonia e culminar numa joia cinematográfica que marcará toda uma geração. *O Senhor dos Anéis*, sem medo de estar cometendo um injustiça, é o *Guerra nas Estrelas* do novo século. Tudo que *Matrix* poderia ter sido, se não fosse os escorregões em *Reloaded* e *Revolutions*.

Elrond: Vocês têm apenas uma escolha. O Anel deve ser destruído.
Gimli: Então o que estamos esperando?
Gimli, o anão, levanta seu machado e o usa conta o Um Anel, postado no centro de uma mesa élfica. O machado se despedaça contra a jóia.
Elrond: o Anel não pode ser destruído, Gimli, filho de Glóin, por nenhum poder que temos aqui. O Anel foi forjado nas chamas da Montanha da Perdição. Somente lá ele pode ser desfeito. Ele precisa ser levado às profundezas de Mordor e jogado no fogo que o originou. Um de vocês precisa fazer isso.
Boromir: Ninguém simplesmente entra andando em Mordor. Seus portões negros são guardados por mais do que apenas orcs. Lá existe um mal que nunca descansa. O Grande Olho está sempre vigilante. É um descampado árido, infestado por fogo, cinzas e poeira. O próprio ar que se respira é venenoso. Nem com dez mil homens poderíamos fazer isso. É uma loucura.
Legolas: Você não ouviu o que Lorde Elrond falou? O Anel deve ser destruído.
Gimli: E imagino que você acredite ser capaz de fazê-lo?
Boromir: E se falharmos? O que acontece? O que ocorrerá se Sauron recuperar o que o pertence?
Gimli: Prefiro morrer a ver o Anel nas mãos de um elfo! Ninguém confia nos elfos.
Gandalf: Vocês não compreendem? Enquanto discutem, o poder de Sauron aumenta. NInguém escapará. Todos serão destruídos.
A discussão toma conta de todos os membros da reunião em Valfenda.
Frodo: Eu levarei. Eu levarei o Anel para Mordor. Embora... Eu não saiba o caminho.
Gandalf: Eu o ajudarei a carregar esse fardo, Frodo Baggins, enquanto ele for seu.
Aragorn: Se por minha vida ou morte eu puder protegê-lo, eu o farei. Conte com minha espada.
Legolas: E com meu arco.
Gimli: E meu machado.
Boromir: Você carrega o destino de todos nós, pequenino.



Mas se essa é mesmo a vontade do conselho, então Gondor a fará.
Sam: Ei! O sr. Frodo não vai a lugar nenhum sem mim.
Elrond: Claro que não, já que é impossível separar vocês dois mesmo quando ele é convocado para um conselho secreto e, você, não.
Merry: Esperem. Nós vamos também. Precisariam nos amarrar em um saco para nos impedir.
Pippin: De qualquer modo, vocês precisam de pessoas inteligentes para essa espécie de missão... jornada... coisa.
Merry: Então isso o deixa de fora, Pippin.
Elrond: Nove companheiros. Que assim seja. Vocês serão a Irmandade do Anel.
Pippin: Ótimo... Aonde vamos?

Woody Harrelson

Às vezes, um personagem parece feito sob medida para um ator. É o caso de Tallahassee, destruidor de mortos-vivos na comédia de ação *Zumbilândia*, e Woody Harrelson. Não que Woody, que trabalhou em filmes notáveis como *Assassinos Por Natureza* e *Além da Linha Vermelha*, passe seus dias eliminando desmortos. Mas existe algo na energia maníaca de Tallahassee que espelha o pique de Harrelson, com seu olhar vidrado e sua hiperatividade. Acostumado a trabalhar em grandes filmes que não se tornam sucesso de público, Woody experimentou um renascimento em 2009, participando não só de *Zumbilândia*, que se tornou um blockbuster inesperado, atualmente em cartaz no Brasil, mas também do filme-catástrofe *2012*, uma das maiores bilheterias do ano que passou. E foi nesse clima que o ator conversou com SET.

O que mais chamou sua atenção em *Zumbilândia*? Foi a comédia, a ação, os zumbis...

Cara, vou confessar uma coisa, filmes de zumbi sempre me assustam. Eu vejo *Extermínio*, *Eu Sou a Lenda*, e fico com medo. Não queria nem ler o roteiro de *Zumbilândia*, mas meu agente ficava me enchendo, "lê a porcaria do roteiro". E ainda bem que eu li, porque esses caras deram um jeito que não tirar as coisas assustadoras de um texto que é leve e engraçado.

Seu personagem era muito diferente no papel do que se tornou com sua contribuição?

Olha, o roteiro já era perfeito, o personagem basicamente era aquilo que você vê no filme. Um sujeito muito divertido, mas lá com os demônios dele pra resolver.

Você consegue se ver interpretando Tallahassee de novo?

(*risos*) É provável que sim, é possível que eu faça mais personagens até parecidos com ele. Agora, se você está se referindo a uma continuação... é provável. Ainda não falamos sobre isso, mas por que não?

Como você vê o mercado de cinema hoje? Vivemos numa era de remakes e continuações e adaptações, e ainda assim *Zumbilândia*, que é um trabalho original, se tornou um sucesso...

Acho que não existe uma fórmula. É como prender um raio numa garrafa, alguns filmes simplesmente clicam e caem no gosto do público. Eu tenho sorte, acho, já que não fiz um filme de sucesso nos últimos dezesseis anos, e em 2009 participei de dois. Eu acho que nesse tempo eu participei de filmes fantásticos que ninguém viu. (*risos*)

E você foi até indicado ao Oscar por um filme fantástico, *O Povo Contra Larry Flynt*, que não teve uma bilheteria alta...

O que foi muito frustrante. Eu tenho certeza que este filme seria um sucesso. Quando estreou, de forma limitada e em poucos cinemas, a resposta do público foi excelente. Mas aconteceu uma campanha violenta de Gloria Steinem (*jornalista americana e líder feminista feroz desde os anos 60*) e outras pessoas para ninguém ver o filme. E isso prejudicou a carreira do filme.

Além da escala, existe alguma diferença pra você em trabalhar num filme como *2012* e em algo menor como *Zumbilândia*?

Eu acabo sempre escolhendo um personagem em que eu enxergue algo interessante, que vá me dar prazer em interpretar. Porque, convenhamos, a maioria das vezes eu faço mesmo os filmes com zero por cento de chance de alguém assistir... (*risos*) De vez em quando é bom ser lembrado.

Você trabalhou com Milos Forman em *Larry Flynt*, e também foi dirigido por Oliver Stone, Terence Malick... Existe algum diretor com quem você tenha vontade de trabalhar?

(*hesitando*) Peter Weir, com certeza. Talvez Terry Gillian, Robert Rodriguez... Tarantino também. Mas com certeza Peter Weir.

Eu devo confessar que tive uma overdose de Woody Harrelson. Vi *2012* e *Zumbilândia* na mesma semana, e ontem à noite liguei a TV e *Assalto Sobre Trilhos* estava passando...

(*risos*) Sinto muito, cara. Da próxima vez te desejo sorte e espero que seja uma overdose de Nick Nolte!

ROBERTO SADOVSKI

FROTA 100% BRASILEIRA

Só a Azul tem 100% de sua frota de jatos fabricados no Brasil. Não somente por serem brasileiros, mas, acima de tudo, porque são os melhores aviões do mundo.

A Azul é a única empresa aérea do mundo com 100% da frota equipada com Head-up Displays duplos.

Os Embraer 190 e 195 da Azul são os jatos mais ecologicamente corretos em operação no país.

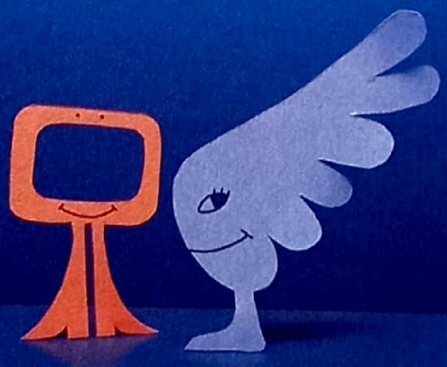
No Brasil, somente a Azul tem 100% de sua frota equipada com Electronic Flight Bags.

Além disso, eles não são lindos pra chuchu?

Tudo novo. Tudo Azul.

www.voeazul.com.br

Azul
Linhas Aéreas Brasileiras



Are You Talkin' To Me? POR ANDRÉ MORAES

Quem quer bacalhau?

O documentário Alô Alô, Terezinha! resgata um dos períodos mais importantes da música brasileira

Musica brega, romântica, rock, punk, new wave, axé, forró, os melhores e piores cantores do Brasil, bundas, anão que canta... Meu deus! Onde podemos ver tudo isso? Só existe um lugar: na *Discoteca* e no *Cassino do Chacrinha*.

Chacrinha é indiscutivelmente uma figura importantíssima para a cultura brasileira, pois o seu programa foi o "chão" do caldeirão pop de nosso país. A insanidade e o talento se misturavam naquele ambiente e era transmitido para todo Brasil pela (pensa na voz do Cid Moreira) Rede Globo de Televisão. E é com esse clima que Nelson Hoineff fez o brilhante documentario *Alô Alô, Terezinha!*. Desde que fiz a trilha sonora de *Lisbela e o Prisioneiro* que eu, com alma de roqueiro, me aprofundei em pesquisar e admirar músicas que são tidas como "bregas" – e foi justamente por causa disso que estava muito ansioso pra assistir ao filme. Conversando com cantores que já trabalharam comigo e também já se apresentaram no Chacrinha (Marcio Greyck, Sidney Magal, Caetano Veloso), pude ter a dimensão da importância do Velho Guerreiro na história da música brasileira.

Hoineff transportou a excentricidade e o brilhantismo do palco do Chacrinha para a linguagem de seu filme. Entrevistados como Fabio Jr, Roberto Carlos e Rita Cadillac abrem o jogo e falam como funcionava o programa. Depoimentos antológicos como o de Agnaldo Timóteo falando sobre João Gilberto são coisas impagáveis que só *Alô Alô, Terezinha!* tem. Sente a verve do Timóteo: "Nelson Motta falou que o João Gilberto fez um show impecável em Miami. Impossível! Não canta porra nenhuma, é chato! É antipático! Como o show pode ter sido bom?". Coisa de gênio. Uma outra parte do longa que eu adoro é quando alguns calouros que não foram aprovados são entrevistados. É sensacional.

Mas são mesmo as chacretes, símbolo máximo da corte do apresentador, o centro emocional do documentário. Mostrando o passar do tempo, Hoineff costura histórias paralelas das moças que se cruzam, misturando frustração, medo de envelhecer e a decadência. Listas de homens famosos que já "traçaram" as chacretes são enumeradas pelas próprias sem o menor traço de pudor... Nem mesmo o ex-presidente "Francisco" Collor (é assim que uma das moças o chama) é poupado. *Alô Alô, Terezinha!* chega numa hora perfeita (o filme está disponível agora em DVD), quando a MPB se encontra em total decadência e nos faz perceber que os artistas ao qual a mídia sempre chamou de brega tem um valor gigantesco em nossa cultura e na formação popular. Sendo assim, viva a música romântica! Viva o brega, viva Fábio Jr., viva o cafona... Viva Chacrinha!

O compositor e diretor André Moraes criou a trilha sonora de *Lisbela e o Prisioneiro* e dirigiu o curta-metragem *Ópera do Mallandro*

voetrip.com.br
Ligue 0300 789 8747

VOE COM A TRIP PARA SALVADOR, PORTO SEGURO, RIO, RECIFE E MAIS DE 70 DESTINOS.

AO DESCER DO AVIÃO, CONFETES E SERPENTINAS CAIRÃO AUTOMATICAMENTE SOBRE SUA CABEÇA.

A TRIP é a maior companhia aérea regional do Brasil e voa para mais de 70 destinos, em todas as regiões. Você vai confortavelmente, sem poltrona do meio, com serviço de alto nível e um excelente ambiente a bordo. A nossa frota tem as melhores aeronaves para aviação regional do mundo, como o ATR 72-500, e os novíssimos jatos Embraer 175 (86 lugares) que acabaram de chegar. Com tantos destinos, você certamente achará o seu.
Acesse nosso site e boa viagem.

TRIP
Linhas Aéreas
MAIS DESTINOS PARA VOCÊ.

Leo Burnett Brasil

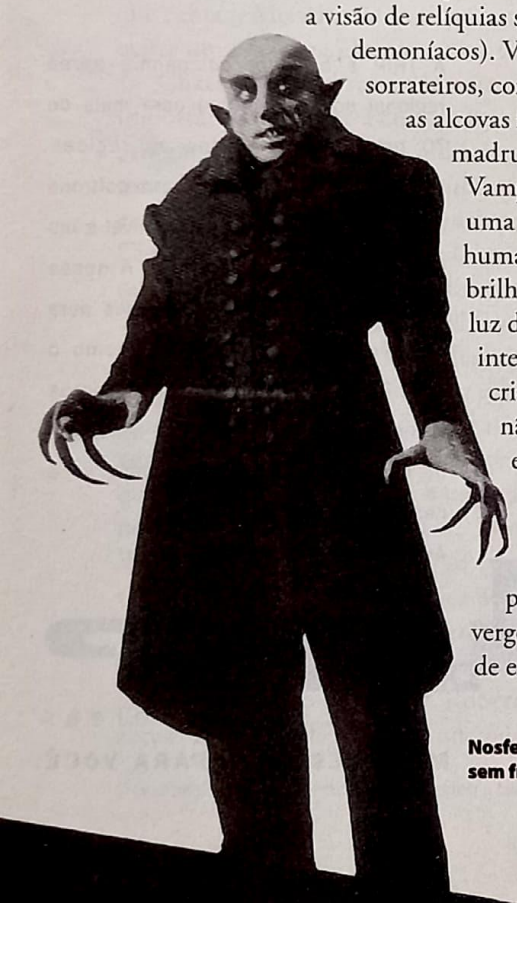
Gabinete de curiosidades POR DENNISON RAMALHO

Benditos sejam... os malditos!

Nosso colunista destila condenações iradas à recente descaracterização hollywoodiana dos filmes de vampiro

Edward Cullen... Ele tem 108 anos e ainda precisa ir à escola. E não aprendeu nada! Então eu vou ensinar, para ele e para você, leitor, o que são vampiros de verdade. Em primeiro lugar, informo que este é um artigo opinativo. Se você não gostar, batalhe sua própria coluna, ou reporte-se à seção de Cartas. Minhas palavras serão amargas e vingativas! Serei um advogado de defesa dos verdadeiros hematófagos: aqueles que povoam o cinema, a literatura e a tradição oral do horror! Vamos botar ordem nessa chacrinha! Esqueça Stephenie Meyer e seus "vampiros" afetadinhos! O negócio aqui é podridão, crueldade e diabolismo: vampirismo pra valer!Comecemos pelo começo. De acordo com meu livreto *O Que é Vampiro* da Coleção Primeiros Passos (guiazinhos de assuntos gerais publicados nos anos 80 – mais ou menos o equivalente brasileiro da série *For Dummies* americana), eis a definição do nosso monstro: "... [vampiro] vem da palavra húngara vampyr, sanguessuga; mas o que importa é o horror ao bicho, uma vez que o conceito está associado a criaturas de terrível espectro: mortos que saem misteriosamente de suas sepulturas, à noite, para buscar sangue fresco dos vivos que dormem".

Só essa definição já varre Edward Cullen e sua caterva do nosso leque de consideração mínima. O papo aqui é "dorme na cama é passarinho, não morcego!" Vampiros repousam em caixões, fogem do elemento alquímico do alho, não suportam a visão de relíquias sagradas (porque são demoníacos). Vampiros são monstros sorrateiros, como ratos, que invadem as alcovas feminis no meio da madruga para roubar sangue. Vampiros têm presas e são uma regressão da condição humana! Não são deuses que brilham como diamantes à luz do sol (por favor, alguém interdite essa autora!). São criaturas cruéis e perversas, não animais predadores, e muito menos junkies viciados em sangue ("Seu sangue é minha heroína!" – Stephenie, por favor, não me faça ter vergonha da dita liberdade de expressão!).



Nosferatu de Murnau: vampirismo sem frescuras

É ASSIM QUE SE FAZ!

O assunto desta distinta publicação é Cinema. Então, falemos de vampiros sob a luz da tela demoníaca. Desçamos ao inferno! Tolerância zero com o namoradinho da Bella! A dobradinha Drácula/Nosferatu é o princípio inevitável do mito vampírico na cultura de massa. Drácula, criação imortal de Bram Stoker, baseado em tradições e mitos do Leste Europeu! Sim, da região dos Balcãs e da fronteira húngaro-romeno-turca é que vem as lendas de vampiros. De lá é que veio a bula, importada para o cinema e desprezada pelos ficcionistas recentes (vampiros jogando baseball! E de dia! Meu Deus... É o fim!). E o mais alto representante desta escola europeia é o príncipe supremo das trevas, a filial do diabo na terra, o nefasto Conde Drácula.

Nosferatu, o vampiro que desvirginou o Cinema, era, na teoria, o nosso detestável Conde. O filme de 1922, *Nosferatu: Uma Sinfonia de Horror*, era originalmente uma adaptação da novela de Stoker. Mas um problema de direitos autorais entre o diretor alemão F.W. Murnau e a viúva do autor impediram uma filmagem literal do livro. Mudaram-se alguns detalhes e o filme foi realizado assim mesmo, imortalizando o primeiro vampiro de verdade a rondar as telas do Cinema: o Conde Graf Orlock, interpretado por Max Schreck! Ele era medonho, apavorante, sorrateiro. Sua imagem é perturbadora, ainda hoje, quase um século depois de seu surgimento. Compare as caras e bocas do pó-de-arroz Robert Pattinson às feições escaveiradas de Schreck pra entender do que falo. A história lhe faz justiça. Pois imagens que aterrorizam pra valer gravam-se a fogo na memória. Eis porque é impossível esquecer Schreck! Esperem e vejam, com deleite, o quão rápido a série *Crepúsculo* será deglutida e esquecida na cloaca dos genéricos cinematográficos. Ao contrário, Nosferatu seguirá figurando como a imagem inicial de um pesadelo visionário chamado Filme de Terror.

A continuar o espezinhamento, chegam dois pesos pesados: Bela Lugosi e Christopher Lee. O legado de Drácula foi sinistra. Aliás, eram faces e olhares algo psicóticos... Bela Lugosi era húngaro (originário da própria região dos mitos vampíricos), e encarnou o lado nobre de Drácula. Amortalhado em uma fúnebre capa preta, era quase uma contradição vê-lo interpretar o dignatário da Transilvânia e, logo a seguir, encontrá-lo invadindo aposentos de damas indefesas em busca de sangue. Vejam bem, vampiros têm só um objetivo: sangue. Não têm dilemas morais e crises de personalidade. Vampiros de verdade odeiam seres humanos. Aliás, adoram odiá-los! E não bebem sangue de galinha, tipo Brad Pitt em *Entrevista com o Vampiro*. Bela Lugosi interpretou Drácula em dezenas de filmes, durante a era de

ouro do Terror encabeçada pelo estúdio Universal. Foi um reinado de quase trinta anos de medo.

SANGUE E MALDADE

Após esse período, e com o advento da cor, o britânico Christopher Lee criou a imagem definitiva de Drácula, nos filmes da produtora inglesa Hammer Films. Isso é indiscutível. Este é um artigo opinativo, já disse! Christopher Lee É o Conde Drácula. O que os filmes desta época têm de sobra, e que falta à cultura vampírica de hoje, é um saudável primitivismo. Vampiros de verdade entram num êxtase cego e demoníaco quando se alimentam de sangue. Não é tipo abrir uma latinha de cerveja, como em *True Blood* (outra pataquada americana). Ao ver Christopher Lee babar sangue feito um facínora, com os olhos vermelhos de cólera, entendemos porque, em algum lugar do passado, filmes de vampiro eram considerados obras de mentes degeneradas.

Outros componentes importantes dos vampiros da era Hammer eram o seu sadismo e suas ligações com o ocultismo. Torturas, manipulação de cadáveres, sacrifícios humanos, missas negras... tudo isso era levado a cabo com prazer delirante pelos senhores da noite. Nunca os filmes de vampiro foram tão aterrorizantes e peturbadores. Obras luminares deste período incluem: *O Vampiro da Noite* (1959), *Os Ritos Satânicos de Drácula* (1973), *Luxúria de Vampiros* (1971), *O Circo dos Vampiros* (1972) e *O Conde Dracula* (1970). O legado da Hammer Films brindou-nos com outros apavorantes vampiros de verdade: entre eles Carmilla Karnstein, a vampira lésbica e sedutora de *The Vampire Lovers* (1970), e a Condessa Nádasdy, de *Condessa Dracula* (1971) – esta última, a versão cinematográfica definitiva da lenda da Condessa Elisabeth Bathory (a nobre húngara do Século 16, acusada de banhar-se em sangue de virgens para rejuvenescer).

Nesta mesma época, Boris Karloff interpretou na Itália o único vampiro de sua carreira em *O Vurdálak* (episódio de *Black Sabbath – As Três Faces do Medo*, de Mario Bava, 1963). Não bastasse ser um vampiro, o Vurdálak ainda alimentava-se de pessoas de sua família, quando em vida. E – cerejinha do bolo – despedaçava suas vítimas! Este pequeno episódio é um dos pontos altos da carreira do grande Karloff e do visionário maestro do Terror italiano Mario Bava. Vampiros nesta época ocupavam-se do que interessa: sangue e maldade! Nada de cavalinhos-de-pau em carros esporte, ou bailes de formatura (bailes de formatura?! A que baixeza chegamos!).

LIMPANDO A BARRA DOS EUA

Para fazer alguma justiça ao Cinema americano, citemos dois vampiros de verdade que surgiram das câmeras estadunidenses, em tempos recentes, e que fizeram bonito nos seus papéis de ladrões de sangue sedutores e impiedosos. O primeiro é Barnabas Collins, vampiro-protagonista da série *Dark Shadows*. Interpretado por Jonathan Frid, Collins é um morto-vivo do Século 18, libertado acidentalmente por um caçador de tesouros. Em sua trajetória, ele acaba assombrando a fazenda de seus descendentes, no século 20. O vampirismo de Collins é fruto da maldição de uma bruxa apaixonada, em vingança a um sonoro pé-na-bunda que levou do próprio quando vivo.

Já nos anos 1980, chega a segunda grande caracterização americana de um vampiro tosco, primitivo e que merece morrer: Radu, protagonista da série *Subspecies*. Apesar dos inúmeros clichês, essa criatura aparece como talvez o último dos vampiros-vilões do Cinema. Ele é monstruoso, sujo, de aparência fétida. Suas presas são imundas, seu corpo é disforme, e seu caixão é podre. Radu é excelente: malévolo, sorrateiro, tarado – uma perfeita criatura das trevas babando sangue gosmento, com olhar injetado de luxúria! Não se fazem mais desses. Hoje, os bichos voam, correm, trepam em árvores. Eles recebem as namoradas para jantar e andam durante o dia, diluídos em efeitos especiais descartáveis. Hoje eles são bonitinhos, fofinhos, desejáveis. Quase carentes. Ah, vão... *#&@@%+! Depois de revisitar todas estas medonhas encarnações do verdadeiro vampirismo no Cinema, o que pode sobrar do legado de *Crepúsculo*, *Anjos da Noite* e afins, senão a vergonha de suas existências em si?

CINCO VAMPIROS QUE MERECEM MAIS RESPEITO DO QUE EDWARD CULLEN:

1. DON DRÁCULA: desenho animado baseado no mangá do mestre japonês Osamu Tezuka, exibido no Brasil no *Clube da Criança*, da extinta TV Manchete (o programa onde baixinhos eram atormentados por uma Xuxa incontrolável). Don Drácula era pai da vampirinha Sangria e era extremamente trapalhão em seus ataques.

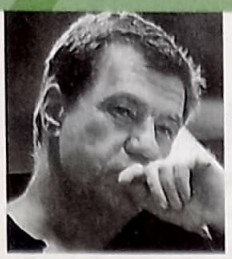
2. QUACKULA: outro habitué do *Clube da Criança*, esse vampiro-pato era um dos inimigos do Super-Mouse, e dormia num caixão em forma de ovo.

3. BENTO CARNEIRO: o "vampiro brasileiro". Criação de Chico Anísio para o seu show humorístico homônimo na TV Globo. Fez o maior sucesso por volta de 1985. Bento Carneiro era desdentado e assistido em suas mal-sucedidas assombrações por Calunga, um fiel servo-zumbi.

4. O MINI-VAMPIRO: interpretado pelo anão Chumbinho – superstar da Boca do Lixo – no pornô *As Taras do Mini-Vampiro* (1987), esse sanguessuga só atacava casais em plenas vias de fato (depois de espiá-los bastante, é claro).

5. VAMPA: o vampiro do Bairro Pinheiros, em *Olhos de Vampa* (1987), de Walter Rogério, curtia era morder nosso tesouro nacional, a bunda. Interpretado por Joel Barcellos, o filme mostra seus ataques no melhor estilo sensacionalista do extinto jornal *Notícias Populares*. Foi "vaiado de pé" pelo público Festival de Brasília, em sua mais espúria injustiça.

O roteirista e diretor Dennison Ramalho escreveu *Encarnação do Demônio* e dirigiu o curta *Amor Só de Mãe*



JOHN MCTIERNAN

Perdido na selva

O diretor de *Duro de Matar* conversa com SET na curva do Rio Amazonas

Desde que foi criado, em 2004, o Amazonas Film Festival é uma alternativa aos eventos similares que acontecem no Brasil. Em primeiro lugar, a proposta por exibir filmes de aventura. A segunda, a inspiradíssima escolha dos presidentes do júri, que foram de Alan Parker a Roman Polanski. Mas a última edição do Festival, realizada em novembro passado em Manaus, trouxe uma atração curiosa: o diretor John McTiernan, responsável por clássicos modernos como *Predador* e *Duro de Matar*, mas afastado dos cinemas desde 2003, quando dirigiu o eficiente *Violação de Conduta*, com John Travolta e Samuel L. Jackson. O motivo foi seu envolvimento no escândalo protagonizado pelo investigador particular Anthony Pellicano, acusado de utilizar escutas ilegais. Conversar com McTiernan num barco fazendo passeio pelo rio Amazonas teve suas vantagens – a principal foi o clima descontraído. A princípio um pouco reticente, aos poucos ele falou sobre seus sucessos, fracassos, o processo e planos para o futuro, Mas, acredite, o que ele mais queria era aproveitar a paisagem.

O CINEMA DE AÇÃO

Apesar de ter criado filmes que redefiniram o gênero, McTiernan diz que não gosta de ser rotulado como um homem de um só talento. "Os filmes que fiz, acima de tudo, traziam histórias sensacionais", reflete. "E uma boa história vem antes de tudo." Pergunto de ele está curioso para ver *Os Mercenários*, no qual Sylvester Stallone mimetiza o estilo consagrado nos anos 1980: "Nunca ouvi falar deste filme".

EFEITOS DIGITAIS

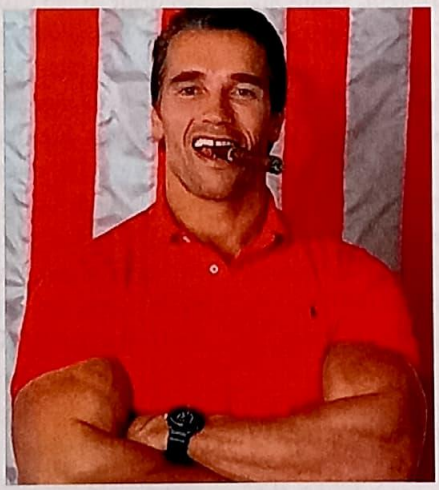
Apesar de ativo até o começo dos anos 2000, McTiernan não embarcou na onda das traquitanas geradas por computador. "Entendo sua importância narrativa e econômica", conta. "Mas prefiro saber que o ator está vivendo aquela situação, ainda que em um ambiente controlado."

O CASO PELLICANO

McTiernan foi acusado de ter mentido ao FBI em relação à investigação sobre as escutas ilegais plantadas pelo investigador Anthony Pellicano. Sentenciado a quatro meses na prisão, seus advogados reverteram a sentença, mas o caso continua aberto. "Enquanto isso não for resolvido, não posso dirigir, já que as seguradoras não avalizam nenhum filme com meu envolvimento", lamenta. "O FBI queria que eu mentisse para incriminar outras pessoas, e como me recusei, fui queimado."

POLÍTICA

Dois dos atores que ele dirigiu – Arnold Schwarzenegger e Jesse Ventura em *Predador* – se tornaram governadores. "E



o próximo é Alec Baldwin, que trabalhou comigo em *Caçada ao Outubro Vermelho*", avisa. "Pode escrever, ele será senador."

ORSON WELLES

Apesar de estar no Brasil para acompanhar o Amazonas Film Festival, McTiernan também queria sentir o clima político e social local, já que um de seus projetos em desenvolvimento diz respeito a Orson Welles e o período que ele passou no Brasil. "Welles foi ao Rio de Janeiro fazer um documentário sobre o Carnaval como parte de uma política de boa vizinhança do governo americano, que temia que países da América do Sul se aliassem ao Eixo durante a Segunda Guerra", relata. "O que ele realizou foi o que ele viu: um segmento sobre jangadeiros em uma jornada para reclamar ao presidente Getúlio Vargas sobre suas condições de trabalho precárias. Welles era um homem do povo, isso incomodava os poderosos, e seu isolamento no Brasil foi a desculpa que chefes de estúdio precisavam para minar seu poder." O filme que ele deixou incompleto no Brasil, *É Tudo Verdade*, foi lançado em 1993 – mas McTiernan quer se aprofundar no que fez Welles ficar no Brasil. Ele olha para as palafitas ao longo do Amazonas e suspira: "Talvez ele tenha visto o que não queriam que ele enxergasse".

ROLLERBALL

Não dava para terminar o papo sem perguntar o que diabos aconteceu com a desastrosa refilmagem de *Rollerball*, que McTiernan cometeu em 2002. "Simples, eu só rodei metade do roteiro", revela. "O estúdio cortou o dinheiro e mandou parar a produção. Montei o que estava pronto, mas não tinha a história inteira."

Esta estréia você não poderá perder

CLUBE DO ASSINANTE SET

SUA REVISTA DE CINEMA em breve muito mais próxima de você!

Pré-estréias exclusivas para assinantes

Senha para a acesso a informações exclusivas no site

Newsletter semanal por e-mail

Fóruns de discussões sobre cinema e reportagens da revista

Descontos na loja virtual SET no nosso site

Se você já é assinante da SET, acesse **www.revistaset.com.br** e cadastre o seu e-mail agora mesmo.

Assine SET e faça parte deste clube!

Fatos & Mitos POR ALFREDO STERNHEIM

Joan Bennet: de loira ingênua a morena fatal em uma transformação que só Hollywood consegue realizar

Joan Bennett: elegante e fatal

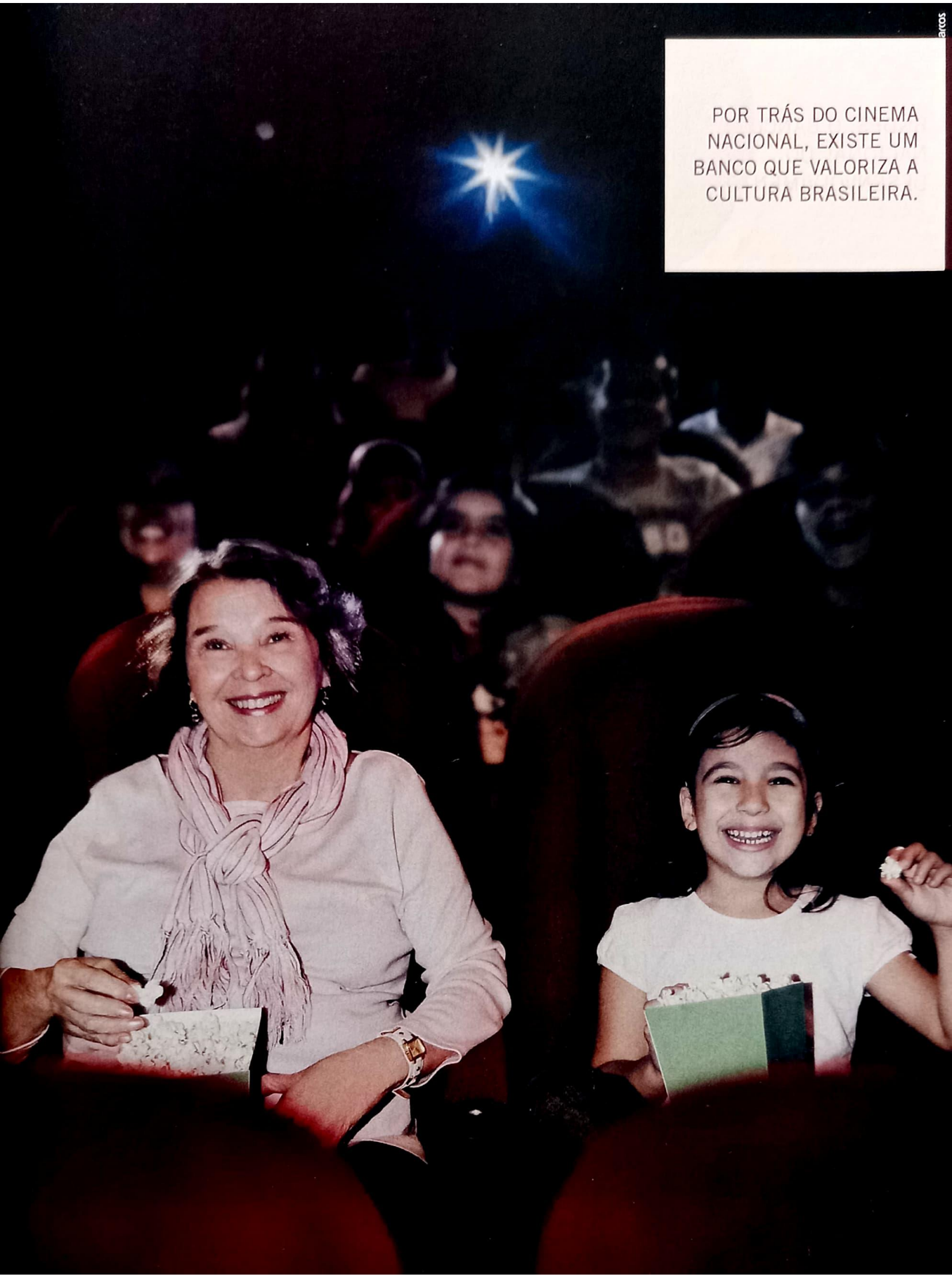
No centenário de seu nascimento, a lembrança da bela atriz cuja vida acabou tendo episódio similar ao de alguns filmes que fez

Nascida em Pelisades, New Jersey, no dia 27 de fevereiro de 1910, a norte-americana Joan Geraldine Bennet parecia predestinada a ser atriz. Afinal, seus pais faziam sucesso no palco e em alguns filmes. E uma de suas irmãs mais velhas, Constance, decidiu seguir a carreira. Mas Joan não se mostrava interessada, embora fizesse algumas pontas por influência familiar. Só ao se ver largada pelo primeiro marido, com uma filha para sustentar, é que resolveu encarar Hollywood profissionalmente. Em 1929, passou a ganhar papéis de destaques. Ela tinha méritos próprios, embora muitos digam que se apoiou nos maridos. O segundo, dez anos mais velho, foi o produtor e roteirista Gene Markey. A união durou três anos.

Foi o terceiro, Walter Wanger (dezesseis anos mais velho), quem realmente deu um novo rumo à carreira de Joan. Até então loira e fazendo personagens ingênuas, sob a tutela de Wanger (com quem teve duas filhas), Joan ficou morena e passou a dar vida para mulheres fatais, elegantes e predadoras. Nesse sentido, destacam-se quatro filmes que fez sob a direção do grande Fritz Lang, a partir de 1941: *O Homem que quis Matar Hitler*, *Um Retrato de Mulher*, *Almas Perversas* e *O Segredo da Porta Fechada*. Em 1949, o marido a fez voltar para personagens virtuosas. Como a mãe determinada de *Na Teia do Destino*, de Max Ophuls.

Mas outro Lang tinha presença marcante na vida de Joan: seu agente Jennings Lang. Informado de que ele era amante de sua mulher, Wanger resolveu dar um flagra no último dia de 1951: esperou os dois chegarem juntos ao estacionamento da empresa onde Jennings trabalhava. Embora negassem o adultério, o produtor atirou e atingiu o agente em sua genitália. Mas graças a um bom advogado que alegou insanidade emocional, Wanger cumpriu pena pequena. A vida parecia estar imitando a arte.

Com o escândalo, a carreira de Joan perdeu brilho, embora prosseguiu atuando até 1982, seja em comédias como *Veneno de Cobra* ou em produções de TV. Wanger saiu da prisão e produziu, entre outros, *Eu Quero Viver*, que valeu o Oscar de melhor atriz de 1958 à Susan Hayward. Ele só concedeu o divórcio a sua mulher em 1965, dois anos depois de iniciar a produção do complicado *Cleópatra*, com Elizabeth Taylor. Joan voltou a casar-se em 1978 com o crítico de cinema David Wilde. Ele estava ao seu lado, assim como algumas das suas filhas e netas, quando a atriz morreu em Nova York, no dia 7 de dezembro de 1990. Mesmo marcada como mulher fatal na tela e na vida, não lhe faltaram carinho e admiradores. ■



POR TRÁS DO CINEMA NACIONAL, EXISTE UM BANCO QUE VALORIZA A CULTURA BRASILEIRA.

BNDES. O BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO.

O BNDES é um dos principais parceiros do cinema nacional. Está presente desde a produção e distribuição de filmes até o patrocínio de festivais e o financiamento de salas de exibição. Por tudo isso, o BNDES já pode ser considerado um protagonista da indústria brasileira do audiovisual, mesmo atuando por trás das câmeras.

Ouvidoria: 0800 702 6307
www.bndes.gov.br

BNDES

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

A BATALHA PELO

OSCAR 2010

A festa do Oscar não é estranha a brigas de Davi e Golias, mas neste ano os extremos ganharam contornos ainda maiores. Embora o campo tenha sido ampliado (são dez filmes concorrendo ao principal prêmio), o Oscar 2010 tornou-se uma briga de (ex) casal: James Cameron, no ringue *Avatar*; e Kathyn Bigelow, responsável por *Guerra ao Terror*. Nas páginas a seguir, você fica conhecendo melhor cada um deles – mas o resultado a gente só fica sabendo na noite de 7 de março. Já fez suas apostas?

A BATALHA POR

MELHOR FILME

AVATAR ★★★★★

Dia 3 de fevereiro, um dia depois de abocanhar oito indicações ao Oscar, *Avatar*, a ficção científica revolucionária de James Cameron, quebrou o último de seus recordes: com 603 milhões de dólares em caixa, deixou na poeira os 600 milhões que *Titanic* arrecadou nas bilheterias americanas há mais de uma década. Além disso, *Avatar* é também a maior bilheteria mundial da história, com, até o momento, 2,1 bilhões de dólares na registradora. Certo, ingressos em 3D são mais caros. Certo, existe a correção pela inflação, o que faz uma comparação com... *E o Vento Levou*, por exemplo, impossível (simplesmente não existem dados o bastante para equilibrar a balança). Ainda assim, *Avatar* só precisou de 47 dias, menos de dois meses, para arrasar com todos os recordes e deixar indústria e plateia a seus pés. Nada mal para um filme que muitos consideravam, no mínimo, fadado a não recuperar seu custo (não existe números oficiais, mas a soma pode bater nos 400 milhões de dólares entre custos de produção e marketing). O efeito-*Avatar* já pode ser sentido nas engrenagens hollywoodianas. A aventura *Fúria de Titãs* teve sua estreia adiada em algumas semanas para que o filme pudesse ser convertido para 3D – o mesmo vale para os dois últimos capítulos da saga de *Harry Potter*. Mais e mais cinemas ao redor do globo estão sendo convertidos para o formato – o que significa ingressos mais caros e, em teoria, mais dinheiro no bolso. Ainda assim, o 3D sozinho não explica o sucesso acachapante de *Avatar*. Nem sua trama, em total sintonia com os anseios do homem moderno, mas nada inédito em seu conteúdo. *Avatar* também não caminhou na cola de nenhum produto que já tivesse uma base de fãs, como um livro, uma história em quadrinhos ou mesmo um jogo de videogame. É um fenômeno. Que pode consagrar, na noite de 7 de março, Cameron como Rei do... Universo? E além!

A favor: é a maior bilheteria da história e é também um ótimo filme. A Academia pode querer combinar o melhor dos dois mundos.

Contra: Será que os votantes querem mesmo que o ego de James Cameron exploda o teto do Kodak Theater?

GUERRA AO TERROR (THE HURT LOCKER) ★★★★★

Até onde a memória alcança, a Guerra do Iraque rendeu cerca de duzentos filmes (além de séries para a TV). Muitos documentários, alguns longas memoráveis, a maioria esquecíveis. Não é nenhum exagero afirmar que *Guerra ao Terror* é o melhor deles. A diretora Kathryn Bigelow capturou a urgência do conflito, a tensão constante a que são submetidos os homens que deixam seu país para encarar a morte diariamente num lugar estranho. Isso vale em dobro para o sargento William James (Jeremy Renner) e sua equipe de dois soldados, responsável por desarmar bombas em meio ao conflito – sendo que, no cenário de guerra do Iraque, qualquer objeto pode ser uma bomba, e todo mundo, um terrorista em potencial. Não ajuda o fato de James não dar muita importância ao protocolo e, pior ainda, parecer viciado na adrenalina que é encarar a morte tão de perto. Longe de ter criado um filme de ação com cenas de batalha elaboradas, Bigelow, seguindo o roteiro de Mark Boal, fez um filme em ritmo desacelerado, em que os segundos intermináveis são ainda mais longos quando acompanhamos a equipe trabalhando – seja investigando um automóvel com o porta-malas recheado de explosivos, seja acuado numa trincheira sob a mira de um atirador. Aos poucos, *Guerra ao Terror* (o título original, *The Hurt Locker*, é uma gíria que significa o lugar metafórico onde alguém se encontra ao falhar miseravelmente em uma tarefa) foi conquistando prêmios em festivais pelo mundo e a simpatia da crítica americana, sendo escolhido como melhor filme de 2009 pela maioria das associações críticas – e citado até como um dos melhores da década. Nada mal para um filme que Bigelow originalmente não demonstrou interesse em dirigir – mas terminou convencida por seu ex-marido, justamente James Cameron.

A favor: é o queridinho da crítica e o filme independente artisticamente mais bem-sucedido do ano.

Contra: não tem alienígenas azuis nem foi rodado em 3D, e a Academia pode achar que as indicações (e até um prêmio de direção para Kathryn Bigelow) estão de bom tamanho.

MELHOR FILME

UM SONHO POSSÍVEL

(THE BLIND SIDE) ★★★★

Sandra Bullock hesitou a princípio, mas abraçou o papel da socialite Leigh Anne Tuohy, que em 2003 adotou Michael Oher, um jovem (negro, órfão e pobre) de 17 anos, que se tornaria um dos principais jogadores de futebol americano nos EUA. *Um Sonho Possível*, drama dirigido por John Lee Hancock (*O Álamo*), conta essa história tão improvável quanto real sem apelar para sentimentalismo e apostando não só no carisma de Bullock como também no trabalho de Quinton Aaron no papel de Oher, que vai bem além do estereótipo do "gigante gentil" e mostra a dor do abandono em um trabalho notável. O resultado foi um sucesso surpreendente, que já faturou 240 milhões de dólares só nos EUA – se as pessoas assistiam a *Avatar* para testemunhar uma revolução no cinema, elas conferiam *Um Sonho Possível* provavelmente porque seu vizinho assistiu e indicou.

A favor: A Academia adora um drama edificante – ser baseado em uma história real é um bônus.

Contra: talvez a indicação para Sandra Bullock como melhor atriz seja prêmio o suficiente para um filme de origem tão modesta.

DISTRITO 9

(DISTRICT 9) ★★★★★

É impressionante quando um filme de ficção científica é lembrado pela Academia fora das categorias técnicas – e mais impressionante ainda quando este filme é uma produção sul-africana de um diretor estreante e sem astros, que, além de garantir lugar entre os dez candidatos a melhor filme, ainda morde uma indicação ao Oscar de melhor roteiro adaptado. Mas não é sem méritos que *Distrito 9* chega aqui. O filme produzido por Peter Jackson e dirigido por Neill Blomkamp é também um dos mais perfeitos exemplares do gênero do cinema moderno. Em Joanesburgo, África do Sul, uma gigantesca nave alienígena surgiu há duas décadas, e seus habitantes receberam abrigo na Terra. Hoje, esse "abrigo" se tornou uma favela – chamada Distrito 9 – e o governo sul-africano decidiu remover os aliens, criaturas apelidadas "camarão" por motivos óbvios, o que muda a vida do burocrata encarregado da tarefa.

A favor: a criatividade, a metáfora política e a ótima recepção nos cinemas. Sem falar de Jackson, que viu seu *Um Olhar do Paraíso* fora da competição.

Contra: se a Academia decidir honrar uma ficção científica, com certeza será *Avatar*.

EDUCAÇÃO

(AN EDUCATION) ★★★★

A novata Carey Mulligan é o centro deste drama britânico sobre amadurecimento e as responsabilidades que acompanham a vida adulta. Ela é Jenny, adolescente na Inglaterra dos anos 1960 que se apaixona por um homem mais velho, David (Peter Sarsgaard). Com o consentimento dos pais da jovem, David a traz para sua vida de concertos, clubes de jazz e viagens a Paris – sempre acompanhados de um outro casal, Danny (Dominic Cooper) e Helen (Rosamund Pike). Mas logo Jenny vai descobrir que seus novos amigos podem não ser exatamente o que aparentam. Dirigido pela dinamarquesa Lone Scherfig, uma das participantes do movimento Dogma 95 (com *Italiano Para Principiantes*, de 2000), *Educação* é baseado nas memórias da jornalista Lynn Barber e teve seu roteiro adaptado com pedigree: o responsável é o escritor Nick Hornby (*Alta Fidelidade*, *Um Grande Garoto*).

A favor: drama independente, britânico e superpremiado? Tem todos os ingredientes que a Academia adora.

Contra: É possível que os votantes entendam que *Educação* é o triunfo de Carey Mulligan, e não do conjunto.

BASTARDOS INGLÓRIOS

(INGLORIOUS BASTERDS) ★★★★★

Quentin Tarantino ameaçou criar seu "filme da Segunda Guerra" por anos, mas foi no Festival de Cannes de 2008 que ele decretou que *Bastardos Inglórios* estaria na Riviera para a festa do ano seguinte. Promessa feita, promessa cumprida, e Brad Pitt aportou em Cannes como líder do batalhão de judeus americanos que, em plena França ocupada, cumpre a missão de matar nazistas e espalhar terror entre o Terceiro Reich. Ambientado no "Tarantinoverso", *Bastardos* ensaiou uma polêmica ao reescrever a história, mas logo conquistou crítica e público (é a maior bilheteria dos filmes do diretor) e gerou ao menos uma pérola: o coronel Hans Landa (Christoph Waltz), o personagem mais sensacional do cinema no ano passado.

A favor: premiar Tarantino, um dos poucos autores de verdade a trabalhar em Hollywood, seria um gesto bacana da Academia – além de um agrado aos irmãos Weinstein, responsáveis por tantas glórias no cinema, mas que andam mal das pernas.

Contra: *Bastardos Inglórios* pode ser "moderno demais" para uma ala ainda conservadora (e bastante extensa) dos votantes.

PRECIOSA
UMA HISTÓRIA DE ESPERANÇA
(PRECIOUS) ★★★★

Preciosa – Uma História de Esperança é uma tijolada na cabeça, um filme pesado e amargo que escancara uma realidade incômoda. É também um trabalho sensacional do produtor e diretor Lee Daniels. Premiadíssimo em Sundance ano passado, ganhou distribuidor no braço, graças ao compromisso de Oprah Winfrey e do produtor, roteirista e diretor Tyler Perry, que flexionaram seus músculos para colocar a história da adolescente Claireece "Preciosa" Jones (Gabourey Sidibe) no cinema. Negra, obesa e pobre, ela já foi tão esmurrada pela vida que seu rosto é incapaz de desenhar emoções. Suspensa da escola quando sua segunda gravidez é descoberta (o responsável pelas duas é seu próprio pai), Preciosa encontra numa escola especial a única esperança de deixar para trás o inferno que chama de vida – potencializado pelo abuso físico e mental perpetrado por sua mãe, um monstro em forma de gente interpretado por Mo'Nique.

A favor: o peso das interpretações de Gabourey Sidibe e Mo'Nique torna impossível ser indiferente ao filme – e a realidade que ele apresenta.

Contra: a Academia pode julgar *Preciosa* como um "filme de atores" e deixar por isso mesmo.

UM HOMEM SÉRIO
(A SERIOUS MAN) ★★★

Uma festa do Oscar não estaria completa sem Joel e Ethan Coen, que surgem em duas categorias (além de melhor filme, melhor roteiro original para a dupla) em um filme de escala reduzida depois do espetacular *Onde os Fracos Não Têm Vez* e de *Queime Depois de Ler*, comédia de humor negro recheada de astros. Para contar a história de um professor com problemas existenciais, que vê sua mulher prestes a abandoná-lo porque seu irmão se recusa a deixar a casa do casal, os Coen buscaram um elenco desconhecido e mergulharam mais fundo ainda no humor negro em que eles são craques. Ainda que *Um Homem Sério* não chegue perto do brilhantismo de *Fargo*, também não é um fracasso como *Matadores de Velhinhas* – embora sua indicação já seja prêmio o suficiente.

A favor: Joel e Ethan Coen são os "independentes" favoritos da Academia, e *Um Homem Sério* traz todos os elementos que reafirmam seu talento.

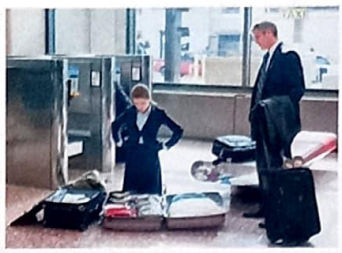
Contra: A vitória de *Onde Os Fracos Não Têm Vez* ainda está muito recente entre os votantes, que podem achar muito cedo premiar a dupla mais uma vez – e por um filme menor. E alguém duvida que eles estarão na festa de 2011 com *Bravura Indômita*?

UP
ALTAS AVENTURAS
(UP) ★★★★★

E a Pixar mais uma vez mostra que é o estúdio mais bem-sucedido de Hollywood: *Up – Altas Aventuras* é seu décimo filme de sucesso, entre os.... dez filmes que eles lançaram com a Disney. Quer mais? Bom, desde 1995, quando se aventurou a produzir longas com o pioneiro *Toy Story*, a Pixar consistentemente apoiou o desenvolvimento criativo e a criação de histórias originais – teoricamente para o público infantil, na prática filmes de apelo universal, que até agora não perderam o rumo da qualidade. *Up* foi sua aposta mais arriscada do ponto de vista comercial: seu protagonista é um senhor de 70 anos, o que contraria todas as "fórmulas" da indústria. Mais um ponto: *Up* é também o segundo filme do estúdio mais bem-sucedido nas bilheterias, atrás somente da aventura *Procurando Nemo*. É um dos melhores filmes do ano passado e a segunda animação a ser indicada ao Oscar principal – a primeira foi *A Bela e a Fera*.

A favor: é difícil não torcer para o protagonista de *Up*, Carl Fredricksen, que provavelmente tem a mesma faixa etária de boa parte dos votantes.

Contra: é certo que *Up* deve ganhar na categoria de longa de animação, o que torna uma vitória aqui improvável.



AMOR SEM ESCALAS
(UP IN THE AIR) ★★★★★

Esqueça o título nacional que realmente não quer dizer nada: *Up In the Air* (algo como "suspenso no ar") tem mais a ver com a condição humana no novo século do que com algum resquício de comédia romântica (que o filme, veja bem, não tem). O eixo da trama é Ryan Bingham (George Clooney), empregado de uma firma especializada em demitir funcionários de outras empresas, que se vangloria por passar mais dias em trânsito – aviões, aeroportos e hotéis – do que em sua casa. Esta pérola do isolamento, que também dá palestras sobre como as pessoas precisam se desligar de coisas e pessoas para ser feliz, entra em choque com duas mulheres que o fazem acordar: Alex (Vera Farmiga), que encara a vida da mesma forma nômade que ele; e Natalie (Anna Kendrick), defensora do trabalho de demissões online e que, na estrada ao lado de Bingham, percebe que a vida é para ser sentida, não teorizada. Lição que ele próprio aprende a duras penas.

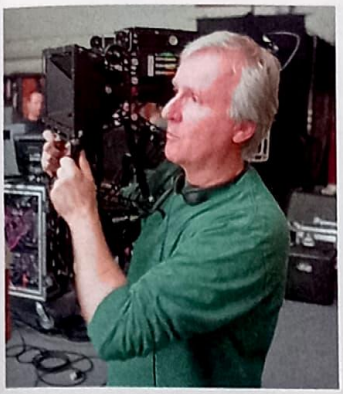
A favor: Jason Reitman se tornou a cara da "nova Hollywood" com *Juno*, e a Academia enxerga nele a força da nova geração.

Contra: apesar de muito elogiado, o filme passou incólume pela temporada de premiações da crítica – mas deve ficar com a estatueta de roteiro adaptado.

MELHOR DIRETOR

KATHRYN BIGELOW POR **GUERRA AO TERROR**

Às vezes, a impressão era que Kathryn Bigelow tinha pendurado a câmera. Dos geniais *Quando Chega a Escuridão* (1987) e *Caçadores de Emoção* (1991), a diretora (e artista plástica) foi alçada ao primeiro time dos grandes realizadores do cinema de ação, ora com o apadrinhamento do ex-marido James Cameron (no esquisito *Estranhos Prazeres*, de 1995), ora colocando Harrison Ford com um sotaque russo bizarro (no subestimado *K-19*, de 2002). Depois disso (e de comandar o belo drama *O Peso da Água* em 2000), sossegou. Sumiu de cena, deixou o cinemão de lado, só colocando a cabeça na superfície em 2007, quando dirigiu um curta de ficção científica com Uma Thurman (*Mission Zero*). *Guerra ao Terror* surgiu quase que por acaso, quando ela se correspondeu com o roteirista Mark Boal sobre sua experiência acompanhando soldados responsáveis por desarmar bombas no Iraque – mas foi preciso que James Cameron (de novo) a convencesse a abraçar o projeto, rodado na Jordânia com trocadinhos 11 milhões de dólares. O resultado, recebido friamente pela crítica no Festival de Veneza ainda em 2008, foi aos poucos amealhando prêmios e terminou o ano consagrado como o melhor filme já realizado sobre o conflito do Iraque. Com pulso firme e mantendo um clima tenso por toda a metragem do longa, Bigelow construiu uma obra única, crua e de beleza ímpar. A vitória pela Associação de Diretores praticamente lhe garante o Oscar. Seu empecilho? Ele mesmo, James Cameron!

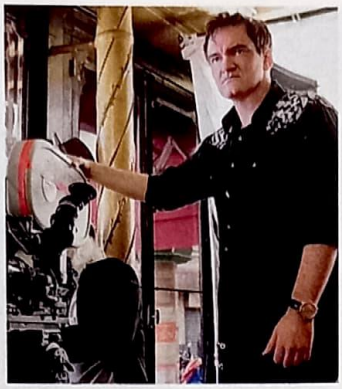


JAMES CAMERON

POR **AVATAR**

Depois de quase cinco anos criando *Avatar*, um projeto já embrionário quando o diretor fez *True Lies* em 1994, James Cameron emergiu do isolamento com esta ficção científica humanista e revolucionária que já se tornou a maior bilheteria de todos os tempos (batendo a si mesmo, já que o recorde era de *Titanic*). A imersão da plateia no mundo criado para o filme, uma lua florestal de plantas florescentes e animais de seis patas, é uma das experiências mais inebriantes que o cinema já proporcionou. O mérito é mesmo de Cameron, um visionário que não mede esforços para que seus projetos cheguem às telas do jeito que ele os criou em sua mente. A indústria já acordou, e os 2 bilhões de dólares (e contando) de *Avatar* podem ser consagrados com mais uma estatueta dourada para seu criador.

Prêmios anteriores: melhor filme, direção e montagem por *Titanic* (1997)



QUENTIN TARANTINO

POR **BASTARDOS INGLÓRIOS**

Mais de quinze anos separam as duas festas do Oscar em que Quentin Tarantino concorreu aos prêmios principais. A diferença é que, em 1994, ele era a grande revelação, o novo gênio que despontava para fazer diferença no cinema; hoje, autor consagrado, ele volta a brigar pela estatueta com o que é seu melhor trabalho desde, bom, *Pulp Fiction*. Apesar das credenciais – e de *Bastardos Inglórios* contar com oito indicações –, é provável que Quentin saia da festa com o prêmio de melhor roteiro original. Ele pode até aproveitar para agrad ecer a todo mundo quando receber a estatueta e dizer, como na festa realizada em 1995, que estava logo falando com todo mundo porque provavelmente ele não subiria mais ao palco. Tenha fé, Quentin!

Prêmio anterior: melhor roteiro original por Pulp Fiction (1994)

Indicação anterior: melhor diretor por *Pulp Fiction* (1994)

LEE DANIELS

POR **PRECIOSA**

Embora tenha construído sua carreira como agente, trabalhando nos bastidores de Hollywood, Lee Daniels ganhou fama ao produzir *A Última Ceia* (2001), primeiro filme creditado unicamente a um produtor afro-americano a ter destaque no Oscar – foi o filme que, além de projetar Heath Ledger como um ator a ser levado a sério, deu a Halle Berry seu Oscar. Trabalhando às margens do cinemão, Daniels ainda produziu *O Lenhador* (2004) e aventurou-se atrás da câmera pela primeira vez com *Matadores de Aluguel* (tradução infeliz de *Shadowboxer*, com Helen Mirren) em 2005. *Preciosa* é o ponto alto de sua carreira, um filme que o diretor lutou para tirar do papel, colocando amigos famosos quase irreconhecíveis em cena (Lenny Kravitz, Mariah Carey, ambos espetaculares) e revelando o talento de uma dupla de atrizes fenomenal: Gabourey Sidibe e Mo'Nique. É sua primeira indicação ao Oscar.

JASON REITMAN

POR **AMOR SEM ESCALAS**

Com apenas três filmes no currículo, Jason Reitman firmou-se como uma das grandes novas vozes do cinema americano do novo século. Mesclando habilidade em conduzir tramas povoadas por pessoas de verdade, mas com uma veia pop inconfundível, Reitman tirou *Obrigado por Fumar*, *Juno* e, agora, *Amor Sem Escalas* do lugar comum, oferecendo uma ótica peculiar ao retratar pessoas comuns em situações incomuns – no caso, o personagem de George Clooney, que passa a vida em trânsito. Os diálogos incisivos aos poucos se tornam sua marca, que estampa uma habilidade peculiar para dirigir atores e deles extrair textos com uma certa dose de cinismo. Se não fossem as explosões no Iraque ou os alienígenas azuis, o careca dourado já seria seu.

Indicação anterior: melhor diretor por *Juno* (2007)

POXA, SEU OSCAR...: **MARC WEBB, por *(500) Dias Com Ela***

De nada adiantou fazer a comédia romântica menos romântica do ano passado. Agora o negócio de Webb é tecer as novas teias do Homem-Aranha para o filme de 2012 que deve reiniciar a série do heroi.

A BATALHA POR

MELHOR ATOR

JEFF BRIDGES POR **CORAÇÃO LOUCO**

Fato: a Academia está devendo uma estatueta ao grande Jeff Bridges há tempos. Como o vinho, o ator só melhora com o tempo, transitando entre o cinema independente (como no excelente *Provocação*, de 2004, ao lado de Kim Basinger) e os blockbusters da temporada (*Homem de Ferro*, defendendo o vilão Obadiah Stane com vigor) com o mesmo talento e compromisso. A chance de louvar um dos grandes artistas do cinema vem agora – e Bridges não deixa por menos. No papel de um cantor country prestes a dar uma guinada em sua vida graças a Jean Craddock (Maggie Gyllenhaal), uma jornalista determinada a desvendar o homem atrás do microfone (e da bebida), Brigdes equilibra seu carisma maníaco com dor e leveza, adicionando seu personagem, Bad Blake, a uma galeria que já conta com Kevin Flynn (*Tron*), Preston Tucker (*Tucker, Um Homem e Seu Sonho*), Michael Faraday (do subestimado *O Suspeito da Rua Arlington*) e, claro, The Dude (*O Grande Lebowski*). Companhia perfeita para uma certa estatueta dourada.

Indicações anteriores: melhor ator por *Starman – O Homem das Estrelas* (1984); melhor ator coadjuvante por *A Última Sessão de Cinema* (1971), *O Último Golpe* (1974) e *A Conspiração* (2000)

GEORGE CLOONEY

POR **AMOR SEM ESCALAS**

Acho que devemos agradecer a George Clooney por ele não ter ouvido seu agente depois do fiasco *Batman & Robin*, em 1997: "Pode se aposentar, George". O protagonista de *Amor Sem Escalas* tornou-se um artista completo. Clooney abraçou o que significa ser um "astro", usando suas incursões em produções milionárias como moeda para bancar filmes nos quais ele acredita. Sua indicação por *Amor Sem Escalas* não é reconhecimento por uma carreira e caráter inabaláveis: é enxergar que, com uma interpretação marcada por sentimentos engarrafados, Clooney mostra que é um dos melhores.

Prêmio anterior: melhor ator coadjuvante por *Syriana* (2005)

Indicações anteriores: melhor diretor e melhor roteiro original por *Boa Noite e Boa Sorte* (2005); melhor ator por *Conduta de Risco* (2007)

COLIN FIRTH

POR **DIREITO DE AMAR**

Embora tenha começado sua carreira no cinema, foi na TV, interpretando um dos personagens mais marcantes da literatura inglesa – o Sr. Darcy de *Orgulho e Preconceito*, minissérie de 1995 que adaptou a obra de Jane Austen –, que Colin Firth despontou para o grande público. De lá para cá construiu uma sólida carreira que transitou por dramas premiados (*O Paciente Inglês*, 1996), comédias de época (*Shakespeare Apaixonado*, 1998) e talvez o trabalho que mais lhe tenha dado notoriedade, o gente boa Mark Darcy das duas adaptações de *Bridget Jones* para a tela grande, em 2001 e 2004. *Direito de Amar* marca o auge de seu talento como intérprete, no papel de um professor de inglês homossexual na Califórnia de 1962 que, em um único dia, pesa sua vida e seu futuro após a morte de seu parceiro.

MORGAN FREEMAN

POR **INVICTUS**

Morgan Freeman é uma das instituições do cinemão americano. No final dos anos 70, fez parte do elenco fixo da série *The Electric Co*, e aos poucos migrou para o cinema. Em 1989 fez *Conduzindo Miss Daisy* e nunca mais saiu dos holofotes. Eclético, protagonizou uma série de clássicos modernos (*Os Imperdoáveis* em 1992, *Um Sonho de Liberdade* em 1994, *Seven* em 1995). O primeiro Oscar veio com a segunda parceria com Clint Eastwood, *Menina de Ouro*, de 2004 – é o diretor quem o conduz como Nelson Mandela em *Invictus*. A gente até perdoa por ele ter estampado seu nome em *O Apanhador de Sonhos*....

Prêmio anterior: melhor ator coadjuvante por *Menina de Ouro* (2004)

Indicações anteriores: melhor ator por *Armação Perigosa* (1987), *Conduzindo Miss Daisy* (1989) e *Um Sonho de Liberdade* (1994)

JEREMY RENNER

POR **GUERRA AO TERROR**

A primeira lembrança que bate de Jeremy Renner, californiano de 38 anos, é a do policial corrupto em *S.W.A.T.* ... o.k., não é a melhor das lembranças. Sua carreira agora se divide em antes e depois de *Guerra ao Terror*, em que Renner interpreta William James, líder de um esquadrão antibombas na Guerra do Iraque que, aos poucos, se mostra viciado na adrenalina do conflito, como se aquilo, e não a volta para casa, definisse sua vida. É um papel difícil, que exige disciplina e autocontrole, especialmente nas longas (e tensas) cenas em que ele exerce seu ofício – vestindo um traje antibombas real e sob o forte calor da Jordânia, onde a diretora Kathryn Bigelow rodou seu filme. A indicação é provavelmente o maior prêmio para Renner agora, mas não se espante ao ver, em breve, seu nome estampando o cartaz de algum filme.

POXA, SEU OSCAR... : **SHARLTO COPLEY, por *Distrito 9***

Se *Distrito 9* foi lembrado em tantas categorias de peso, por que deixar de fora seu protagonista, Sharlto Copley, de muitas maneiras a alma do filme? No papel do burocrata que aos poucos perde sua humanidade, Copley transmite, como poucos, o desespero de uma situação impossível.

A BATALHA POR

MELHOR ATRIZ

SANDRA BULLOCK POR **UM SONHO POSSÍVEL**

2009 foi o ano da grande virada de Sandra Bullock, provavelmente a atriz que mais se critica na face da Terra. Primeiro foi a comédia romântica *A Proposta*, que se tornou sua maior bilheteria (mas não por muito tempo) e fez as pazes da atriz, revelada em *Velocidade Máxima* (1994), com o sucesso – seu último filme de grande empatia com o público foi *Miss Simpatia*, de um distante ano 2000. Mas era pouco. Depois de muito relutar, Sandra aceitou interpretar Leigh Anne Tuohy, típica mãe texana que adota um rapaz negro, pobre e imenso, de 17 anos – e vê sua determinação ajudar a levá-lo à liga profissional de futebol americano nos EUA. A grande pegada? *Um Sonho Possível* conta uma história real, o que deixou a atriz receosa – medo que foi a pique quando ela conheceu a verdadeira Leigh Anne e se identificou com sua intensidade. Devagarzinho, *Um Sonho Possível* foi acompanhando a carreira de *Avatar* nos cinemas e, até o momento, já amealhou 240 milhões de dólares, maior bilheteria de um filme escorado por uma atriz. Como a Academia adora um drama edificante – e um retorno triunfal como o de Sandra Bullock –, não é difícil imaginá-la segurando um Oscar na noite da cerimônia (mesmo que, na noite anterior, ela tenha sido agraciada com um Framboesa de Ouro, já que está indicada a pior atriz pela horrível e fracassada comédia *Maluca Paixão*).

CAREY MULLIGAN

POR **EDUCAÇÃO**

Com seu talento talhado na TV inglesa, Carey Mulligan, atriz londrina de 24 anos, teve em 2009 o ano mais atarefado de sua carreira. Trabalhou com Pierce Brosnan e Susan Sarandon em *The Greatest*. Foi dirigida por Michael Mann em *Inimigos Públicos* e por Jim Sheridan no drama *Entre Irmãos*. E se revelou uma atriz completa em *Educação*, no papel de uma adolescente suburbana na Londres dos anos 60 que se envolve com um playboy com o dobro de sua idade. Aos poucos, sua personagem envolve-se num mundo de adultos. Toda a angústia e incerteza adolescentes ganham corpo na interpretação de Carey, que segura o filme com desenvoltura. Hollywood estava de olho, e seu nome está bem no alto dos créditos de *Wall Street: Money Never Sleeps*, agora como filha de Michael Douglas e namoradinha de Shia LaBeouf.

HELEN MIRREN

POR **THE LAST STAION**

É sempre um prazer ver Helen Mirren trabalhando, já que ela concede nobreza a qualquer filme – até no segundo *A Lenda do Tesouro Perdido*, em que ela claramente se divertiu à beça. Com mais de uma centena de trabalhos, Helen polemizou em *Calígula* (1979), flertou com a fantasia em *Excalibur* (1981) e chocou em *O Cozinheiro, O Ladrão, Sua Mulher e o Amante* (1989). Entrou o novo milênio se consagrando com o retrato de Elizabeth II no drama *A Rainha* (2006). Em *The Last Station*, divide a cena com Christopher Plummer no papel de Sofya Tolstoy, mulher do escritor russo que vivia em conflito com sua grande riqueza e seu compromisso com uma vida sem posses.

Prêmio anterior: melhor atriz por *A Rainha* (2006)

Indicações anteriores: melhor atriz coadjuvante por *As Loucuras do Rei George* (1994) e *Assassinato em Gosford Park* (2001)

GABOUREY SIDIBE

POR **PRECIOSA**

Gabourey Sidibe, nascida no Brooklyn e criada no Harlem, não tinha o menor interesse em atuar, buscando uma vida como psicóloga. Mas quando um amigo a inscreveu para um teste de *Preciosa*, era um caminho sem volta. Apesar de seus 26 anos, convenceu como a adolescente de 16 anos, já em seu segundo filho (ambos de seu próprio pai), e com uma estrada sombria para chamar de vida. Às vezes atuar é um dom, e Gabourey prova em poucos segundos em cena como a protagonista: o olhar perdido, o desconforto e a inadequação que aos poucos se estilhaçam quando ela se liberta do jugo da mãe repulsiva. Com outro filme na lata (o drama *Yelling To the Sky*) e um provável papel na série de TV desenvolvida pelo diretor Bill Condon, *The Big C*, o mundo parece ter perdido uma psicóloga. Mas o cinema ganhou uma excelente atriz.

MERYL STREEP

POR **JULIE & JULIA**

O que ainda podemos falar sobre Meryl Streep? Em sua décima-sexta (!) indicação ao Oscar, ela está perfeita como Julia Child, que codificou os segredos da cozinha francesa para o americano médio. Meryl não ganha um Oscar há mais de três décadas! Já está na hora de mais um, não?

Prêmios anteriores: melhor atriz por *A Escolha de Sofia* (1982); melhor atriz coadjuvante por *Kramer Vs. Kramer* (1979)

Indicações anteriores: melhor atriz por *A Mulher do Tenente Francês* (1981), *Silkwood – Retrato de Uma Coragem* (1983), *Entre Dois Amores* (1985), *Ironweed* (1987), *Um Grito no Escuro* (1988), *Lembranças de Hollywood* (1990), *As Pontes de Madison* (1995), *Um Amor Verdadeiro* (1998), *Música do Coração* (1999), *O Diabo Veste Prada* (2006), *Dúvida* (2008); melhor atriz coadjuvante por *O Franco Atirador* (1978) e *Adaptação* (2002)

DE FORA: **ZOEY DESCHANEL, por *(500) Dias com Ela***

A doce Zooey Deschanel partiu o coração do pobre Joseph Gordon-Levitt na comédia romântica mais deliciosa (e menos romântica) de 2009, mas não sensibilizou a Academia, que ainda há de reconhecer a musa indie com uma indicação.

A BATALHA POR

MELHOR ATOR COADJUVANTE

CHRISTOPH WALTZ POR **BASTARDOS INGLÓRIOS**

No mundo, algumas certezas são absolutas: o frio congela, o fogo queima, e não existe maneira neste universo de Christoph Waltz sair do Kodak Theater sem um Oscar embaixo do braço. É dele, de longe, o personagem mais memorável do cinema em 2009, o coronel Hans Landa, Caçador de Nazistas, ponto central da alegoria da Segunda Guerra tecida por Quentin Tarantino. Humilde e boa-praça, fica aqui a aposta que o discurso mais sincero da noite será dele: that's a bingo!

MATT DAMON
POR **INVICTUS**

Embora as atenções estivessem sobre Morgan Freeman e seu Nelson Mandela, Matt Damon de certa forma pegou o trabalho mais complicado: dar vida a um homem fora dos holofotes, mas central para a trama de unificação contada em *Invictus*. A expressão de surpresa e responsabilidade de seu François Pienaar quando percebe o que seu presidente está lhe pedindo é trabalho de quem entende do ofício.

Prêmio anterior: melhor roteiro original por *Gênio Indomável* (1997)

Indicações anteriores: melhor ator por *Gênio Indomável* (1997)

WOODY HARRELSON
POR **INVICTUS**

Woody Harrelson talvez tenha se cansado de interpretar o sujeito fora do eixo (ou seja, Woody Harrelson) e experimenta uma retomada artística graças a seu trabalho como o capitão Tony Stone, que se une a um soldado recém-chegado da guerra no Iraque (interpretado por Ben Foster) em um serviço inglório: notificar famílias de suas baixas em combate. Foster envolve-se com a viúva de um soldado, e Harrelson tem o difícil papel de conciliador. Agora, Woody, chega de *Profissão Surfista*, combinado?

Indicação anterior: melhor ator por *O Povo Contra Larry Flynt* (1996)

CHRISTOPHER PLUMMER
POR **THE LAST SATION**

É inacreditável que Christopher Plummer, um dos atores mais sensacionais que o cinema já produziu, jamais tenha sido indicado ao Oscar. Ele foi preterido em *A Noviça Rebelde* (1965), deixado de lado em *O Homem Que Queria Ser Rei* (1975), ignorado em *O Informante* (1999). Depois de um ano agridoce – ele é o personagem-título de *O Mundo Imaginário do Dr. Parnassus*, trabalhando com Heath Ledger no que seria seu último filme –, Plummer finalmente é lembrado, agora como o escritor russo Leon Tolstói no biográfico *The Last Station*. Pena que o ator tenha Hans Landa pela frente...

STANLEY TUCCI
POR **UM OLHAR DO PARAÍSO**

A indicação de Stanley Tucci surge com cara de pedido de desculpas pelo novo filme de Peter Jackson, *Um Olhar do Paraíso*, ter passado em branco na cerimônia deste ano – há quem diga que o ator veterano merecia, sim, ter seu nome lembrado nesta categoria, mas por *Julie & Julia*, em que interpreta o marido da personagem de Meryl Streep. Exagero. Como o assassino da adaptação do romance de Alice Sebold, Tucci casa a simpatia do vizinho bonachão com o asco quando ele se revela um pedófilo, estuprador e assassino. Um personagem forte num filme que merece, sim, ser visto.

DE FORA: **BEN AFFLECK, por Intrigas de Estado**

Como seu chapa Matt Damon ressurgiu na festa do Oscar, nada seria mais justo do que dar uma colher de chá para Affleck, que flertou com o papel de astro desde *Gênio Indomável* para, aos poucos, se reinventar na frente e atrás das câmeras.

A BATALHA POR

MELHOR ATRIZ COADJUVANTE

MO'NIQUE POR **PRECIOSA**

A mesma equação de Christoph Waltz pode ser aplicada para a atriz e comediante Mo'Nique: é impossível por todas as leis da física que ele saia da festa sem um careca dourado. O motivo é um só: Mary, o monstro em forma de gente que também é mãe da protagonista de *Preciosa*. Asquerosa, cruel e violenta, ela ganha uma insuspeita humanidade com o trabalho impecável de Mo'Nique, que depois de nos fazer odiá-la, transforma o sentimento em pena em um dos monólogos mais devastadores do cinema moderno.

PENELOPE CRUZ
POR **NINE**

Apesar da torcida de uma turma que gosta de falar dos filmes antes de vê-los, o pretensioso *Nine* chega ao Oscar com uma única indicação forte – a de Penélope Cruz, que interpreta Carla, amante do diretor de cinema Guido Contini (Daniel Day-Lewis), e uma das mulheres de sua vida que chegam em delírios musicais. É uma indicação como prêmio de consolação, embora Penélope defenda bem seu papel em um filme irregular.

Prêmio anterior: melhor atriz coadjuvante por *Vicky Cristina Barcelona* (2008)

Indicação anterior: melhor atriz por *Volver* (2006)

VERA FARMIGA
POR **AMOR SEM ESCALAS**

Parte um das atrizes que mudam a vida do personagem de George Clooney em *Amor Sem Escalas*, Vera Farmiga (que fez *Os Infiltrados* em 2006 e protagonizou o filme de terror *A Órfã* ano passado) projeta uma versão feminina do personagem do astro, uma mulher que vive desconectada das outras pessoas e faz da estrada sua casa. As revelações que surgem ao longo do filme fortalecem sua performance e também sua personagem, desnudando mais camadas que a atriz defende com perfeição: a cena em que ela e Clooney se reencontram em Chicago é antológica.

MAGGIE GYLLENHAAL
POR **CORAÇÃO LOUCO**

Depois de protagonizar um dos maiores sucessos de bilheteria da história (ela é o centro emocional de *Batman – O Cavaleiro das Trevas*, de 2008), Maggie Gyllenhaal volta às suas raízes independentes ao lado de Jeff Bridges em *Coração Louco*. É dela o papel da jornalista Jean Craddock, que decide desconstruir o músico country em fim de carreira Bad Blake (Bridges, claro) e encontra o que ela menos esperava: uma pessoa de verdade. Se não fosse pelo furacão Mo'Nique, Maggie até teria chances de ganhar uma estatueta que ela merece desde o excepcional *A Secretária* (2002).

ANNA KENDRICK
POR **AMOR SEM ESCALAS**

Parte dois das atrizes que mudam a vida do personagem de George Clooney em *Amor Sem Escalas*, Anna Kendrick é uma pérola em estado bruto, uma atriz de potencial excepcional. É dela a personagem que faz Clooney quebrar sua rotina, primeiro ameaçando sua estabilidade e sua rotina; segundo lhe devolvendo um pouco de sua humanidade – quem sabe, um pouco tarde. O mais surpreendente? Anna até o momento estava escondida na série *Crepúsculo*: ela é a melhor amiga da chorona Bella (Kirsten Stewart). O abismo entre as duas é infinito...

DE FORA: **MARION COTILLARD, por Inimigos Públicos**

No papel da namorada do gângster John Dillinger (Johnny Depp), a ganhadora do Oscar por *Piaf* cria uma mulher que, mesmo sabendo da vida de crimes de seu amado, o defende até o fim – mesmo quando sua própria vida está em risco.

A BATALHA DAS

OUTRAS INDICAÇÕES

Educação, indicado por melhor roteiro adaptado e mais dois Oscar

ROTEIRO ADAPTADO

- **DISTRITO 9**, por Neill Blomkamp e Terri Tatchell
- **EDUCAÇÃO**, por Nick Hornby
- **IN THE LOOP**, por Jesse Armstrong, Simon Blackwell, Armando Iannucci, Tony Roche
- **PRECIOSA**, por Geoffrey Fletcher
- **AMOR SEM ESCALAS**, por Jason Reitman e Sheldon Turner

ROTEIRO ORIGINAL

- **GUERRA AO TERROR**, por Mark Boal

O Mensageiro concorre por melhor roteiro original e mais um Oscar

- **BASTARDOS INGLÓRIOS**, por Quentin Tarantino
- **O MENSAGEIRO**, por Alessandro Camon & Oren Moverman
- **UM HOMEM SÉRIO**, por Joel Coen & Ethan Coen
- **UP – ALTAS AVENTURAS**, por Bob Peterson, Pete Docter e Tom McCarthy

FILME ESTRANGEIRO

- **AJAMI**, de Scandar Copti and Yaron Shani (Israel)
- **O SEGREDO DOS SEUS OLHOS**, de Juan José Campanella (Argentina)
- **A TETA ASSUSTADA**, de Claudia Llosa (Peru)
- **O PROFETA**, de Jacques Audiar (França)
- **A FITA BRANCA**, de Michael Haneke (Alemanha)

ANIMAÇÃO

- **CORALINE**, de Henry Selick
- **O FANTÁSTICO SR. RAPOSO**, de Wes Anderson
- **A PRINCESA E O SAPO**, de John Musker e Ron Clements
- **THE SECRET OF KELLS**, de Tomm Moore
- **UP – ALTAS AVENTURAS**, de Pete Docter

FOTOGRAFIA

- **AVATAR**, por Mauro Fiore
- **HARRY POTTER E O ENIGMA DO PRÍNCIPE**, por Bruno Delbonnel
- **GUERRA AO TERROR**, por Barry Ackroyd
- **BASTARDOS INGLÓRIOS**, por Robert Richardson
- **A FITA BRANCA**, por Christian Berger

MONTAGEM

- **AVATAR**, por Stephen Rivkin, John Refoua e James Cameron
- **DISTRITO 9**, por Julian Clarke
- **GUERRA AO TERROR**, por Bob Murawski e Chris Innis
- **BASTARDOS INGLÓRIOS**, por Sally Menke
- **PRECIOSA**, por Joe Klotz

DIREÇÃO DE ARTE CENÁRIOS

- **AVATAR**, por Rick Carter, Robert Stromberg e Kim Sinclair
- **O MUNDO IMAGINÁGIO DO DR. PARNASSUS**, por Dave Warren, Anastasia Masaro e Caroline Smith
- **NINE**, por John Myhre e Gordon Sim
- **SHERLOCK HOLMES**, por Sarah Greenwood e Katie Spencer
- **THE YOUNG VICTORIA**, por Patrice Vermette e Maggie Gray

FIGURINO

- **BRILHO DE UMA PAIXÃO**, por Janet Patterson
- **COCO ANTES DE CHANEL**, por Catherine Leterrier
- **O MUNDO IMAGINÁRIO DO DR. PARNASSUS**, por Monique Prudhomme
- **NINE**, por Colleen Atwood
- **THE YOUNG VICTORIA**, por Sandy Powell

TRILHA SONORA

- **AVATAR**, por James Horner
- **O FANTÁSTICO SR. RAPOSO**, por Alexandre Desplat
- **GUERRA AO TERROR**, por Marco Beltrami e Buck Sanders
- **SHERLOCK HOLMES**, por Hans Zimmer
- **UP – ALTAS AVENTURAS**, por Michael Giacchino

Sherlock Holmes concorre a duas estatuetas da Academia

CANÇÃO

- **"Almost There"**, de Randy Newman (*A Princesa e o Sapo*)
- **"Down in New Orleans"**, de Randy Newman (*A Princesa e o Sapo*)
- **"Loin de Paname"**, de Reinhardt Wagner e Frank Thomas (*Paris 36*)
- **"Take It All"**, de Maury Yeston (*Nine*)
- **"The Weary Kind"**, de Ryan

***Star Trek*, indicado por melhor maquiagem e efeitos visuais**

Bingham e T Bone Burnett (*Coração Louco*)

MAQUIAGEM

■ **EL DIVO**, por Aldo Signoretti e Vittorio Sodano

■ **STAR TREK**, por Barney Burman, Mindy Hall e Joel Harlow

■ **THE YOUNG ViCTORIA**, por Jon Henry Gordon e Jenny Shircore

EDIÇÃODE SOM

■ **AVATAR**, por Christopher Boyes e Gwendolyn Yates Whittle

■ **GUERRA AO TERROR**, por Paul N.J. Ottosson

■ **BASTARDOS INGLÓRIOS**, por Wylie Stateman

■ **STAR TREK**, por Mark Stoeckinger e Alan Rankin

■ **UP – ALTAS AVENTURAS**, por Michael Silvers e Tom Myers

MIXAGEMDE SOM

■ **AVATAR**, por Christopher Boyes, Gary Summers, Andy Nelson e Tony Johnson

■ **GUERRA AO TERROR**, por Paul N.J. Ottosson e Ray Beckett

■ **BASTARDOS INGLÓRIOS**, por Michael Minkler, Tony Lamberti e Mark Ulano

■ **STAR TREK**, por Anna Behlmer, Andy Nelson e Peter J. Devlin

■ **TRANSFORMERS – A VINGANÇA DOS DERROTADOS**, por Greg P. Russell, Gary Summers e Geoffrey Patterson

Up **concorre por melhor edição de som e mais quatro Oscar**

EFEITOS VISUAIS

■ **AVATAR**, por Joe Letteri, Stephen Rosenbaum, Richard Baneham e Andrew R. Jones

■ **DISTRITO 9**, por Dan Kaufman, Peter Muyzers, Robert Habros e Matt Aitken

■ **STAR TREK**, por Roger Guyett, Russell Earl, Paul Kavanagh e Burt Dalton

DOCUMENTÁRIO

■ **BURMA VJ**, De Anders Østergaard e Lise Lense-Møller

■ **THE COVE FOOD, INC.**, de Robert Kenner e Elise Pearlstein

■ **THE MOST DANGEROUS MAN IN AMERICA: DANIEL ELLSBERGAND THE PENTAGON PAPERS**, de Judith Ehrlich e Rick Goldsmith

■ **WHICH WAY HOME**, de Rebecca Cammisa

DOCUMENTÁRIO CURTA-METRAGEM

■ **CHINA'S UNNATURAL DISASTER: THE TEARS OF SICHUAN PROVINCE**, de Jon Alpert e Matthew O'Neill

■ **THE LAST CAMPAIGN OF GOVERNOR BOOTH GARDNER**, de Daniel Junge e Henry Ansbacher

■ **THE LAST TRUCK: CLOSING OF A GM PLANT**, de Steven Bognar e Julia Reichert

■ **MUSIC BY PRUDENCE**, de Roger Ross Williams e Elinor Burkett

■ **RABBIT À LA BERLIN**, de Bartek Konopka e Anna Wydra

CURTA-METRAGM

■ **THE DOOR**, de Juanita Wilson e James Flynn

■ **INSTEAD OF ABRACADABRA**, de Patrik Eklund e Mathias Fjellström

■ **KAVI**, de Gregg Helvey

MIRACLE FISH, de Luke Doolan e Drew Bailey

■ **THE NEW TENANTS**, de Joachim Back e Tivi Magnusson

Instead of Abracadabra, **indicado por melhor curta-metragem**

CURTADE ANIMAÇÃO

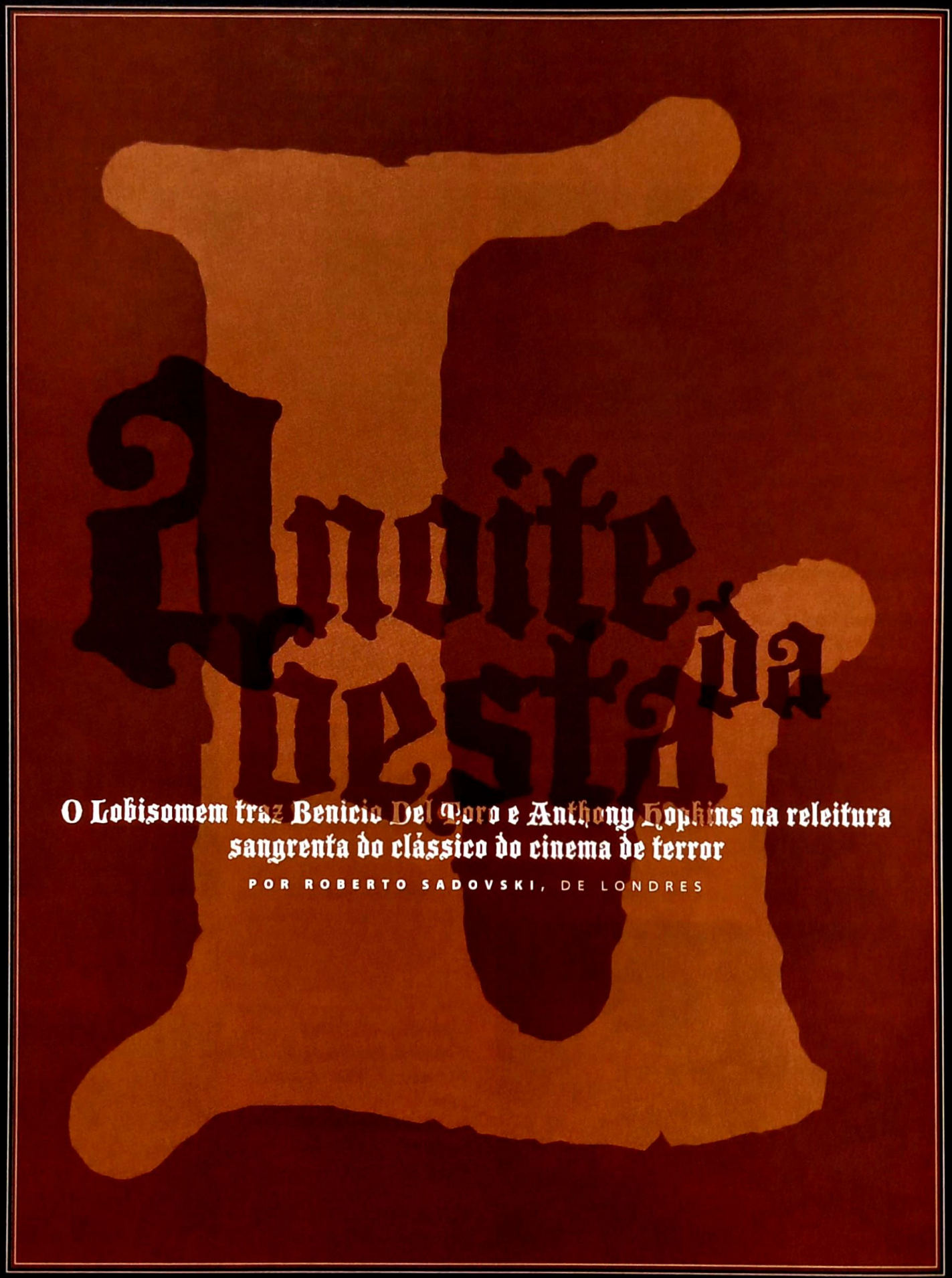
■ **FRENCH ROAST**, de Fabrice O. Joubert

■ **GRANNY O'GRIMM'S SLEEPING BEAUTY**, de Nicky Phelan e Darragh O'Connell

■ **LA DAMA Y LA MUERTE**, de Javier Recio Gracia

■ **LOGORAMA**, de Nicolas Schmerkin

■ **A MATTER OF LOAF AND DEATH**, de Nick Park ■



A noite da besta

O Lobisomem traz Benicio Del Toro e Anthony Hopkins na releitura sangrenta do clássico do cinema de terror

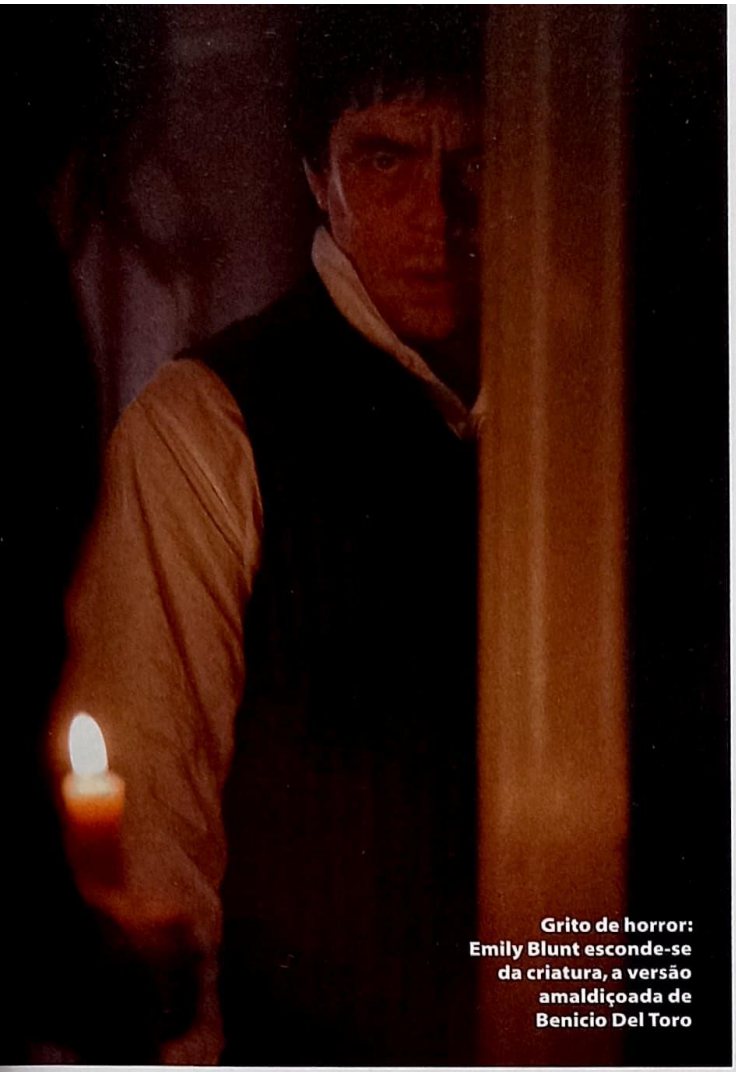
POR ROBERTO SADOVSKI, DE LONDRES

O Lobisomem é fruto da paixão de

"Você tinha de estar aqui quando a gente colocar fogo em tudo, vai ser lindo!" O piromaníaco exaltado no set de *O Lobisomem*, nos estúdios Pinewood, em Londres, não é nenhum fugitivo de uma instituição mental. Também não é um maluco que odeia cinema e quer ver um trabalho assim ardendo em chamas. O sujeito com a mão no isqueiro é Joe Johnston, que depois de adaptar quadrinhos (*Rocketeer*), comandar um drama (*Céu de Outubro*) e domar dinossauros (*Jurassic Park 3*), topou a tarefa de dirigir a refilmagem do clássico da Universal imortalizado em 1941 por, entre outras coisas, a maquiagem e a caracterização de Lon Chaney. "Mas não se preocupe. Ninguém vai se queimar", continua. O fogo, como todo o resto nas engrenagens de Hollywood, é truque – ou, como dizem, pura magia.

Pinewood, apesar de estar na Inglaterra natal da trama de *O Lobisomem*, não foi palco da filmagem do original, rodado nos estúdios da Universal em Los Angeles no auge da "Era dos Monstros" do estúdio. Nas mãos de Jon Johnston, porém, a ambientação perto de Londres é fundamental para determinar o tom do filme.

"É uma história de mistério, em que ciência e superstição entram em choque entre lendas e maldições", diz, em tom imponente. "Não dá para reproduzir esse clima num país novo como os Estados Unidos. Não somos misteriosos o suficiente." A nova produção é inspirada no filme de 1941, dirigido por George Waggner e escrito por Curt Siodmak – por sinal, o primeiro roteiro original entre as criaturas do estúdio, que tiveram sua gênese na literatura e no teatro –, mas elabora ainda mais sua trama, para refletir anseios da época e o medo da virada do século. O novo texto é de Andrew Kevin Walker (*Seven*, *A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça*), com revisão de David Self (*Estrada Para Perdição*). O filme é também fruto da paixão do ator Benicio Del Toro, que interpreta o homem amaldiçoado pela lua cheia, pelos monstros



Grito de horror: Emily Blunt esconde-se da criatura, a versão amaldiçoada de Benicio Del Toro

da Hollywood de outrora. E é também um projeto que, por pouco, não fica na gaveta.

NOITES DE LUA CHEIA

Desde o começo dos anos 2000 a Universal queria abrir as gavetas de sua extensa coleção de monstros clássicos e reapresentá-los para uma nova geração. O grande desafio era encontrar o tom correto para as novas interpretações. No cinema contemporâneo, *Drácula de Bram Stoker* encontrou sucesso junto ao público com a visão gótica impressa por Francis Ford Coppola em 1992; Kenneth Branagh não teve tanta sorte com seu *Frankenstein de Mary Shelley*, em 1994, apesar de contar com Robert De Niro no papel da Criatura. A própria Universal transformou um de seus clássicos em uma série de sucesso com *A Múmia* (1999) – que trocou qualquer coisa que se assimilasse com uma atmosfera de terror pela aventura pastelão.

Não era o que o diretor escolhido para comandar *O Lobisomem* tinha em mente. Famoso por seus vídeos musicais (de Michael Jackson a Weezer) e com um filme no currículo (o eficiente thriller *Retratos de Uma Obsessão*, com Robin Williams), Mark Romanek queria trazer para o cinema uma história de terror à moda antiga, que o medo visual e psicológico andassem lado a lado. Mas nem sempre o casamento do pensamento corporativo com a visão de um autor resulta em ouro: logo ficou claro que as idéias (e o orçamento) propostas por Romanek não casavam com os desejos do estúdio, e a data de lançamento original – outono de 2007 – não seria atingida. Com sets sendo erguidos em Pinewood e um elenco com o dedo no gatilho, Romanek saiu de cena e a Universal acionou Joe Johnston, eficiente no comando

Benicio Del Toro pelos monstros da Hollywood de outrora

do terceiro *Jurassic Park* para o estúdio com a saída de Steven Spielberg. Fãs do personagem (e do cinema de terror) ficaram em polvorosa, achando que mais um clássico seria descaracterizado em prol do lucro, em teoria, fácil. Mas Johsnton manteve firme a proposta de criar um filme de terror nos moldes da Hollywood da Era de Ouro, e com Del Toro, mais Anthony Hopkins (que interpreta o pai do homem amaldiçoado), a seu lado, o diretor aos poucos foi dando vida a um mundo assombrado por uma fera violenta, que perde o controle nas noites de lua cheia para causar terror na Londres vitoriana. O time de *O Lobisomem*, porém, ainda estava incompleto.

ROUPAS ESFARRAPADAS

Não é novidade para os fãs de cinema que Rick Baker tem uma relação estreita com monstros lupinos. Afinal, ele foi o gênio que, em 1981, revolucionou a imagem que o inconsciente coletivo tinha de um lobisomem ao forjar uma criatura mais animalesca do que humana para *Um Lobisomem Americano em Londres*. De tão perfeito, seu trabalho ganhou o Oscar de melhor maquiagem – quando a categoria foi oficialmente

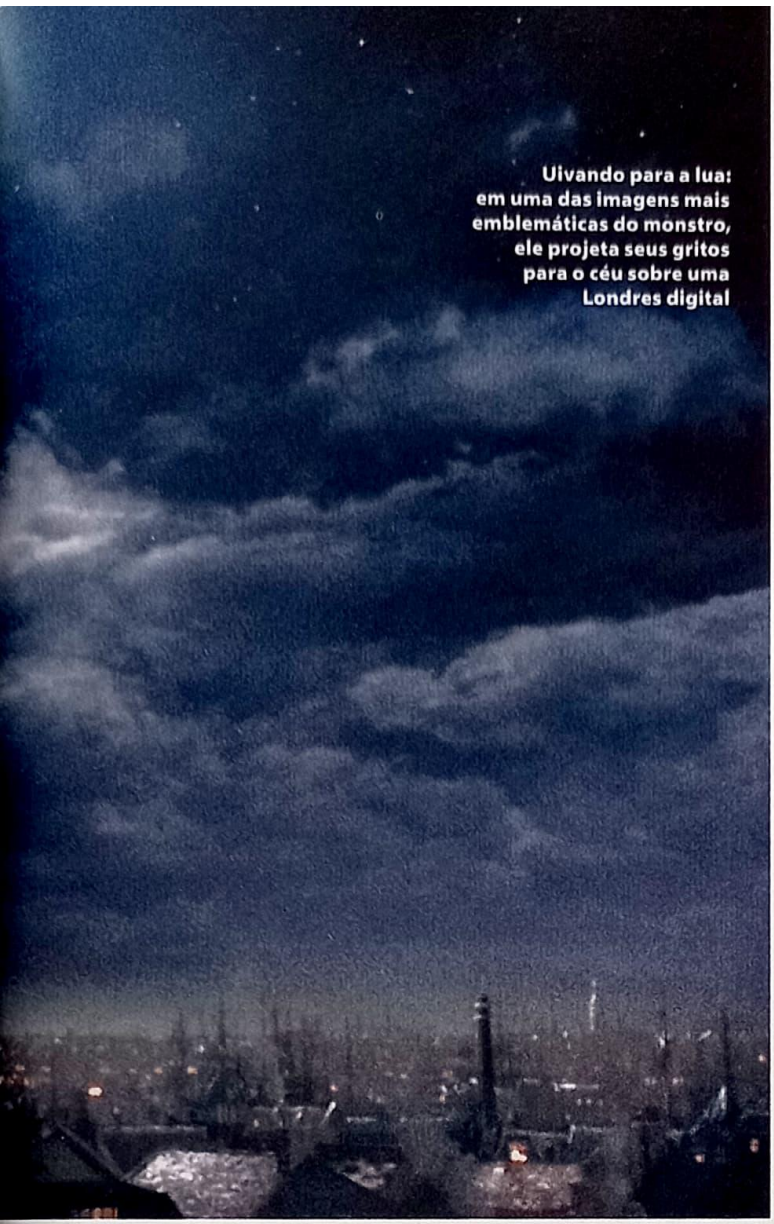
instituída na cerimônia. Baker estava trabalhando na comédia *Norbit* quando soube dos planos para a refilmagem de *O Lobisomem*, e logo buscou os executivos do estúdio para se colocar à disposição da produção – ele depois soube que foi o único nome considerado para a maquiagem do filme, mas os produtores não o localizavam pelo simples fato de Baker não possuir um agente.

A ideia do maquiador Rick Baker er

Logo ficou claro que Baker e Del Toro tinham a mesma idéia quanto o visual da criatura: radicalmente diferente de todos os lobisomens que chegaram ao cinema desde, claro, *Um Lobisomem Americano em Londres*; mais próximo do visual criado em 1941 por Jack Pierce e Lon Chaney. A diferença, claro, foi a tecnologia de maquiagem e próteses do cinema moderno. SET teve uma amostra do efeito do trabalho quando esteve em Pinewood para as filmagens de *O Lobisomem*. A certa altura, as luzes do escritório da produção se apagaram, um holofote acendeu-se na porta e, com um grunhido saído do inferno, surgiu um lobisomem – de carne e osso, com quase 3 metros de altura e roupas esfarrapadas. Era um dos dublês de Del Toro caracterizado totalmente para o filme. De perto, o trabalho é impressionante, e a mescla de técnicas resulta em um monstro desconfortavelmente humano, de presas e garras capazes de rasgar uma pessoa sem maior esforço.

PÓ E TRISTEZA

É isso que acontece com o irmão de Lawrence Talbot (Benicio Del Toro), assassinado na floresta por uma fera sangrenta. Lawrence é forçado



Uivando para a lua: em uma das imagens mais emblemáticas do monstro, ele projeta seus gritos para o céu sobre uma Londres digital

a deixar os Estados Unidos, onde se refugiou desde a morte da mãe, e volta para a mansão do pai, Sir John Talbot (Anthony Hopkins). A mansão é o retrato do estado psicológico de Sir John, que permanece lúcido após perder um de seus filhos: é a morada de alguém que um dia teve muitas posses, mas que deixou o pesar tomar conta; um lugar abandonado e malcuidado, em que a vegetação de sua propriedade invade frestas e rachaduras, e que os sinais da nobreza de outrora desaparecem antes camadas de pó e tristeza. Embora o exterior da mansão seja uma casa secular nas cercanias de Londres (com vinhas e sujeira adicionados digitalmente), seus interiores foram todos erguidos em Pinewood. Ou seja: com total controle da equipe de produção.

A maldição toma conta de Lawrence quando ele próprio é atacado por uma criatura, tornando-se um lobisomem quando a lua está cheia. "Você fez coisas terríveis", lhe diz Sir John, antevendo que seu filho agora não tem mais controle de sua natureza bestial, sendo caçado pelo Inspetor Francis Abberline (Hugo Weaving, num personagem inspirado no policial responsável pela investigação dos crimes de Jack, o Estripador), ao mesmo tempo que é atraído pela noiva de seu irmão morto, Gwen Conliffe (Emily Blunt).

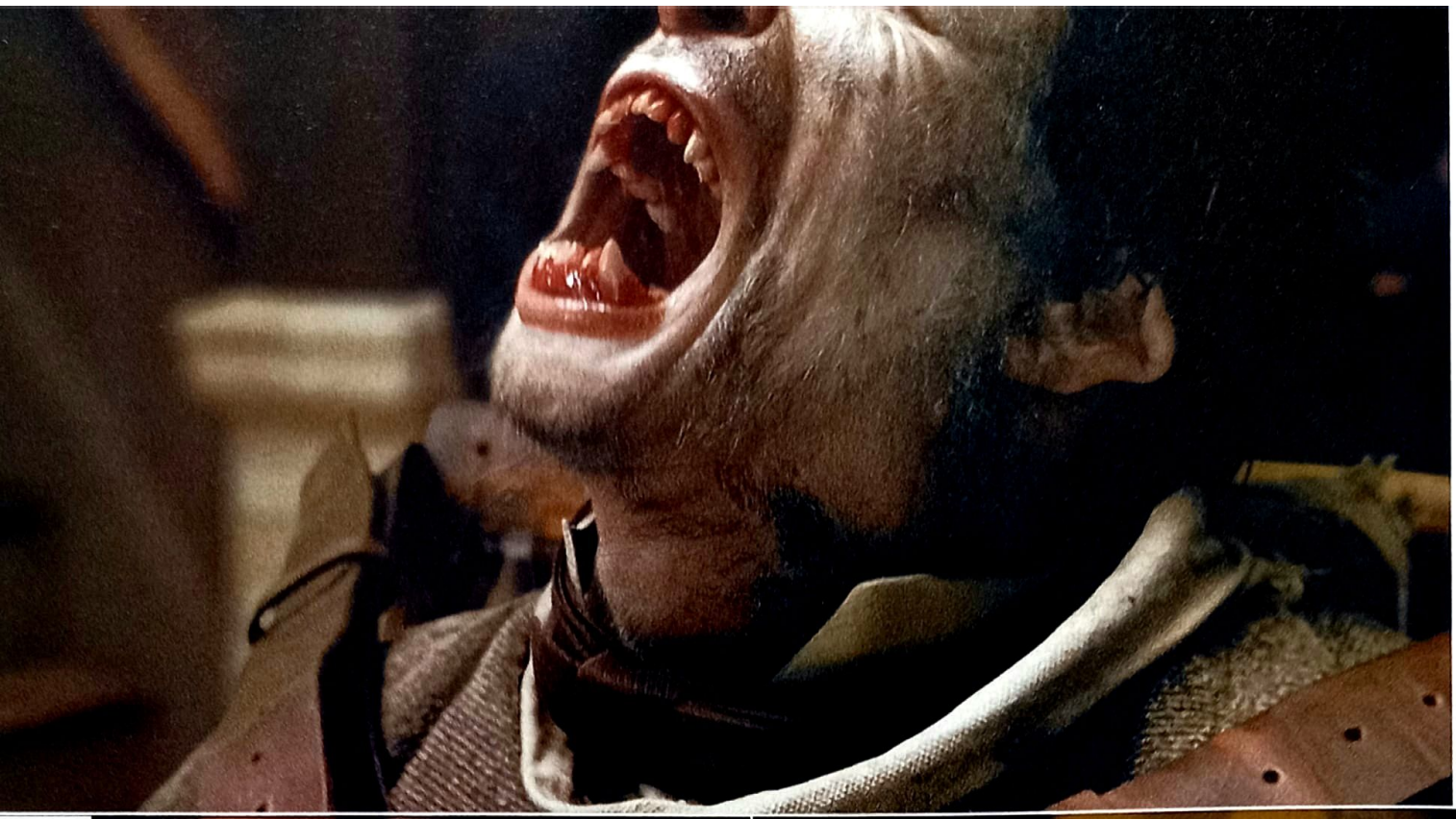
Para aplicar a maquiagem da criatura, Del Toro sentava-se à cadeira de Rick Baker em sessões que duravam até quatro horas – sua companhia,

aproximar o visual do lobisomem do monstro do clássico dos anos 1940

além da equipe de Baker, eram exemplares da revista *Famous Monsters of Filmland*, publicação que serviu de fonte de informação e inspiração para toda uma geração de cineastas e astros do cinema – incluindo Del Toro.

FERA EM MOVIMENTO

Apesar da paixão pelos clássicos e pelo modo como Hollywood assustava platéias nos anos 40, *O Lobisomem* ainda é uma produção da Hollywood moderna – e precisa obedecer a certos parâmetros narrativos que cativam a imaginação da plateia atual. Em outras palavras: é louvável a apreciação pela nostalgia, mas é também impossível barrar o avanço da tecnologia. Esse desequilíbrio fez com que *O Lobisomem* atrasasse sua jornada para os multiplexes: SET esteve nas filmagens em meados de 2008, com o filme previsto originalmente para chegar aos cinemas em fevereiro do ano seguinte. Ele foi mais uma vez adiado para novembro de 2009, sendo movido finalmente para fevereiro de 2010. Embora Joe Johnston minimize, em entrevistas recentes, os motivos de tanto atraso – ele, afinal, joga no time da casa –, o filme entrou numa queda-de-braço em relação à



Terror lupino: o lobisomem é caçado pelo inspetor Abberline (Hugo Weaving), maldição prevista por Maleva (Geraldine Chaplin)

representação do monstro, ora fruto da maquiagem de Rick Baker, ora uma criação de artistas digitais. O que se vê em cena é um híbrido, com o CGI tomando conta nas tomadas que exigem mobilidade sobre-humana da fera. Ainda assim, o filme chega aos cinemas com o tom sombrio intacto e uma censura que deixa na porta do cinema a molecada que curtiu *A Múmia*. O mais importante, porém, é que todos que trabalharam nas filmagens em Pinewood voltaram para casa sem estar chamuscados. Joe Johnston, que em junho coloca as mãos em outro ícone, agora dos quadrinhos, ao dirigir a versão para cinema de *Capitão América* para a Marvel, colocou fogo no cenário no dia programado, com chamas controladas por técnicos – que mostraram a SET o equipamento que faz o truque: canos de gás em locais estratégicos do cenário (não vou entregar qual, por sinal), com a altura das chamas controlada por um regulador. Como fogo produzido por gás não cria fumaça, uma segunda máquina é posicionada ao lado da primeira, com a função de expelir fumaça. O resultado é perfeito e assustador. "Você é meu convidado", insiste o diretor. "Vou te deixar no centro do cenário e você vai ver que é tudo um truque." Hmmm... acho que fica para a próxima, Joe.

ANTHONY HOPKINS

"O LOBISOMEM REATA OS LAÇOS DO CINEMA COM O PASSADO"

Anthony Hopking não é estranho aos monstros clássicos do cinema. Depois de ganhar o Oscar por sua composição de Hannibal Lecter em *O Silêncio dos Inocentes*, o ator buscou um papel radicalmente diferente do psicopata apaixonado por Jodie Foster e encarou o antagonista de Gary Oldman em *Drácula de Bram Stocker*, o caçador de vampiros Van Helsing. Não que o ator de 72 anos tenha tanta afinidade assim com os clássicos do terror – como você vê na entrevista a seguir, é tudo mais um dia de trabalho.

Quando o senhor trabalhou no remake de *Drácula*, afirmou que foram filmagens longas e cansativas, muito em parte por toda a preparação feita por Francis Ford Coppola. Existe alguma semelhança nos dois trabalhos?

Ah, este aqui não é nem um pouco cansativo. *Drácula* foi, mas *O Lobisomem*, nem um pouco. A verdade é que eu tenho muitos dias de folga. Não vou dizer que tem sido fácil, mas não é complicado. E eu não tive de usar uma maquiagem pesada como Benicio (*risos*).

O senhor tinha algum interesse nos monstros clássicos do cinema, como Benicio Del Toro tem?

Não, na verdade eu procuro não escolher meus trabalhos assim. *O Lobisomem* tem um ótimo roteiro, uma boa trama, um bom diretor e grandes atores. Acho que os clássicos são bons filmes, são entretenimento, que é exatamente o que estamos fazendo aqui. Mas eu reconheço sua importância e confesso que *O Lobisomem* talvez seja o meu favorito entre eles. É um pouco como *O Iluminado*, que mostra um homem em conflito com sua natureza. Mas eu não mergulho tanto assim nestas questões. E eu gosto dessa atmosfera clássica, gosto do clima do filme. A minha concentração, na verdade, não vai muito além de saber onde vou me posicionar e como o diretor quer minha cena. Do que eu vi até agora, o filme está brilhante.

É uma boa mudança do estilo de filmes de terror atuais...

Gosto do estilo de Joe Johnston, de deixar que as coisas aconteçam em seu próprio ritmo. Se isso é uma inspiração dos clássicos de monstros, ponto para ele. Na verdade, todo o cinema atual é muito acelerado. Eu já vi perseguições de carro que a gente não sabe quem está perseguindo quem. Mas não vou citar o filme... ou a série de três filmes em que isso acontece... (*risos*) Ele é um grande ator, os filmes fazem muito sucesso, mas acho que é bom ser capaz de respirar de vez em quando.

O senhor mora hoje na Califórnia. Gosta de voltar à Inglaterra para trabalhar?

Confesso que não gosto tanto de viajar assim, ou de passar longos períodos fora de casa. *O Lobisomem* me tirou de casa por cinco meses, mas foi interessante voltar a Pinewood. Acho que o último filme que rodei aqui foi *Os Amores de Picasso*... há dez anos, creio. E eu sabia que não teria tanta pompa nesse trabalho, seria divertido. Afinal, Picasso é Picasso, e *O Lobisomem* é... sobre um homem que se transforma num lobo! (*risos*).

O que você pode falar sobre seu personagem, Sir John Talbot?

Bom, ele é um homem que tem alguns.... problemas, por assim dizer. Tudo ao seu redor está se esfarelando, e eu achei que a imagem de Samuel Beckett (escritor irlandês morto em 1989, considerado o primeiro autor pós-modernista) seria perfeita para ele – a idéia me veio de madrugada, que é quando eu tenho minhas grandes inspirações. Acordei, liguei o computador atrás de uma imagem de Beckett, traços fortes e marcantes, e mandei para o diretor original, perguntando se eu poderia usar algo parecido. Ele me pediu uma barba e eu concordei. Quando Joe assumiu o filme, ele concordou que Talbot devia refletir todo o clima do filme – sujo, malcuidado, com um senso de humor estranho.

Como foi o trabalho com Benicio Del Toro?

Foi ótimo, ele tem uma paixão genuína pelo personagem e por toda a mítica em torno dele. Apesar de o filme não ser de sua produção, ele arregaçou as mangas e o fez acontecer.

O senhor ainda fica surpreso quando trabalha em um filme dessa escala?

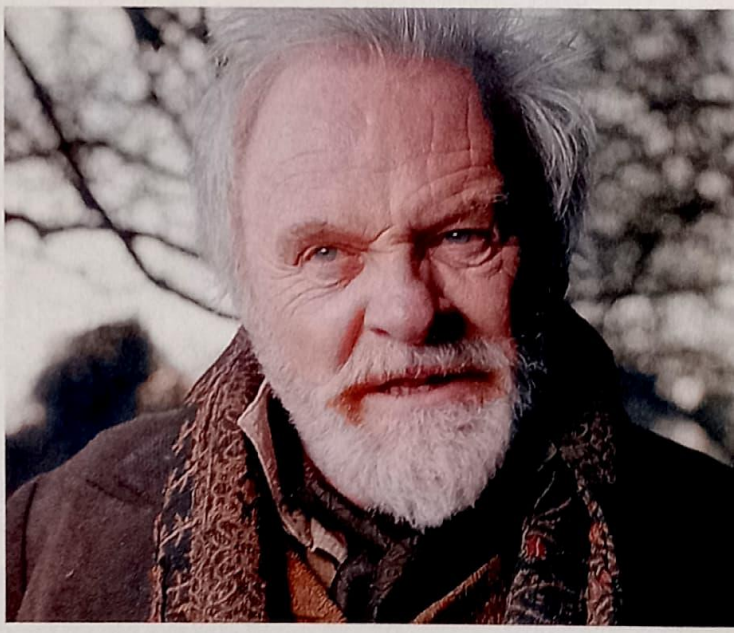
Você viu o set?

Sim.

Eu acho que é perfeito para criar a atmosfera de trabalho adequada. O nível de detalhes é espantoso, eu tenho todo o respeito pelo diretor de arte e pela equipe que cuida das minúcias, os objetos de cena. Tudo remete a um outro lugar, facilita meu trabalho e, com certeza, facilita também transportar a plateia para esse outro lugar. É um trabalho impressionante. Este é o tipo de coisa que ainda me surpreende.

Deve ser uma sensação muito diferente de rodar algo como *A Lenda de Beowulf*, que não tinha nenhum set físico...

Eu admito que ainda não sei como aquilo funciona.... como é o nome.... captura de movimento! Mas foi uma experiência diferente, não digo melhor ou pior, só diferente. Mas era difícil a gente não se sentir um pouco exposto demais ao contracenar com o nada. Acho que 3D representa parte do futuro do cinema. Mas *O Lobisomem*, definitivamente, reata os laços com o passado.



Onde viviam os monstros

POR EDUARDO TORELLI

Frankenstein, o Lobisomem e outros Monstros da Universal definiram o moderno cinema de horror – e garantiram àquele estúdio uma boa rentabilidade na Grande Depressão

O medo foi uma das primeiras emoções exploradas pelo cinema. No caso desta arte, havia possibilidades que suplantavam os esforços de teatrólogos e literatos que se debruçaram sobre temas fantásticos antes da invenção dos Irmãos Lumière: os efeitos especiais, que materializavam o mágico e o improvável.

Que o diga Georges Méliès, um patrono dos gêneros horror e ficção científica, a quem se atribuem alguns dos recursos mais elementares de tais produções: Méliès descobriu que o simples ato de interromper a filmagem e retomá-la após fazer algumas mudanças no set (por exemplo, remover um ator de cena) criava ilusões de "desaparecimentos" súbitos, perfeitos para emular a ação de fantasmas e espectros. Mais tarde, a câmera e suas suscetibilidades à luz também fascinaram os cineastas alemães: por meio do Expressionismo, eles levaram o fantástico a uma dimensão mais lúdica e assustadora. Mas ninguém estava pronto para a revolução radical que os "filmes de monstros" realizados pela Universal promoveriam nas décadas seguintes.

À SOMBRA DO EXPRESSIONISMO

De fato, tão definitiva foi essa reforma estética que – ao menos, é o que se conta – o termo "filme de monstro" surgiu ali. Durante uma reunião entre os executivos do estúdio, à sombra do sucesso de *Drácula* em 1931, um sucesso estrondoso em sua época, alguém teria dito: "Precisamos de outro filme de monstros". E assim se fez. Sucessivamente, vieram à luz *Frankenstein* (1931), *A Múmia* (1932), *O Lobisomem* (1941) e *O Monstro da Lagoa Negra* (1954) – e estes são apenas os títulos seminais do pacote, composto, ainda, por fitas com outros personagens exóticos que nunca atingiram o vulto dos grandes monstros da Universal.

Nada acontece por acaso. No caso dos monstros, além do Expressionismo (que legou a Hollywood técnicos como o grande Karl Freund, autor de *A Múmia*), deve-se pagar um tributo a importantes precursores, como o legendário Lon Chaney. Ele se notabilizou por elaborar a própria maquiagem nos líricos (e macabros) *O Corcunda de Notre-Dame* e *O Fantasma da Ópera*, que estrelou em 1923 e 1925. De fato, tanto o preto e branco como as incríveis concepções de maquiagem eram os "motores" desta escola de cinema.

No quesito maquiagem, o grande astro da Universal era um gênio que nunca recebeu o devido reconhecimento por sua obra: Jack Pierce. Funcionário registrado do estúdio, ele utilizava materiais primitivos (a espuma de látex ainda não fora inventada) – como algodão e colódio (mescla de nitrato de celulose, éter e álcool) – para compor o visual dessas criaturas. Diferentemente do que ocorre no campo dos efeitos digitais, a maquiagem depende da mão de quem a cria, pois seu princípio é a escultura. E as concepções de Pierce pareciam ditadas por Satanás em pessoa, considerando seu apelo eterno. Não por acaso a Universal protege com unhas e dentes os copyrights de seus monstros: outros estúdios precisam de autorizações formais para ter um "Frankenstein de cabeça quadrada" em seus projetos.

Pierce, o Michelangelo desta fábrica de monstros, era meticuloso em suas criações. O caso de Frankenstein é emblemático: o maquiador não foi muito feliz na primeira caracterização idealizada para o personagem (Bela Lugosi a utilizou em um desastrado teste de cena). Estimulado pelo desafio, ele recorreu aos princípios da cirurgia para dar à criatura de Mary Shelley seu look mais famoso "Há seis maneiras de abrir um crânio", diria Pierce, mais tarde. "Concluí que o Dr. Frankenstein não era um cirurgião experiente e escolheria a mais fácil – cortar o topo do crânio e retirá-lo como uma tampa; os calombos no pescoço da Criatura são entradas de energia – plugues –, pois o monstro é um dispositivo elétrico."

REMÉDIO PARA A DEPRESSÃO

Nos anos 1930, o êxito dos filmes de monstros deveu-se, sem dúvida, ao clima gerado pela Grande Depressão. Em meio a uma crise econômica que ameaçava as bases da maior nação capitalista, o escapismo era a bola da vez. A popularidade deste ciclo de produções também consolidou o fenômeno das cinesséries, que o público de hoje conhece tão bem: se o primeiro fez sucesso, estique a ideia até não poder mais; e quando tiver extraído todo o leite da vaca, sacrifique-a por meio do humor. Este foi um caminho percorrido por *Drácula*, *Frankenstein*, o *Lobisomem* e a *Múmia*, décadas antes de Jason e Freddy. Cada monstro teve direito à sua cinessérie (e a improváveis crossovers, como *Frankenstein Encontra o Lobisomem*); e, no fim, se tornou escada para a dupla de humoristas Abbott e Costello. Isto é, até serem ressuscitados pelos Estúdios Hammer, que reinventaram essas franquias a partir dos anos 1950.

A seguir, listamos o melhor da Universal na "era dos monstros". Lembrando que, embora o Brasil merecesse trinta chibatadas pelo modo como trata os clássicos (muitos permanecem inéditos em nossas locadoras e magazines), neste caso, demos sorte: todos os filmes citados já foram lançados em DVD no país. E o que é melhor: em edições cheias de extras.

Criaturas à espreita: Bela Lugosi e seu emblemático *Drácula*. Ao lado, o gênio Jack Pierce trabalha na maquiagem esculpida de *O Lobisomem*

DRÁCULA *(1931)*
Antes de *Drácula*, a Universal já explorara o gênero em superproduções como *O Corcunda de Notre Dame*. Esta adaptação do famoso romance de Bram Stoker não se baseou no livro, mas em suas versões para o teatro – uma das quais estrelada por Bela Lugosi, convidado para viver o vampiro-mor na produção. Lugosi marcou época com seu Drácula vestido de fraque e capa de ópera; mesmo sem dentes pontiagudos (adicionados ao personagem mais tarde), causou uma impressão e tanto, a ponto de até hoje estar associado à criatura. Nesta versão, Drácula migra para a Inglaterra após escravizar o corretor de imóveis Reinfeld (Dwight Frye, figurinha carimbada dos filmes da Universal). Uma vez lá, o monstro enfrenta a oposição do físico e ocultista Van Helsing (Edward Van Sloan). Lugosi só voltaria ao papel de Drácula na comédia *Abbott e Costello Encontram Frankenstein*. Mas, no ciclo de produções terroríficas da Universal, a saga do Rei dos Vampiros prosseguiu com *A Filha de Drácula* (1936) e *O Filho de Drácula* (1943). E John Carradine viveu o Conde em *A Casa de Frankenstein* (1944) e *A Casa de Drácula* (1945).

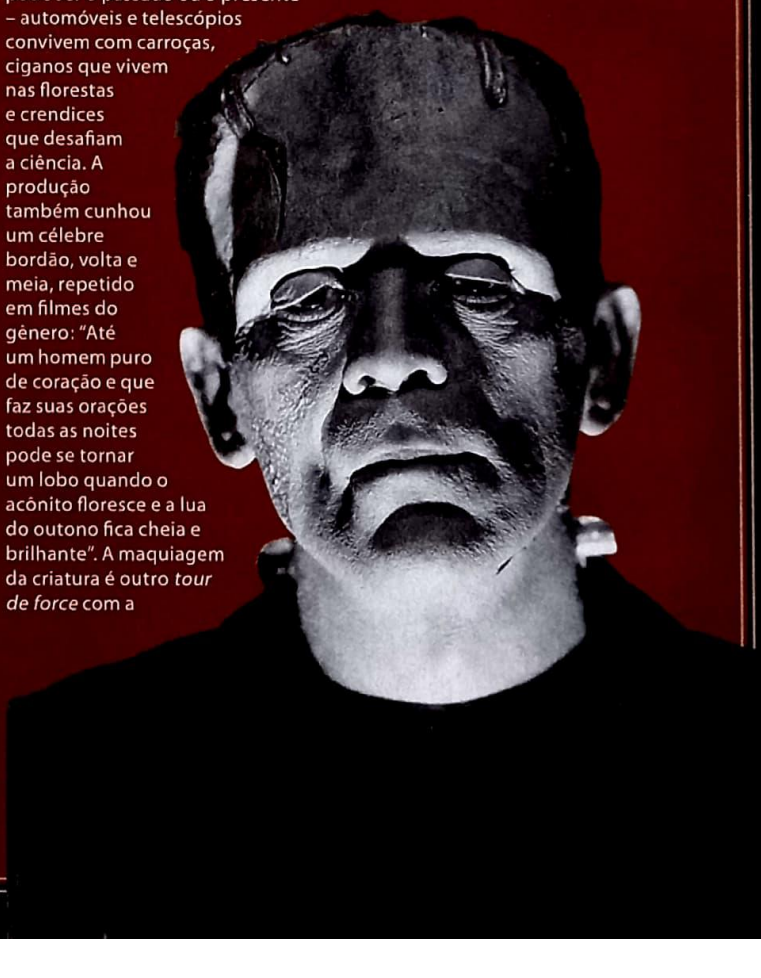
FRANKENSTEIN *(1931)*
Realizado a reboque de *Drácula*, *Frankenstein* tampouco era uma adaptação fiel do livro de Mary Shelley. Melhor assim: isto deu a Jack Pierce liberdade criativa para imaginar o Monstro como bem quisesse. O resultado foi uma das "máscaras" mais célebres e reconhecíveis do cinema. O filme é assumidamente gótico em sua direção de arte impressionante, mesmo para os padrões atuais (não é à toa que Tim Burton, volta e meia, se inspira no visual dessas produções), cheia de cemitérios, torres e até um grande moinho de vento construído em estúdio. Colin Clive interpreta o Dr. Frankenstein, criador do ser que leva seu nome (e constituído de pedaços de vários cadáveres). É célebre a sequência da vivificação, com o cientista gritando para o céu tempestuoso: "Está vivo! Está vivo!". Na cena final, uma viga atinge o Monstro (Bois Karloff), decretando seu fim transitório em um incêndio.

A MÚMIA *(1932)*
Deixando de lado os clássicos do Romantismo, a Universal foi beber inspiração em descobertas científicas do período (entre elas, a Tumba de Tutankamon) ao elaborar a premissa de *A Múmia*. A realização ficou para Karl Freund (diretor de fotografia dos famosos *Metropolis* e *O Golen*), o que explica o apelo visual da produção. Boris Karloff interpretou o personagem-título, que acorda no Cairo do século 20 e assume a identidade do egípcio Ardath Bey. A maquiagem da Múmia era notável – talvez a mais sofisticada elaborada por Pierce; mas, de tão pesada, impedia que Karloff se movimentasse pelo set. Isto explica por que a caracterização só é utilizada na cena de abertura. *A Múmia* tinha uma trama sutil e abordava tópicos que, na época, eram estranhos ao cinema, como a ideia da reencarnação. A melhor "re-imaginação" do longa ainda é o remake produzido pela Universal em 1959, com Christopher Lee no papel do monstro (infelizmente, não disponível em DVD no Brasil).

A NOIVA DE FRANKENSTEIN *(1935)*
Considerado o melhor produto do ciclo "terrorífico" do estúdio, esta continuação de *Frankenstein* (dirigida pelo mesmo realizador do filme original, o genial James Whale) é uma versão mais fiel do livro de Mary Shelley. Aqui estão o encontro do Monstro com o ancião cego (que lhe ensina as primeiras palavras) e a dialética entre criador e criatura, um dos motivos mais fortes no romance, suprimido da fita de 1931. *A Noiva* também é uma produção visualmente mais ambiciosa: os sets são de cair o queixo, assim como a estética gótica, que atinge seu ápice nas cenas que mostram Boris Karloff perambulando por tumbas e jazigos (o Monstro se identifica com os mortos) e no clímax empolgante, no qual o Dr. Frankenstein (Colin Clive) e o cínico Dr. Pretorius (Ernest Thesiger) trazem ao mundo a noiva da criatura (Elsa Lanchester, utilizando um penteado esquisitíssimo). Também foi a primeira produção do ciclo a contar com uma trilha sonora "de verdade", especialmente composta para o filme (assinada por Franz Waxman). Parte do êxito de *A Noiva* se deveu ao fato de a produção ter um óbvio viés satírico, manipulado com inteligência pelo diretor. Particularmente divertidas são as cenas envolvendo o Dr. Pretorius (de certa forma, ele rouba o filme seduzindo tanto o Dr. Frankenstein como sua infame criatura). Os bastidores foram belamente recriados no drama *Deuses e Monstros*, que Bill Condon dirigiu em 1998, e que revisita a vida trágica do diretor Whale (durante anos, ele precisou esconder sua homossexualidade da preconceituosa Hollywood).

O LOBISOMEM *(1941)*
Não foi o primeiro filme de lobisomem feito pelo estúdio (mérito que vai para *O Lobisomem de Londres*, rodado em 1935). Mas, certamente, foi a produção que cunhou as marcas registradas do personagem no imaginário popular. A inspiração veio de antiquíssimas lendas européias. Diferentemente de *O Lobisomem de Londres* (que era uma variação "lupina" de *O Médico e o Monstro*), o filme, dirigido por George Waggner e escrito por Curt Siodmak (especialista no gênero), aproveitava integralmente o folclore relativo a esta criatura: maldições, balas de prata, luas cheias e um personagem desesperado para convencer aos demais que deveria ser trancafiado, para que seu "eu" primitivo não fizesse mais vítimas. No papel do Lobisomem, o gorducho Lon Chaney Jr. fez sucesso e se tornou o mais célebre ator associado ao personagem (ele voltou a defendê-lo nos medianos *Frankenstein Encontra o Lobisomem*, *A Casa de Frankenstein* e *A Casa de Drácula*, assim como na comédia *Abbott e Costello Encontram Frankenstein*). A ambientação é um atrativo à parte: *O Lobisomem* se passa em uma Europa de sonho, que pode ser o passado ou o presente – automóveis e telescópios convivem com carroças, ciganos que vivem nas florestas e crendices que desafiam a ciência. A produção também cunhou um célebre bordão, volta e meia, repetido em filmes do gênero: "Até um homem puro de coração e que faz suas orações todas as noites pode se tornar um lobo quando o acônito floresce e a lua do outono fica cheia e brilhante". A maquiagem da criatura é outro *tour de force* com a assinatura de Jack Pierce: dizem que levava seis horas para ser aplicada.

O MONSTRO DA LAGOA NEGRA *(1954)*
De longe, o título menos memorável entre as principais obras do ciclo "terrorífico" da Universal – mas está aqui por sua influência na cultura pop e por ter sido o último esforço memorável do estúdio, quando a "era dos monstros" ingressou em seu crepúsculo. Dessa vez a imaginação dos roteiristas se voltou para a (então) desconhecida Amazônia, no Brasil, onde pesquisadores descobrem um híbrido de homem e peixe que representa um desvio na escala da evolução. Mais contemporâneo da ficção científica dos anos 1950, o filme recebeu óbvia influência de *O Monstro do Ártico*, mas foi original o bastante para se inscrever na história do gênero e cunhar outro personagem na galeria de "monstros sagrados" do cinema (Marilyn Monroe cita o filme em uma divertida sequência de *O Pecado Mora ao Lado*, de 1955). O visual do monstro não era particularmente convincente, mas funcionava bem nas cenas subaquáticas – a mais interessante é a que mostra a criatura nadando em sincronia com a mocinha, que parece o seu reflexo na superfície do rio. Incrivelmente, idiotas proativos de Hollywood ainda não fizeram um remake desta produção – mas, relaxe: é só questão de tempo até que tal constrangimento se concretize. ■



Quando lançamos o Jornal de Teatro com edições quinzenais,
teve gente que pensou que falataria assunto...

Tudo sobre teatro em um só jornal

JORNAL de Teatro

Leia e assine:
www.jornaldeteatro.com.br

Uma publicação aver editora

PREVIEW 2010

Super-heróis, criaturas míticas, bruxos adolescentes. 2010 chega ao cinema para todos os gostos. SET mostra um pedaço dessa produção nas páginas a seguir e o convida para nos acompanhar nessa jornada pelos próximos meses, em um mundo de astros e diretores, gênios e visionários, criadores e criaturas. Bem-vindo ao amanhã!

PREVIEW 2010

Homem de Ferro 2

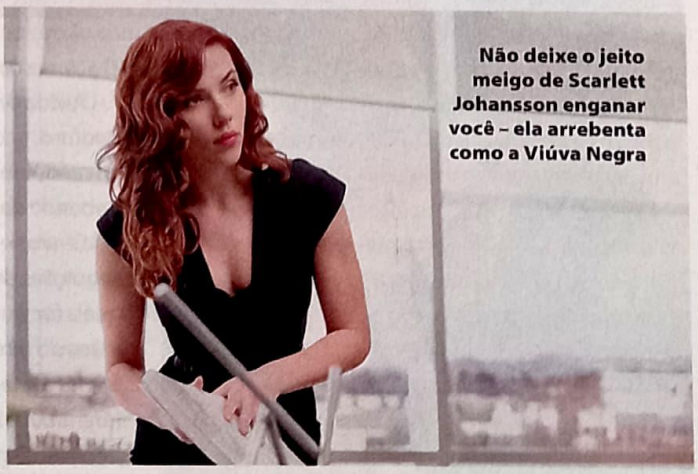
Downey Jr. na armadura do Homem de Ferro, que tem sua tecnologia roubada por Mickey Rourke

De Jon Favreau. **Com** Robert Downey Jr., Gwyneth Paltrow, Don Cheadle, Michey Rourke, Sam Rockwell e Samuel L. Jackson

Jon Favreau é um showman. Um animador de auditório. E nesta tarde quente de verão em San Diego, ante 7 mil fãs ensandecidos no dia mais concorrido da Comic Con, ele tem a platéia em suas mãos. Ele já apresentou o elenco de seu *Homem de Ferro 2*, Roberto Downey Jr. fez suas piadas, o produtor Kevin Feige falou como o sucesso do primeiro aumentou a escala de todo o jogo – do novo filme e do futuro da Marvel no cinema – e as novas caras do elenco (Don Cheadle, Scarlett Johansson, Sam Rockwell) já estão devidamente surpresas com a recepção do público e com o domínio de Favreau. Mas um bom showman sempre reserva o melhor para o final. E depois de provocar com uma montagem cafona que parecia ser retirada de um *Entertainment Tonight* da vida, Favreau mostrou que não era só pompa e zero conteúdo. Primeiro, Tony Stark (com a armadura do Homem de Ferro) conversando com Nick Fury (Sam Jackson): "Como esse negócio de ser solitário está funcionando pra você?", pergunta Fury, que recebeu uma expressão de "não muito bem" como resposta. Depois, Stark sendo questionado no Senado Americano, que quer para si a tecnologia do Homem de Ferro. Mickey Rourke. Scarlett como a Viúva Negra. O herói se desviando de uma bateria antiaérea. E, no clímax, James Rhodes (Cheadle, que entrou no lugar de Terrence Howard) na armadura do Máquina de Combate. Luzes. Foi ensurdecedor.

Mais de seis meses depois, a máquina (sem trocadilho) de *Homem de Ferro 2* continua azeitada. O primeiro trailer mostrou um pouco mais do universo expandido que o estúdio pretende com o novo filme, que coloca mais peças do Universo Marvel no cinema e pavimenta o caminho para *Os Vingadores*. Em plena pós-produção, Jon Favreau dá notícias constantes sobre o andamento do filme sobre o qual a Marvel está depositando seu futuro no cinema. Afinal, *Homem de Ferro* estreou em 2008 com pretensões modestas – enfim, se tratava de um personagem que ninguém fora do circuito dos leitores de HQs conhecia – e tornou-se um gigante de 585 milhões de dólares. Daí as engrenagens foram se movendo. Veio *O Incrível Hulk*, com Downey repetindo o papel de Tony Stark no final (Favreau sugeriu que *Hulk* se passa depois de *Homem de Ferro 2*), e o estúdio conseguiu moral para tocar *Thor* (que está sendo filmado por Kenneth Branagh) e *Capitão América* (Joe Johnston vai para trás da câmera em junho), culminando com *Os Vingadores* em 2012 – quem estará na equipe, além dos três, ainda é mistério e sujeito a especulação, mas é certo que o Hulk pode ser a força que une os heróis.

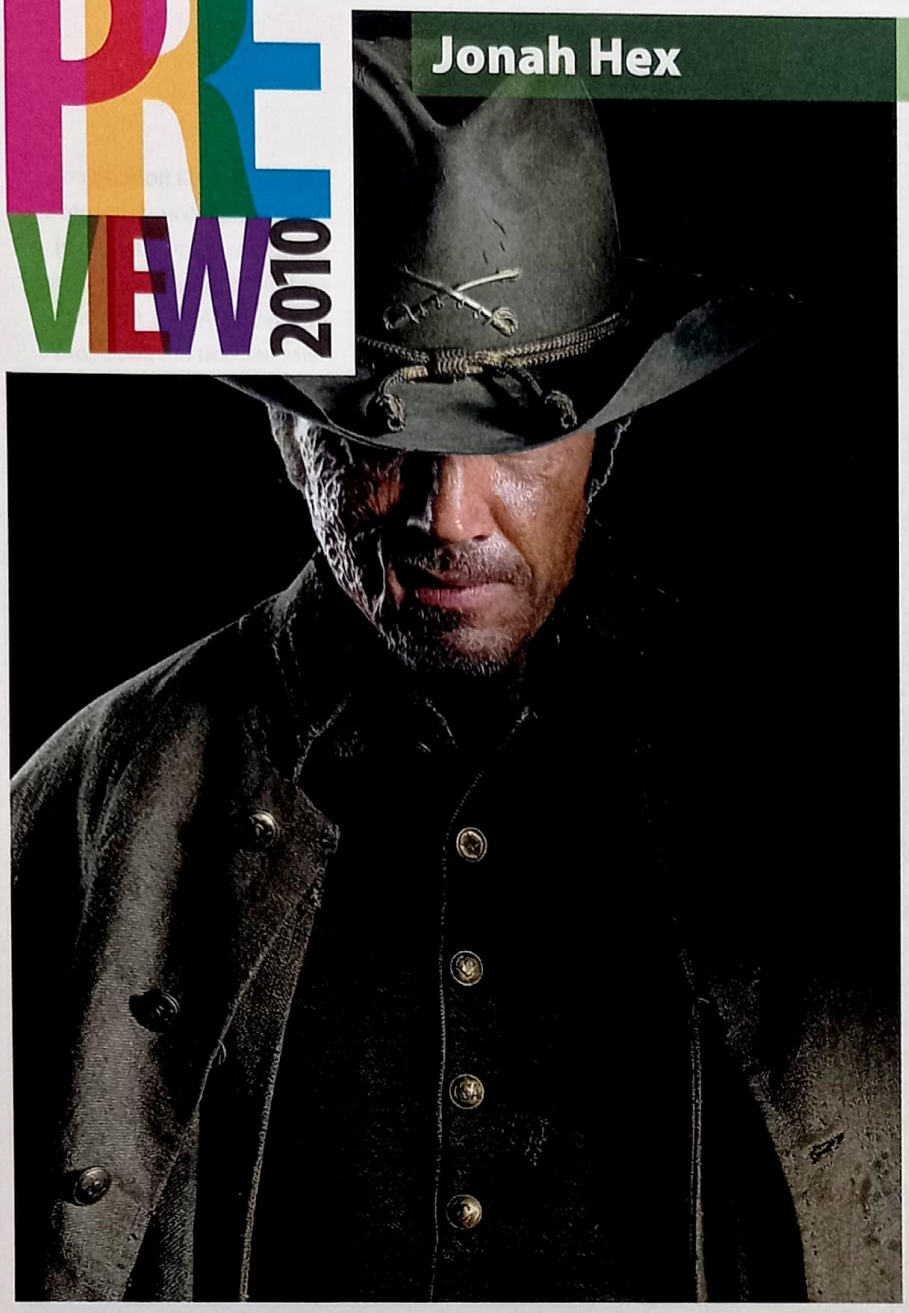
Em meio ao frenesi, Robert Downey Jr. é um mar de tranquilidade. Depois de ter sua carreira reiniciada (e de somar mais uma franquia milionária em seu currículo, *Sherlock Holmes*), ele conta a SET que, embora o desafio seja maior, a equipe inteira entrou no jogo para ganhar. "Sabemos como fazer, sabemos que funciona e queremos mais", diz, empolgado. A pressão é maior? "Na verdade, não é", dispara. "O.k., é sim, não tem como fugir. Fazer com que o mundo saiba quem é o herói muda o jogo, coloca o dedo de todo mundo em seu rosto. 'Você é o Homem de Ferro, e agora?' Acho que Tony diria que precisa de uma bebida." **Previsto para 30 de abril**



Não deixe o jeito meigo de Scarlett Johansson enganar você – ela arrebenta como a Viúva Negra

PREVIEW 2010

Jonah Hex



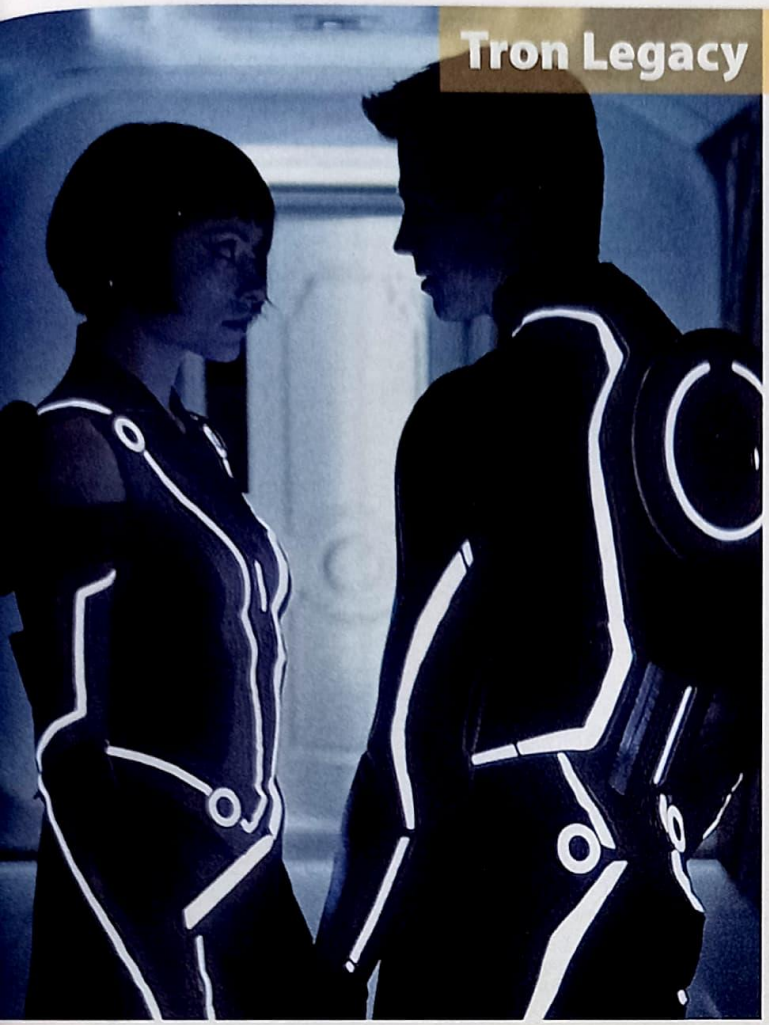
De Jimmy Hayward. **Com** Josh Brolin, John Malkovich e Megan Fox

Dentre a extensa lista de personagens que o Universo da DC Comics tem a oferecer, o caubói Jonah Hex parecia o menos propenso a ganhar tratamento cinematográfico. E, talvez por isso mesmo, tornou-se candidato óbvio. Apesar de já ter sido reinventado desastrosamente uma vez em sua carreira nos quadrinhos (Hex foi criado em 1972), sendo até arremessado num futuro pós-apocalíptico, sua versão mais popular entre os fãs de HQs é a do veterano da Guerra Civil americana, de rosto mutilado, que se aventura como caçador de recompensas. Embora o projeto já estivesse circulando por Hollywood há um certo tempo, ele só saiu da gaveta quando Josh Brolin, ele mesmo reinventado e no melhor momento de sua carreira, topou encarar o personagem. "Eu sempre fui atraído pela figura do anti-herói", diz Brolin, que encarnou justamente este papel no premiadíssimo *Onde os Fracos Não Têm Vez*. Com sua chegada, somaram-se ao elenco John Malkovich, Megan Fox e Michael Fassbender – mesmo que a trama não siga a de um western convencional. "Quis usar elementos das HQs de Hex dos anos 70", conta o diretor Jimmy Hayward, que estréia num longa live-action depois de comandar a animação *Horton e o Mundo dos Quem*. Assim, Hex enfrenta um bruxo vudu que quer levantar um exército de mortos-vivos para lutar na Guerra Civil. Ou seja: mais *Constantine* e *Motoqueiro Fantasma* do que *Os Imperdoáveis*. A maquiagem, ao menos, ficou bacana. **Previsto para 20 de agosto**

Encontro Explosivo

De James Mangold. **Com** Tom Cruise, Cameron Diaz e Peter Sarsgaard

A vida cinematográfica de Tom Cruise andava morna. *Leões e Cordeiros*, de Robert Redford, não fez barulho. E nem *Operação Valquíria*, de Bryan Singer. Como esse Oscar demora a chegar, Cruise deu uma relaxada – e *Encontro Explosivo* é o resultado. Bebendo da mesma fonte de *True Lies* e *Sr. e Sra. Smith*, Cruise é um agente secreto que envolve uma civil (Cameron Diaz) em sua missão. Entre tiros, explosões e perseguições de carro, os dois inevitavelmente ficam juntos – pelo menos é o chute, já que a fórmula é seguida tão à risca. A esperança de uma diversão inteligente está nas mãos do diretor James Mangold, que já encarou thriller policial (*CopLand*), drama adolescente (*Garota Interrompida*), comédia romântica (*Kate & Leopold*), suspense (*Identidade*), biografia musical (*Johnny & June*) e western (*Os Indomáveis*). Comédia de ação? Deve ser moleza... **Previsto para 16 de julho**



Tron Legacy

De Joseph Kosinski. **Com** Jeff Bridges, Garrett Hedlund, Olivia Wilde e Michael Sheen

"Quando fizemos *Tron*, o set ela um galpão preto marcado com fita crepe", lembra Jeff Bridges sobre a filmagem do clássico da ficção científica que, em 1982, deu os primeiros passos para Hollywood começar a trabalhar com efeitos digitais. "Daí eu chego para trabalhar em *Tron Legacy*... e lá estou em outro galpão vazio." A brincadeira pode aproximar os dois filmes, mas o abismo tecnológico vai além dos avanços na arte de criar mundos que o cinema experimentou nas quase três décadas que separam as duas aventuras. "A informática e os conceitos que apresentamos como ficção científica em *Tron* foram alcançados pela realidade", teoriza o visionário Steven Lisberger, diretor do filme original que volta como roteirista e produtor em *Legacy*. "E sabíamos que, para retornar ao mundo de *Tron*, teríamos de dar mais um salto para o futuro." A ideia no novo filme é que aquele mundo que existe no mainframe de um computador envelheceu. Kevin Flynn (Bridges), que fora digitalizado, aprisionado e dele fugiu no filme original, retornou e testemunhou sua deterioração. Agora é seu filho, Sam (Garrett Hedlund, de *Tróia*), quem enfrenta o perigo de uma realidade de perigos ampliados para salvar seu pai. "A tecnologia 3D foi a escolha óbvia", entrega Joseph Kosinski, diretor do novo filme. "Aumenta nosso leque narrativo, ajuda a imergir a platéia na história e funciona como uma expansão das idéias do *Tron* original, entregando um mundo novo que ninguém jamais viu antes." 3D? Novo mundo? Onde será que ouvimos isso antes... **Previsto para 10 de dezembro**

O Último Mestre do Ar

De M. Night Shyamalan. **Com** Noah Ringer, Dev Patel, Nicola Peltz e Cliff Curtis

Em que pé se encontra a carreira de M. Night Shyamalan? Vejamos. Da consagração com *O Sexto Sentido*, o brilhante *Corpo Fechado* e o blockbuster *Sinais*, ele viu seu pé de coelho perder o efeito junto ao público com filmes cada vez mais criticados, incompreendidos e ignorador – de *A Vila* e *A Dama na Água*, ele bateu o último prego no caixão com o inacreditável *Fim dos Tempos*, que traz, entre outras coisas, Mark Wahlberg conversando com uma samambaia. Daí, a reinvenção: *O Último Mestre do Ar* é uma adaptação da série animada *Avatar* (o nome não pode ser usado por razões óbvias, já que ninguém é azul nem Na'vi), e é o primeiro filme do diretor que não envolve uma de suas criações. "Foi minha filha quem viciou a família em *Avatar*", revela. O filme traz a saga do garoto Aang, último capaz de controlar elementos e derradeira esperança da humanidade para não cair sob o jugo de um tirano. Se o texto ainda é uma incógnita (o roteiro é de Shyamalan), ao menos seu apuro visual parece ter encontrado o rumo: o visual de *O Último Mestre do Ar* é arrebatador. Será a volta do diretor, chamado uma vez de "o novo Spielberg", ao topo? **Previsto para 23 de julho**

PREVIEW 2010

Alice no País das Maravilhas

De Tim Burton. **Com** Johnny Depp, Helena Bonhan Carter, Anne Hathaway e Mia Wasikowska

Se existe um filme com data marcada para derrubar *Avatar* dos cinemas Imax no mundo todo, é a visão de Tim Burton para o clássico *Alice no País das Maravilhas*. Não em termos de bilheteria, até porque bolas de cristal funcionais estão em demanda. O motivo é contratual: o filme da Disney já estava acertado para entrar nos cinemas Imax nos EUA em 5 de março (no Brasil, no mês seguinte), e os Na´vi azulões abrem espaço para Alice. E, claro, o Chapeleiro Louco, que ganha no filme corpo de Johnny Depp (em sua sétima parceria com Burton) e o topo dos créditos.

Engana-se, porém, quem acredita que *Alice no País das Maravilhas* é uma nova (e tecnologicamente atualizada, já que surge em 3D) do livro de Lewis Carroll, que a própria Disney imortalizou no desenho animado de 1951. "Estamos continuando a jornada de Alice, mesmo que o filme não seja uma continuação de nada que veio antes", diz Burton, que admite que o texto traz os elementos góticos e fantásticos tão presentes em sua obra, e que sua demora em abraçar o material foi simplesmente questão de hora certa e lugar certo. "Mas não foi só os livros, e sim o tipo de imagens e sons que eles evocam e aconteciam em sonhos O que eu fiz foi pegar essas sensações e tentar transformar num filme." A tecnologia foi aliada do diretor para materializar essa visão. Entusiasta de maquetes e efeitos práticos, Burton abraçou a tecnologia digital para transformar seus atores em peças no tabuleiro de *Alice* – sua mulher, Helena Bonhan Carter, tem a cabeça inflada para fazer a Rainha Branca; personagens antropormóficos ganham voz de atores famosos e são animados digitalmente. Ainda assim, Burton fugiu da tecnologia de captura de movimento de *Avatar* ou mesmo de *Tin Tin*, que Steven Spielberg está rodando. "Não era o que eu queria fazer artisticamente, eu não acho que seja uma técnica que eu vá utilizar", explica. "Em *Alice* misturamos cenários digitais com os atores, e as criaturas são fruto de animação tradicional, de modelagem em 3D, que me daria a naturalidade e a esquisitice que eu busco neste mundo. Mas é uma mistura de técnicas extremamente trabalhosa e detalhista."

Quem se aproveita da maquiagem tradicional é o Chapeleiro Louco, que nas mãos de Depp torna-se o centro de gravidade do retorno de *Alice ao País das Maravilhas* quando o mundo do lado de cá torna-se real a ponto de ser sufocante – ela está sendo pedida em casamento quando surta e, correndo pelo bosque, reencontra a entrada para o lugar que se refugiou em sua infância. "*Alice* é basicamente uma jornada pela psique de uma pessoa de várias personalidades, sendo que todo personagem representa parte dessa fragmentação", continua Burton. "O Chapeleiro é a personalidade dominante talvez por ser o mais insano. Todos estes livros, *Alice*, *O Mágico de Oz*, são uma jornada interna. É o que toda criança faz quando enfrenta problemas. Cria um mundo imaginário, uma fuga. Algumas terminam até fazendo filmes..." **Previsto para 23 de abril**

Os Mercenários

De Sylvester Stallone. **Com** Stallone, Jason Statham, Jet Li, Dolph Lundgren, Mickey Rourke, Bruce Willis e Arnold Schwarzenegger

Quem é fã de filmes de ação dos anos 80 não terá muito o que reclamar de *Os Mercenários*, que abraça todos os clichês do gênero e da década que foi seu auge. O motivo é um só: tem direção e roteiro de Sylvester Stallone, que sabe como entregar como ninguém o que seu público quer. A prova disso pode ser vista nos mais recentes longas de *Rocky* e *Rambo*, mais dignos do que seus detratores anunciaram. Este novo trabalho do ator/diretor deve seguir pelo mesmo caminho: não vai revolucionar os filmes de ação, mas vai reunir luminares da pancadaria. O elenco é o sonho de qualquer fã de filmes-testosterona, e inclui Jason Statham, Jet Li, Dolph Lundgren, Mickey Rourke, Danny Trejo, Eric Roberts e participações especiais de Bruce Willis e Arnold Schwarzenegger – em uma cena que o cinema está devendo desde que a dupla e Stallone se tornaram sócios da rede de restaurantes temáticos Planet Hollywood. A trama é um primor da simplicidade: Barney Ross (Stallone) e seu grupo de mercenários vêm até a América do Sul para depor o ditador de um país fictício. E só. O que a gente quer ver mesmo é essa turma toda num único filme. Coisa que, aliás, já deveria ter sido feita nos próprios anos 80. **Previsto para setembro**

Cop Out

De Kevin Smith. **Com** Bruce Willis, Tracy Morgan, Seann William Scott, Jason Lee e Michele Trachtenberg

Na gíria, "cop out" é uma expressão que significa fugir de uma responsabilidade. Por aqui, é o famoso "dar uma de joão sem braço", coisa que Kevin Smith acabou fazendo recentemente ao falar dessa comédia em sua página no Twitter: "*Cop Out* não é um filme meu, é um filme que fui contratado para dirigir". Mas com um elenco lotado de queridinhos de Smith, como seus amigos Bruce Willis, Tracy Morgan (e, claro, Jason Lee), fica difícil encarar a coisa como ele quer. O filme mostra uma dupla de policiais (Willis e Morgan) investigando o roubo de uma figurinha de baseball rara. No meio de tudo, resgatam Gabriela (Ana de la Reguera, de *Super Nacho*) de um grupo de gângsteres especialistas em lavagem de dinheiro. Referências pop pipocam a cada cena. Fãs mais radicais de Smith encheram a internet com mensagens reprovando o trailer do filme e chamando o diretor de "vendido" por fazer um filme com um roteiro mais comercial. Mas, apesar do papo de ambos os lados, é um filme de Kevin Smith. Quer ele queira ou não. **Previsto para maio**

PREVIEW 2010

Toy Story 3

De Lee Unkrich. **Com** as vozes originais de Tom Hanks, Tim Allen, Joan Cusack e Michael Keaton

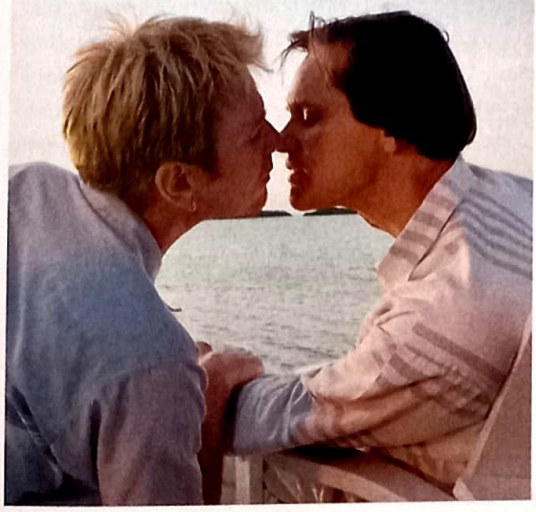
Uma das séries de maior sucesso da Pixar está de volta e, como qualquer animação que se preza hoje em dia, vem totalmente em 3D. A direção está nas mãos de Lee Unkrich, que participou do roteiro do primeiro filme e codirigiu o segundo ao lado do criador John Lasseter, que desta vez apenas assina a produção executiva. O afastamento de Lasseter da direção do filme está ligado a toda conversa e negociação de compra da Pixar pela Disney, em 2006. Segundo um acordo firmado entre as empresas antes disso, os personagens criados pela Pixar já pertenciam à Disney, que cogitou em 2004 fazer um terceiro *Toy Story* em um estúdio próprio – para a fúria dos fãs e a decepção de Lasseter. Um roteiro foi escrito no mesmo ano e a produção começou a caminhar. Mas quando finalmente a Disney comprou a Pixar, Lasseter e seu sócio, Edwin Catmull, se tornaram responsáveis por todo o departamento de animação da Disney, retomando as rédeas da franquia. O estúdio que trabalhava em *Toy Story 3* foi fechado e, surpreendentemente, a dupla encomendou um novo roteiro, colocando também o parceiro Unkrich na direção. Na trama, o garoto Andy cresceu e está a caminho da faculdade. Obviamente, ele não tem mais o mesmo interesse em seus brinquedos e os coloca em uma grande caixa para ser guardada no sótão. Bem, quase todos: ainda na condição de favorito de Andy, o caubói Woody (mais uma vez dublado por Tom Hanks) é separado, para ser levado à universidade. Tudo começa a dar errado quando a caixa de brinquedos é acidentalmente jogada no lixo, e acaba doada para uma creche lotada de crianças nem um pouco cuidadosas, loucas para botar as mãos nos presentes recém-chegados. Cabe a Woody resgatar os amigos em perigo. Entre as novidades, vilões fofinhos, velhos conhecidos de cara (ou melhor, personalidade) nova, e Barbie conhece ninguém menos que Ken, que ganha a voz de Michael Keaton. **Previsto para 25 de junho**

Shrek Para Sempre

De Mike Mitchell. **Com** Mike Myers, Eddie Murphy, Cameron Diaz, Antonio Banderas e Justin Timberlake

A briga pelas bilheterias do meio do ano vai ficar mesmo com as animações. Quem também está de volta aos cinemas, e também em 3D, é o ogro verde Shrek, naquele que pode ser o último filme da franquia: um dos slogans do filme é "O Capítulo Final" (mas, claro, não aposte nisso). Desta vez, o monstro verde está se sentido muito "domesticado" e sente falta de seus dias como um verdadeiro ogro. Se antes ele assustava a todos, agora ele precisa dar autógrafos por onde passa. Cansado de tanta amabilidade, Shrek (mais uma vez dublado por Mike Myers) acaba sendo enganado por Rumpelstiltskin (voz de Walt Dohrn), um duende mágico espertalhão. O ogro assina um pacto com o trapaceiro e acaba sendo levado para uma versão bizarra do reino de Muito, Muito Distante, onde o duende é rei, o Gato de Botas (Antônio Banderas) está gordo e preguiçoso, Burro (Eddie Murphy) precisa puxar carroças e Fiona (Cameron Diaz) é caçada impiedosamente por três bruxas malvadas. Para piorar, nenhum deles jamais conheceu Shrek, que nada mais é do que um ogro qualquer da floresta. Cabe ao monstrengo corrigir a bobagem que cometeu, acabar com o reinado de Rumpelstiltskin e fazer tudo voltar ao normal. Fácil, não? **Previsto para 9 de julho**

Eu Te Amo Phillip Morris



De Glenn Ficara e John Requa. **Com** Jim Carrey, Ewan McGregor e Rodrigo Santoro

Em que mundo vivemos no qual uma comédia estrelada por Jim Carrey pena para garantir sua distribuição nos Estados Unidos? A resposta pode ser encontrada em *Eu Te Amo, Phillip Morris*, em que Carrey interpreta um golpista que, preso, se apaixona por seu companheiro de cela, Phillip Morris (Ewan McGregor). Baseado na vida de Steven Jay Russell, o filme de Ficara e Requa (que também escreveram o roteiro) ficou pronto em 2008 e se safou depois de ser remontado. "Não por causa de seu tema", diz Ficara, que ao lado de Requa exibiu *Phillip Morris* na última edição da Mostra de Cinema em SP. "Foi para deixar a narrativa mais enxuta. Não é um filme gay, é sobre uma pessoa que teve uma vida extraordinária e é gay." No chão da sala de montagem ficou também uma sequência em que Carrey contracena com Rodrigo Santoro, seu namorado antes de conhecer Morris. "Foi o caso de cortar uma cena por ela ser muito boa!", justifica Requa. "A química de Rodrigo e Jim era grande, eclipsava seu relacionamento com Ewan. Mas vai para DVD." **Previsto para 4 de junho**

PREVIEW 2010

Fúria de Titãs

De Louis Leterrier. **Com** Sam Worthington, Ralph Fiennes e Liam Neeson

Efeito-cascata de *Avatar*: embora o estúdio responsável por *Fúria de Titãs* navegasse na dúvida de converter ou não a refilmagem do clássico camp de 1981 para o formato 3D, os bilhões da aventura de James Cameron soaram o alarme, e a aventura, agora dirigida por Louis Leterrier (*O Incrível Hulk*) e recheada de criaturas digitais, será apreciada com óculos polarizados – o que causou um leve atraso em seu lançamento. E olha que já são quase duas décadas desde que o mestre Ray Harryhausen fez história com suas fantásticas animações em stop-motion na aventura que reconta a lenda de Perseu, semideus que enfrenta deuses e titãs para salvar a humanidade. A produção, que teve seu primeiro esboço de roteiro em 2002, segue próximo à idéia do filme original, mas deixa mais clara toda a disputa política entre os deuses, além dos ataques de ciúme, as brigas e traições.

E aí vem mais uma ponto que liga *Avatar* a *Fúria de Titãs*: na versão do século 21, Perseu é vivido por Sam Worthington, que o mundo enxerga como o soldado paraplégico Jake Sully. Filho bastardo de Zeus (Liam Neeson), mas criado entre os humanos, ele não passa de um peão na guerra entre seu pai e Hades (vivido por Ralph Fiennes), o vingativo senhor das trevas que planeja dominar a terra dos mortais. Depois de não conseguir salvar sua família de um ataque de Hades, Perseu não tem alternativa a não ser aceitar uma missão quase suicida imposta por Zeus para deter seu rival. Ao lado de fiéis guerreiros e contando com ajuda de outros deuses, Perseu enfrenta uma série de criaturas fantásticas, como a Medusa e o Kraken, em uma festa de bichos digitais que não era vista desde que Frodo traçou sua jornada pela Terra Média em *O Senhor dos Anéis*.

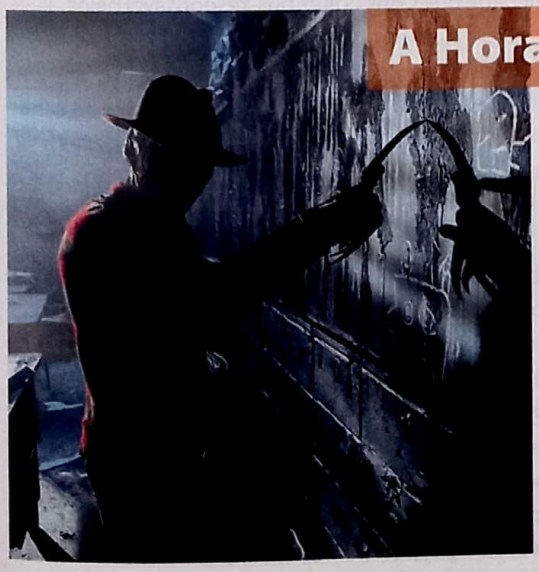
Curiosamente, as batalhas entre humanos, deuses e monstros de *Fúria de Titãs* (cadê uma nova versão de *O Dragão e o Feiticeiro*, heim, Disney?) não serão mais novidade quando o longa chegar aos cinemas: ele foi atropelado por *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, em cartaz no Brasil, e traz a mesma coleção de personagens da aventura de Perseu. Até a rivalidade de Zeus e Hades (e Poseidon, na aventura dirigida por Chris Columbus) está no roteiro. Não que Leterrier esteja preocupado. Em uma Hollywood de olho em escala, no tamanho do espetáculo, é difícil um adolescente fazer frente a um exército de monstrengos mitológicos – ou mesmo de Sam Worthington, que chegou ao cinema para devolver a masculinidade aos grandes heróis de ação. Bom, a menos que esse adolescente tenha uma cicatriz em forma de raio na testa... **Previsto para 21 de maio**

Príncipe da Pérsia: As Areias Do Tempo

De Mike Newell. **Com** Jake Gyllenhaal, Gemma Arterton, Ben Kingsley, e Alfred Molina

Mais um game de sucesso tenta a sorte em uma versão para o cinema. Agora é a vez de *Príncipe da Pérsia*, um clássico de 1989 criado por Jordan Mechner e que é considerado por muita gente um dos maiores jogos de ação de todos os tempos. O filme, porém, não é baseado no clássico, e sim em *Prince of Persia: The Sands of Time*, de 2003, e com ele a Disney espera repetir os passos da franquia *Piratas do Caribe*. A produção está por conta de Jerry Bruckheimer (da trilogia de Piratas), que procurou Mechner em 2004 para fazer o filme. Seu criador, que já tinha em mãos um projeto de uma animação com o príncipe, ficou encantado com a ideia de associar sua criação à Disney e rapidamente escreveu um roteiro. Segundo ele, o filme não é inteiramente baseado no jogo, mas toma dele algumas idéias para rechear a história. A trama gira em torno de Dastan (Jake Gyllenhaal), soldado de elite do exército persa que ganha a admiração do rei. Ele acaba sendo adotado pelo monarca, que planeja fazer dele seu herdeiro, e assim não ver os seus filhos se matando pelo trono. Ele acaba unido forças com a misteriosa princesa Tamina (Gemma Arterton) para recuperar as areias do tempo, antigo presente dos deuses capaz de controlar o fluxo de tempo e espaço e que dá ao seu possuidor poderes para controlar o mundo. Nos videogames, o jogo teve mais duas sequências, que podem servir de base para uma trilogia também nos cinemas. **Previsto para 28 de maio**

A Hora do Pesadelo



De Samuel Bayer. **Com** Jackie Earle Haley, Rooney Mara, Clancy Brown

Com sete filmes no cinema (a maioria de qualidade duvidosa) e uma série na TV, em que não passou de anfitrião, o bicho-papão Freddy Krueger se tornou uma piada, um assassino conhecido mais por seu humor negro do que por sua crueldade. Ainda assim, a Platinum Dunes, que relançou *O Massacre da Serra-Elétrica* e *Sexta-Feira 13*, bancou o relançamento da série. Mas como conseguir que a platéia tenha medo de um palhaço? "Foi esse justamente o motivo de a gente embarcar no projeto", dispara o diretor Samuel Bayer. "Freddy, como visto no filme que Wes Craven dirigiu em 1984, é um personagem perfeito, é o sujeito que nos mutila quando estamos mais frágeis, em nossos sonhos." Assim, o novo *A Hora do Pesadelo* volta às origens de Krueger, contando com detalhes sua morte e ressurreição como um espírito do mal. "Freddy é parte de nosso folclore", completa Jackie Earle Haley, que assume o papel do homicida lúdico, tomando o lugar de Robert Englund. **Previsto para 7 de maio**

PREVIEW 2010

Harry Potter e as Relíquias da Morte – Parte 1

De David Yates. **Com** Daniel Radcliffe, Emma Watson e Rupert Grint

Depois de seis filmes de sucesso e centenas de milhões de dólares arrecadados, Harry Potter chega ao seu round final. Em novembro chega aos cinemas a primeira parte – a história foi dividida em duas no cinema –, que adapta a última aventura do bruxo criado por J.K. Rowling. A divisão foi feita principalmente porque o livro que encerra as aventuras de Harry é grande demais e tudo teria de ficar muito espremido num único filme. Assim, os dois longas estão sendo filmados ao mesmo tempo. A ideia por trás disso é econômica, obviamente, mas também para evitar que os três protagonistas – Daniel Radcliffe, Rupert Grint e Emma Watson – tenham de gravar já bem mais velhos, o que acentuaria a diferença de idade entre os atores e os personagens. Quem está no comando desses dois filmes finais é mais uma vez o inglês David Yates. Ele pode se gabar de ser o diretor que mais trabalhou na franquia do bruxo: ao final da saga, terá dirigido quatro longas-metragens dos oito produzidos – *A Ordem da Fênix* e *O Enigma do Príncipe* são os outros que trazem sua assinatura.

A história, como você pode imaginar, apresenta o confronto final entre Harry Potter e o vilão Voldemort (Ralph Fiennes). A série evoluiu de uma aventura infanto-juvenil para uma trama mais sombria, simbolizando o fim da infância e a entrada, às vezes desavisada, na idade adulta. Isso foi refletido no tom cada vem mais sombrio dos filmes, o que foi iniciado por Alfonso Cuarón quando comandou *O Prisioneiro de Azkaban*, num nem tão distante 2004, e entendeu com mais propriedade que Chris Columbus, responsável pelos primeiros filmes da série, as entrelinhas das histórias de Rowling. Preocupações que surgiram com o sucesso de *A Pedra Filosofal* – principalmente em relação à idade do elenco principal e se ele seria mantido nos filmes subsequentes – aos poucos foram desfeitas. Hoje, *Harry Potter* é a série mais lucrativa da história, com 5,5 bilhões de dólares nos cofres da Warner.

É também uma das mais "invejadas" – não passa uma temporada sem que um "novo Harry Potter" chegue aos cinemas. Uma atração a mais para os fãs é que este será o primeiro longa da série com exibição em 3D. Não é exatamente o mesmo processo usado em *Avatar*, por exemplo, que foi concebido desde eu início para ter este recurso. No caso do personagem de J.K. Rowling, houve uma conversão para o 3D depois de tudo já filmado. O que não quer dizer que a sua diversão será menor por conta disso. Afinal de contas, estamos falando no encerramento de uma das maiores sagas que o cinema já viu. **Previsto para 19 de novembro**

A Saga Crepúsculo: Eclipse

De David Slade. **Com** Kirsten Stewart, Robert Pattinson e Taylor Lautner

O diretor David Slade tem a grande missão de dar finalmente o devido trato a um rebento da escritora Stephenie Meyer. Se *Crepúsculo* ainda tateava o caminho da saga nos cinemas e *Lua Nova* acabou num chororô arrastado, *Eclipse* tem todos os elementos para chegar às telas com cenas de ação sensacionais e batalhas sangrentas. Slade tem a mão certa para comandar o show – quem assistiu à rasgação desenfreada de jugulares no sombrio *30 Dias de Noite* sabe de sua intimidade com os sanguessugas. A pergunta é: será que ele vai aliviar a mão para agradar às fãs dos livros e dos filmes? No terceiro filme da saga, Victoria (Bryce Dallas Howard, que entrou no lugar de uma indignada Rachelle Lefevre) forma um exército perigoso e sem controle de vampiros. Ela quer acabar com a raça de Bella Swan (Kristen Stewart) e da família Cullen, vingando assim a morte de seu amado James. Em tempos de guerra, alianças improváveis surgem. Lado a lado, vampiros e lobos liderados por Edward (Robert Pattinson) e Jacob (Taylor Lautner) lutam contra inimigos comuns. E quando rola confusão no mundo dos "frios", a presença indesejável dos vampirões Volturi se faz notar. Eles se metem na história para manter a ordem do seu mundo. Bella, agora noiva de Edward, continua com seu plano de se tornar vampira, mas as investidas de seu amigo lobo deixam a moça confusa. Como "bônus", Eclipse também revela um pouco mais sobre o passado de Jasper (Jackson Rathbone) e Rosalie (Nikki Ree). **Previsto para 30 de junho**

Salt

De Phillip Noyce. **Com** Angelina Jolie, Liev Schreiber e Chiwetel Eijiofor

Ação não tem sexo.... certo? Veja o caso de *Salt*, thriller dirigido pelo competende Phillip Noyce (*Jogos Patrióticos*). O papel do agente acusado de ser um russo infiltrado para matar o presidente dos EUA estava reservado para Tom Cruise. Ele assumiu outros compromissos e o personagem foi para Angelina Jolie sem nada além de um polimento no texto. É a mesma corrida de gato e rato entre a agência e a agora fugitiva Evelyn Salt, que usa seus anos de experiência como espiã para não ser capturada, ao mesmo tempo que tenta provar sua inocência e desmascarar o verdadeiro agente duplo. O problema é que quanto mais ela foge, mais o seu mentor na CIA, o agente Winter (Liev Schreiber), parece questionar seus verdadeiros motivos – e até mesmo sua identidade. Ecos de *Sem Saída*, com Kevin Costner, ressoam no projeto. Espera-se que ao menos o final não traga a mesma surpresa... **Previsto para 30 de julho**

PREVIEW 2010

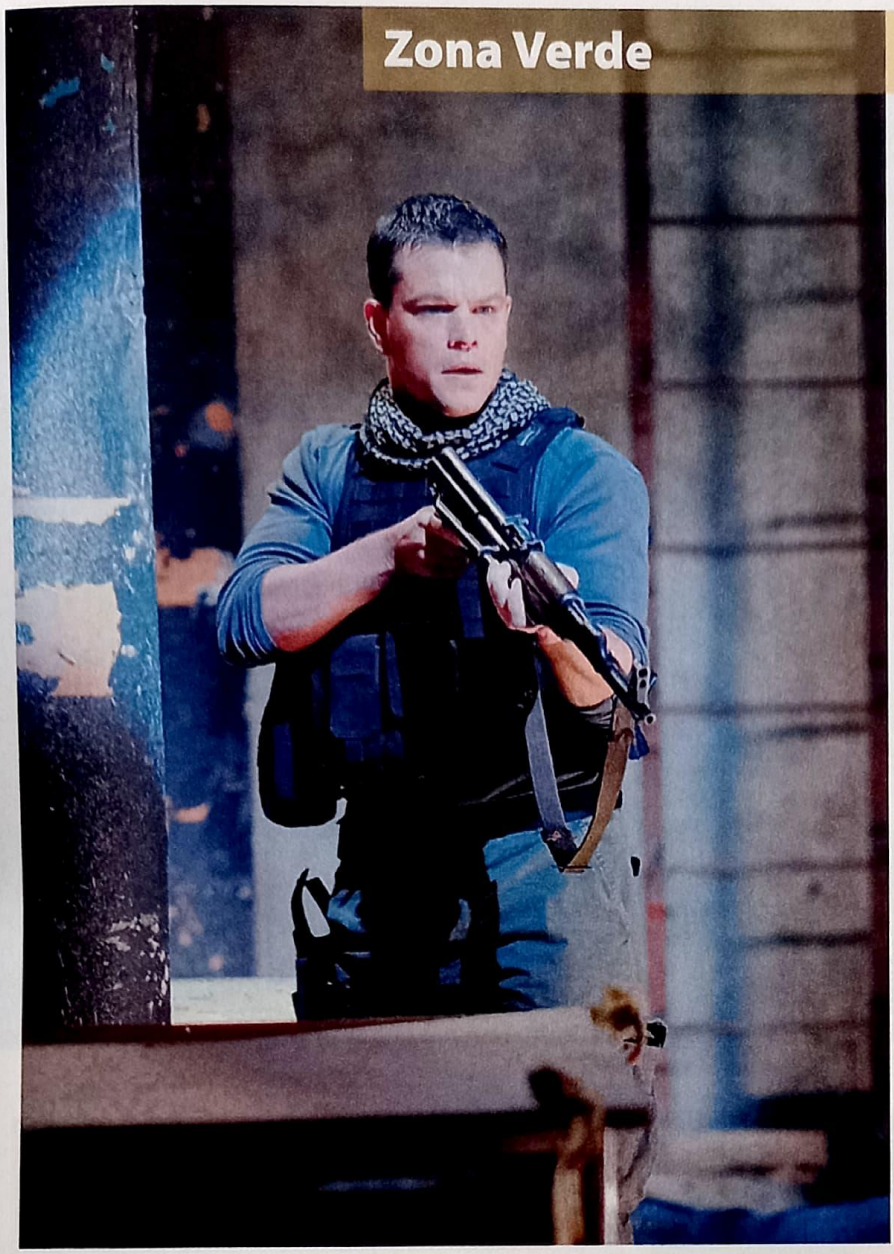
Robin Hood

De Ridley Scott. **Com** Russell Crowe, Cate Blanchett, Mark Strong

Originalmente, a reinvenção da saga de *Robin Hood* por Ridley Scott trazia a alcunha *Nottingham*. Nesta primeira encarnação desta visão do bandido de Sherwood, o Sherife de Nottingham seria mostrado numa luz mais branda, com Robin assumindo um papel vilanesco – depois, ela evoluiu para que eles fossem a mesma pessoa, que em certo momento enxergou a justiça além da lei e mudou de lado. Essa história adorna o fundo de um lixo nos estúdios da Universal. "Queremos muito revisitar a lenda de *Robin Hood*", Russell Crowe contou a SET no lançamento de *Rede de Mentiras*, que tinha direção de Scott. "A história é fascinante e já temos um material de pesquisa extenso... Nos resta encontrar o ângulo certo." A tarefa recaiu sobre o roteirista Brian Helgeland (*Los Angeles – Cidade Proibida*, *Sobre Meninos e Lobos*), que reescreveu a trama mostrada no argumento de Ethan Reiff e Cyrus Voris com elementos familiares, mas ao mesmo tempo revigorantes o suficiente para reunir Scott e Crowe e conseguir o sinal verde do estúdio.

Para achar esse frescor em um personagem já representado mais de uma centena de vezes em cinema e na TV (suas versões mais famosas são *As Aventuras de Robin Hood*, de 1938, com Errol Flynn; e *Robin Hood – O Príncipe dos Ladrões*, que Kevin Costner protagonizou em 1991) Helgeland foi atrás da história. Robin (Russell Crowe) é um arqueiro a serviço do rei Ricardo Coração de Leão que defende a Inglaterra de invasores franco-normandos, para depois se tornar um herói do povo. O resultado é um épico que traz a assinatura do diretor: os efeitos digitais são mero adereço de cena, mas as batalhas gigantescas são travadas por um exército de figurantes – a exemplo do que ele fez em *Gladiador* e *Cruzada*.

Esse exército quase foi eclipsado pela ciranda de atores e atrizes que entraram e saíram do filme. O próprio Russell Crowe, o ator mais velho a interpretar Robin, quase foi preterido por Christian Bale ou Sam Riley. Rhys Ifans suportamente faria o papel do Rei Ricardo, no fim interpretado por Danny Huston. Eileen Atkins substituiu Vanessa Redgrave. Finalmente, antes de Sienna Miller fechar como Lady Marion, o papel passou por Scarlett Johansson, Emily Blunt, Angelina Jolie, Zooey Deschanel e Natalie Portman – a própria Sienna teve de sair do projeto por causa de conflitos de agendas e Marion finalmente pousou no colo de Cate Blanchett. Para obter o realismo exigido por Ridley, sempre o perfeccionista, a produção deslocou-se para florestas pela Inglaterra e País de Gales (inclusive a própria Sherwood), em Londres e nos estúdios de Shepperton. O resultado é uma aventura que lembra, em tom e em visual, *Gladiador* – e não é nada mal ser comparado a um vencedor do Oscar que não fez feio nas bilheterias. **Previsto para 14 de maio**



Zona Verde

De Paul Greengrass. **Com** Matt Damon, Greg Kinnear, Jason Isaacs e Brendan Gleeson

Depois de comandar *A Supremacia* e *O Ultimato Bourne*, o director Paul Greengrass esperava repetir a parceria com Matt Damon num filme, em suas palavras, "empolgante". E qual o lugar mais perigoso, extremo e, na falta de uma palavra melhor, empolgante no mundo de hoje? "Era o Iraque", sentencia. O thriller centrado na "zona verde", ou seja, a parte de Bagdá controlada pelo exército americano, é ambientado nos primeiros momentos da invasão americana. "Eu queria contar uma história sobre a caça às armas de destruição em massa", conta Greengrass. "Senti que era um tema muito rico para um thriller moderno." E uma história perigosa para seu protagonista, Roy Miller, chefe de uma equipe designada a encontrar as tais armas. Se para o mundo logo ficou claro que elas não existiam, para os soldados no campo o que ficou claro foi que eles estavam lá por outros motivos – e maquinações políticas logo evoluem para ações explosivas em um ambiente volátil. "Miller é o cara que faz as perguntas certas na hora errada", explica Matt Damon, que interpreta o militar. Com a proximidade do lançamento de *Zona Verde*, um quarto Bourne se torna cada vez mais tênue – pelo menos com Greengrass e Damon a bordo. Mas sejamos honestos: com o final perfeito de *O Ultimato Bourne*, e a dupla perseguindo novas tramas com este filme, existe mesmo um motivo? **Previsto para 16 de abril**

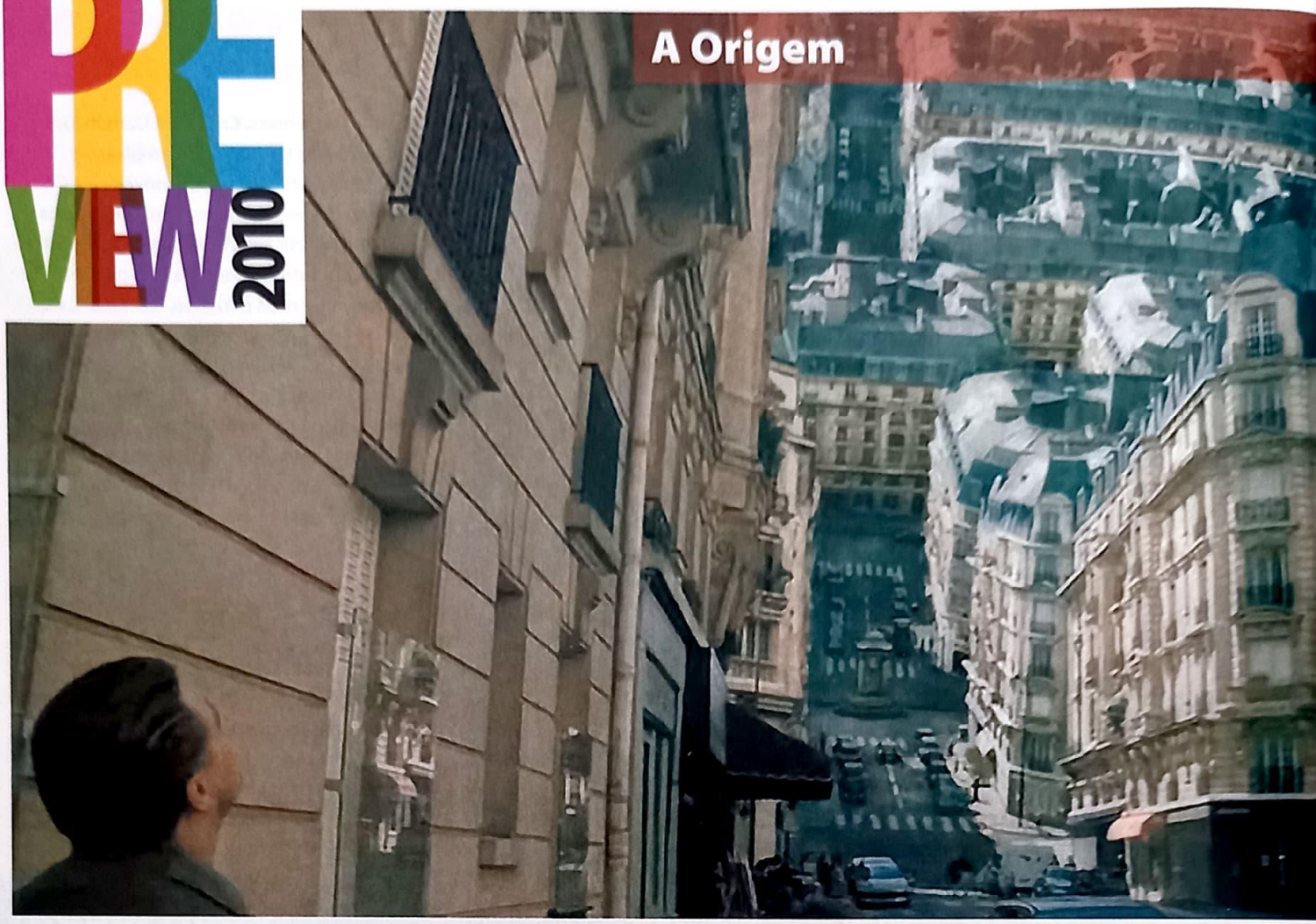
Federal

De Eryk de Castro. **Com** Selton Mello, Carlos Alberto Riccelli, Eduardo Dusek

Primeiro longa de ficção do diretor Erik de Castro (o documentário *Senta a Pua*), *Federal* coloca Selton Mello no papel de Dani, um agente especial da Polícia Federal. Ao lado do delegado Vital (Carlos Alberto Riccelli) e de uma pequena tropa escolhida entre Comando de Operações Táticas da Polícia Federal, eles partem na caça do traficante Carlos "Beque" Batista (o cantor Eduardo Dusek), que colocou Brasília na rota do tráfico de drogas internacional. O filme foi rodado quase totalmente na Capital Federal e contou com o apoio da PF, que forneceu agentes para trabalhar como figurantes. Com um orçamento de 4,5 milhões de reais, *Federal* arrisca um gênero pouquíssimo explorado no Brasil (fora das favelas e do eixo São Paulo/Rio) e conta com a participação de Giuliano Fiumani e George Zamora (*Homem-Aranha*, *Titanic*) para cuidar dos efeitos especiais. Michael Madsen (*Cães de Aluguel*) faz Sam Gibson, agente do FBI que vem ao Brasil auxiliar nas investigações. **Previsto para abril**

PREVIEW 2010

A Origem



Wall Street 2: Money Never Sleeps

De Oliver Stone. **Com** Michael Douglas, Shia LaBeouf, Carey Mulligan eCharlie Sheen

A sequência do sucesso de 1987 que rendeu o Oscar de melhor ator a Michael Douglas é também um filme que ninguém esperava que surgisse na onda nostálgica que sempre assola o mundo. Mas Oliver Stone é cobra criada e segue a história do primeiro filme, aproveitando a recente crise econômica nos Estados Unidos para voltar ao coração financeiro do mundo. A trama se passa em 2008, com Gordon Gekko (Douglas) saindo da prisão após 23 anos. Tentando retomar seu prestígio perdido, ele tenta avisar Wall Street da crise iminente que se aproxima, mas ninguém dá muita bola ao sujeito que um dia disse que "a ganância é boa". Ao mesmo tempo, Gekko luta para se reaproximar da filha (Carey Mulligan, de *Educação*), noiva de Jacob Moore (Shia LaBesuf), um jovem e ambicioso corretor de Wall Street. Quando o mentor de Jacob é assassinado, ele e Gekko se unem para uma ajuda mútua: o veterano auxilia o rapaz a encontrar o assassino, que por sua vez tenta reaproximar sua noiva do pai. Charlie Sheen, protagonista do filme de duas décadas atrás, faz uma participação especial repetindo o papel do corretor Bud Fox.

Previsto para 21 de maio

De Christopher Nolan. **Com** Leonardo DiCaprio, Ken Watanabe, Joseph Gordon-Lewitt, Marion Cotillard e Michael Caine

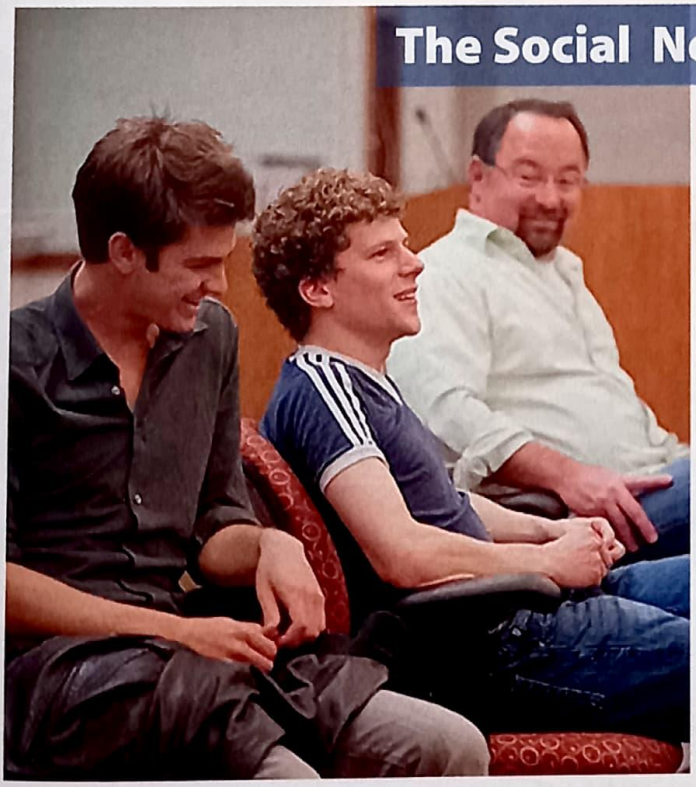
Um amigo que trabalha na Warner disse que não sabe sobre o que é *A Origem*. Um exército de blogueiros se debruçou sobre os dois trailers do filme e não fazem idéia sobre o que é *A Origem*. Ora, Leonardo DiCaprio é o protagonista da coisa e disse que, durante as filmagens, nunca ficou claro sobre o que é *A Origem*. Não importa. Depois de Christopher Nolan ter entregue um filme de 1 bilhão de dólares como foi *Batman – O Cavaleiro das Trevas*, as carteiras tendem a ficar mais leves. *A Origem* certamente não foi um filme barato e chega aos cinemas no meio da temporada em que cérebros geralmente são desligados. Mas o estúdio está certo de ter mais uma pérola em mãos.

Mas, afinal, sobre o que é *A Origem*? Aqui vão os dois centavos de SET. DiCaprio é o sujeito encarregado de roubar uma idéia – algo que pode se tornar a arma mais poderosa do planeta – em um mundo onde entrar nos sonhos é possível. Hmmm.... vamos tentar de novo. DiCaprio está protegendo uma pessoa em cujo cérebro repousa o esqueleto de uma arma de poder imensurável – para impedir que se apossem dela, planeja roubá-la primeiro. O.k., não ficou melhor, mas vamos de novo. A "arma" é, na verdade, o personagem de Ken Watanabe, que se infiltra na mente de alguém em posição de poder e DiCaprio é o único que sabe como detê-lo. Certo, pode ser tudo isso, pode não ser nada disso. O fato é que Christopher Nolan e seu irmão, o roteirista Jonathan, podem ter criado o pedaço de entretenimento mais desafiador que o cinema vai ver neste ano, um filme capaz de romper paradigmas, de recriar conceitos, de fazer com que enxerguemos um gênero de maneira completamente diferente. Espera, isso eles fizeram com *O Cavaleiro das Trevas*...

Tá legal, vamos falar de *Superman*. A Warner deixou nas mãos de Nolan a responsabilidade de guiar o novo filme do Homem-de-Aço, que é o personagem dos quadrinhos mais reconhecível do mundo e precisa de uma reinvenção mais eficiente que *Superman – O Retorno*. É certo que Nolan (que não deve dirigir o filme) vá recontar a origem do herói retendo sua naturalidade e humanidade – mais ou menos como sua genial reinvenção do Batman. Isso precisa acontecer até 2013, quando boa parte dos direitos do personagem voltam para as famílias de seus criadores. Sobre *A Origem*, Christopher Nolan diz que é sobre um mistério tecido na arquitetura da mente. Vejo vocês no cinema.

Previsto para 6 de agosto

The Social Network



De David Fincher. **Com** Justin Timberlake, Jesse Eisenberg e Rashida Jones

Levar a história do Facebook aos cinemas pode soar estranho, e quando o projeto foi anunciado, muita gente duvidou que ele veria a luz do dia. Mas a Sony conseguiu que David Fincher se interessasse pelo projeto, e agora o homem por trás de *O Curioso Caso de Benjamin Button* se prepara para mostrar a trajetória da maior rede social do mundo, desde seu nascimento até o fenômeno milionário de hoje. O filme será centrado em Mark Zuckerberg (vivido por Jesse Eisenberg, de *Zumbilândia*), o estudante de Harvard que criou o Facebook. Justin Timberlake e Andrew Garfield interpretam Sean Parker e Eduardo Saverin, os jovens sócios de Zuckemberg. *The Social Network* ainda encontra certa resistência na mídia e público, ainda receosos sobre o quão interessante um filme sobre o Facebook pode ser. No fim do ano passado, Kevin Spacey, um dos produtores, deu uma entrevista na qual promete que "*The Social Network* será muito mais divertido do que muita gente acredita". Aproveite para adicionar Kevin como amigo no Facebook e cobrar depois caso ele esteja errado. **Previsto para 3 de dezembro** ■

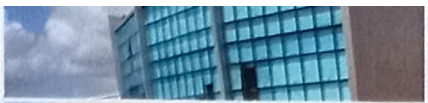
O compromisso da Infraero é levar desenvolvimento para cada canto do Brasil. E com 67 aeroportos, a tarefa fica bem mais fácil.

A Infraero administra 67 aeroportos em todo o Brasil. Cada um deles é fundamental para a integração nacional e para levar oportunidade de desenvolvimento para todas as regiões do país.

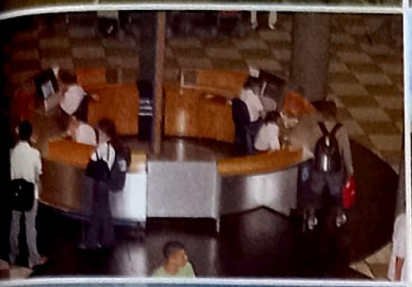
Infraero. Compromisso com o Brasil.

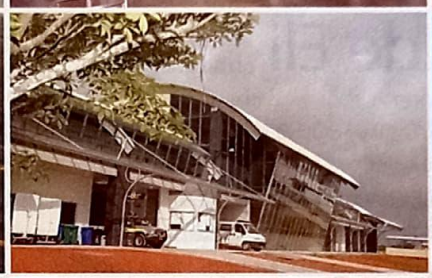
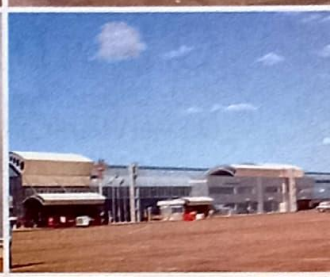
INFRAERO AEROPORTOS

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL



AEROPORTO INTERNACIONAL



AERO

CINEMA

★★★★★ excelente ★★★★ ótimo ★★★ bom ★★ regular ★ ruim

Afro samurai: Denzel Washington usa alinguagem da espada no futuro pós-aplocaliptico de *Eli*

O Livro de Eli

Denzel Washington protege a palavra divina num futuro pós-apocalíptico

★★★ **The Book of Eli**, *EUA, 2010*. **De** Albert e Allen Hughes. **Com** Denzel Washington, Gary Oldman, Mila Kunis, Ray Stevenson, Jennifer Beals, Tom Waits, Michael Gambon. 118 min. www.sonypictures.net/movies/bookofeli. Sony. **Aventura**

Sinal dos tempos: nunca o fim do mundo ocupou os cinemas de tantas formas e tão perto como agora. 2012 foi o espetáculo. O ainda inédito *A Estrada* é o drama intimista. *O Livro de Eli*, que marca a volta dos irmãos Albert e Allen Hughes à direção depois de *Do Inferno* (do distante 2001), seria a versão B, um pouco mais rebuscada e extremamente sóbria de um mundo pós-apocalíptico. Anos depois de uma tragédia não mencionada que varreu a civilização, Eli (Denzel Washingtom) cruza os EUA em uma jornada de fé: ele precisa chegar em um lugar (que ainda não sabe qual é) para entregar um livro, última edição existente da Bíblia (embora isso seja sugerido, nunca explicitado). Sua jornada toma rumo inesperado ao chegar numa "cidade" - na verdade, um agrupamento de desesperados, em que Carnegie (Gary Oldman) reina como déspota ao simular um mínimo de humanidade. Algo como a Bartertown governada por Tina Turner no terceiro *Mad Max*, mas sem a Cúpula do Trovão. Carnegie busca um livro, que segundo ele é a maior arma da humanidade, capaz de conduzir ao poder quem proferir suas palavras. Não é difícil adivinhar que o tomo é o carregado por Eli, que precisa escapar carregando consigo Solara (Mila Kunis, deslocada), jovem que precisa ver o mundo além da cidade onde viveu desde o nascimento. A ideia de ter Denzel Washington como um samurai sem mestre num futuro desolado é espetacular – assim como todas as cenas em que ele precisa defender sua integridade no fio de uma espada. Mas os irmãos Hughes pesam a mão e *O Livro de Eli* se torna uma experiência mais sufocante do que precisava ser, anulando parte do fator "diversão" da empreitada e deixando a platéia mais cansada do que entretida – o que culmina num final que se leva a sério demais. A exceção é o casal de velhinhos canibal que Denzel encontra na estrada, mas aí é forçar a piada. ROBERTO SADOVSKI

O Lobisomem

★★★ **The Wolfman**, *Inglaterra/EUA, 2010*. **De** Joe Johnston. **Com** Benicio Del Toro, Anthony Hopkins, Emily Blunt, Hugo Weaving, Geraldine Chaplin. 102 min. www.thewolfmanmovie.com. Universal. **Terror**

Dois anos depois de ser rodada, a versão do século 21 para um dos monstros da Universal finalmente chega aos cinemas – e sem ser desprovida de falhas. É o que acontece quando a visão de um diretor passa para outro no meio do processo. Mas Joe Johnston (Rocketeer) acerta o tom em criar uma fita de horror clássica, de atmosfera gótica, que traz muito em comum com *Drácula* de Bram Stocker, que Francis Ford Coppola dirigiu em 1992 – a trilha de Danny Elfman para *O Lobisomem* ecoa

não raramento o trabalho de Wojciech Kilar no filme do lorde dos vampiros. Outra decisão acertada do diretor foi não fugir da violência: os ataques da criatura são sangrentos e brutais, e em nada ele parece ter aliviado o gore para garfar um público mais adolescente. O que não é fácil, já que não há espaço para jovens de cabelo cuidadosamente desgrenhado aqui. O protagonista é Benicio Del Toro, ator sério e fã dos clássicos do horror. Ele é Lawrence Talbot, que volta à mansão de seu pai (Anthony Hopkins) quando seu irmão desaparece. Quando seu corpo é descoberto despedaçado, Lawrence começa uma investigação que o leva a ser atacado – e amaldiçoado, pela criatura lupina. O horror em seus olhos quando ele acorda de sua primeira noite como lobisomem é desesperador e os efeitos digitais para a transformação do monstro surgem tão incríveis quanto a maquiagem de Rick Baker. Pena que *O Lobisomem* perca o ritmo em seu terceiro ato, quando o mistério é resolvido de forma previsível em uma batalha anticlimática. Até lá, porém, o filme já passou seu recado sangrento com louvor. R.S.

Coração Louco

★★★ **Crazy Heart,** *EUA, 2009.* **De** Scott Cooper. **Com** Jeff Bridges, Maggie Gyllenhaal, Robert Duvall, Tom Bower, Colin Farrell. 112 min. www.crazyheartmovie.com. Fox. **Drama**

Chega a ser uma heresia notar que Jeff Bridges ganhará o Oscar somente em 2010. Um dos maiores atores americanos vivos, ele criou personagens inesquecíveis como "The Dude", de *O Grande Lebowski*, e o extraterreste de *Starman – O Homem das Estrelas*, mas só conseguirá a estatueta apelando para o

fraco da academia: músicos disfuncionais. Não entendam errado, seu Bad Blake é um show a parte em Coração Louco e merece todos os prêmios que conseguiu. Mas o longa de Scott Cooper é apenas um filme corretinho que teve a sorte de contar com um ator espetacular e uma trilha sonora perfeita – cortesia de Ryan Bingham e T-Bone Burnett. Blake é um compositor country que vaga pelos EUA tocando em muquifos e pegando senhoras de meia-idade que ainda o vêem como um galã. Quando ele se envolve com uma jornalista (Maggie Gyllenhaal, por incrível que pareça, simpática), uma chance de se livrar do estilo de vida de vômitos e acidentes surge na frente. O carisma do personagem é potencializado pela capacidade de Bridges em tocar e cantar e até contagia Colin Farrell, que faz uma ponta como um popstar country cafona. RODRIGO SALEM

Tudo Pode Dar Certo

★★★★ **Whatever Works,** *EUA, 2009.* **De** Woody Allen. **Com** Larry David, Evan Rachel Wood, Patrícia Clarkson, Ed Begley Jr. 92 min. www.sonyclassics./whatever-works Califórnia. **Comédia**

Já diz o ditado: que tem fama, deita na cama. Woody Allen não se acomodou totalmente, mas, aos 74 anos, ele se mostra cada vez mais propenso a fazer filmes que exigem pouco esforço físico de si e de sua equipe. O mais famoso dos autores que existem no cinema americano quebra padrões nesta realização com um personagem central que fala para a câmera. Boris (o escritor e pouco conhecido ator Larry David, de 62 anos) é uma espécie de alter ego do cineasta, até se parece fisicamente com ele. Na parte inicial, chega a ser excessivo nas suas frases conceituais, ácidas, que parecem saídas de Groucho Marx. Quando conhece Melody (Evan Rachel Wood), o filme começa a melhorar. Ela é bem mais jovem e parece ter síndrome de arqueologia, ops, gostar de homens mais velhos. Mas a comédia se impõe, fica muito engraçada a partir da

Toy Story 1 e Toy Story 2 em 3D

Buzz e Woody voltam com efeitos tridimensionais

★★★★★ *EUA, 1995/1999.* **De** John Lasseter. **Com as vozes originais de** Tom Hanks, Tim Allen. 81 min/92 min. disney.go.com/toystory. Disney. **Aventura**

Com alguns meses antes de *Toy Story 3* chegar aos cinemas, continuando as aventuras de Woody, Buzz e cia. uma década depois de sua última incursão nos cinemas, a Disney dá aos primeiros filmes, que começaram a jornada vitoriosa da Pixar, um merecido e delicioso tratamento 3D. A verdade pé que *Toy Story*, com aquele clima tridimensional de álbum infantil, parece criado para ser visto por lentes polarizadas, e o efeito potencializa a diversão das aventuras originais. E olha que já são quinze anos desde que John Lasseter criou a primeira aventura digital do cinema. Ainda assim, o filme envelheceu bem, o que mostra que é mesmo o roteiro e os personagens, e não a tecnologia, que faz de um bom filme imortal. A sequencia, de 1999, é ainda melhor, com os brinquedos partindo para o resgate de Woody quando ele é sequestrado por um colecionador. Entre cenas de encher os olhos, Lasseter criou filmes marcados pelos detalhes, por pequenos momentos em que ele consegue dizer muito sobre quem somos, e representar alegrias, tristezas, abandono, amizade e lealdade na expressão de um brinquedo. É como se todos, por uma horinha e meia, voltassem a ser criança – o que se tornou regra nas brilhantes produções da Pixar. É a receita de um clássico, desta ver em três dimensões. ROBERTO SADOVSKI

Buzz e cia. em Toy Story 2: agora bem mais perto de você

chegada de Marietta (Patrícia Clarkson, excelente), mãe de Melody. Desse momento em diante, uma sucessão de gags que traz de volta a vitalidade criativa que deu merecida fama a Allen. Que bom. ALFREDO STERNHEIM

Um Sonho Possível

★★★★ **The Blind Side**, *EUA, 2009*. **De** John Lee Hancock. **Com** Sandra Bullock, Tom McGraw, Quinton Aaron, Jae Head, Lily Collins, Kim Dickens. 128 min. www.theblindsidemovie.com. Warner. **Drama**

Quem diria que Sandra Bullock atingiria a maior bilheteria de sua carreira longe de ônibus desgovernados ou comédias românticas histéricas. No papel da socialite Leigh Anne Tuohy, uma dondoca do Sul do Texas com um senso de justiça e humanidade insuspeito, ela faz seu melhor trabalho, mesmo que muitas vezes não nos deixe esquecer que é Sandra Bullock, estrela de Hollywood, que está em cena. O que não é pecado, só mostra que estamos acostumados com os maneirismos da atriz. Mas ela é o centro emocional deste drama que na verdade conta a história real do jogador de futebol americano Michael Oher (Quinton Aaron). Pobre, negro e órfão, ele consegue uma bolsa numa escola católica e é acolhido pela família Tuohy, de onde aos poucos desenvolve seu talento natural no campo. Para justificar a narrativa, o filme de John Lee Hancock tenta traçar o passado de Oher e um paralelo de sua vida com a da família Tuohy – até a acusação de eles o terem acolhido com o único intuito de ele se tornar jogador pela universidade em que Leigh Anne e seu marido estudaram. Mas estes subplots não empalidecem essa história de superação, que só mesmo com uma dose incrível de cinismo pode ser desprezada. Não foi o que aconteceu nos EUA, onde o filme passou os 250 milhões de dólares nas bilheterias. Para o resto do mundo, que dá de ombros para o futebol americano, a estrela é mesmo Sandra. R.S.

Educação

★★★★ **An Education**, *Inglaterra, 2009*. **De** Lone Scherfig. **Com** Carey Mulligan, Peter Sarsgaard, Olivia Williams, Alfred Molina, Dominic Cooper, Rosamund Pike. 95 min. www.sonyclassics.com/aneducation. Sony. **Drama**

Nick Hornby já teve três de seus livros adaptados para o cinema com certo sucesso. *Alta Fidelidade*, apesar de ter sido jogado para Chicago, manteve o espírito do original; *Um Grande Garoto* tem momentos que chega a ser melhor que o texto; e somente *Febre de Bola* decepcionou, tanto na versão inglesa quanto na americana. Ironicamente, o melhor momento do cultuado autor nos cinemas toma o caminho inverso. *Educação*, roteirizado por Hornby, é a adaptação das memórias da jornalista Lynn Barber sobre uma garota (a maravilhosa Carey Mulligan) que se apaixona por um homem mais velho (Peter Sarsgaard, em um de seus melhores papéis) na Inglaterra dos anos 60. O filme é uma deliciosa viagem pela alta cultura daquela década, de papos sobre pop francês a pinturas renascentistas. Nem lembramos que há uma sub-trama sobre a importância da educação escolar no meio de ímpetos amorosos adolescentes, do confronto da inocência da paixão e a dureza da vida real. R.S.L.

Um Olhar do Paraíso

Peter Jackson erra na adaptação de *Uma Vida Interrompida*

★★ **The Lovely Bones**, *EUA/Inglaterra/Nova Zelândia, 2009*. **De** Peter Jackson. **Com** Mark Wahlberg, Saoirse Ronan, Stanley Tucci, Rachel Weisz, Susan Sarandon. 135 min. www.lovelybones.com. Paramount. **Drama**

Peter Jackson pode ter transformado um livro "infilmável" como *O Senhor dos Anéis* em uma obra-prima. Mas o raio não bateu duas vezes no mesmo lugar. *Um Olhar do Paraíso*, adaptação do livro *Uma Vida Interrompida*, de Alice Sebold, era outro texto considerado impossível de ganhar às telas dos cinemas. Mas, desta vez, ele não conseguiu a mesma façanha das adaptações da trilogia de Tolkien. Ao manter respeito total à estrutura de Sebold, Jackson matou todo e qualquer suspense que poderia ter aproveitado no longa, que virou uma produção desprovida de alma e interesse. Obviamente, os fãs xiitas iriam querer matar o diretor. Mas seria uma escolha sábia. No livro, Susie Salmon é morta nas primeiras páginas e a identidade do assassino é revelada rapidamente. Mas a narração construída pela escritora é uma literatura primorosa e dolorida. No filme, a pequena Susie (Saoirse Ronan) também é assassinada pelo morador do bairro, um assassino grotesco vivido com delicadeza por Stanley Tucci, e passa a ver sua família de um lugar que lembraria uma espécie de limbo saído de *Amor Além da Vida*. Os pais (Mark Wahlberg e Rachel Weisz) sofrem com a obsessão de achar o corpo da vida, enquanto a vida no subúrbio americano dos anos 70 vai passando e mudando. Jackson parece só interessado nesta intimidade e nos efeitos do purgatório colorido e perde a chance de construir a tensão na captura do matador. Poderia ter ousado mais e não apenas confiado na ótima interpretação de seus atores. RODRIGO SALEM

Vida no limbo: a jovem assassinada encara a luz

Percy Jackson e o Ladrão de Raios

★★★ **Percy Jackson and the Olympians: The Lightning Thief**, *Canadá/EUA, 2010*. **De** Chris Columbus. **Com** Logan Lerman, Alexandra Daddario, Brandon T. Jackson, Pierce Brosnan, Uma Thurman, Jake Abel,

Kevin McKidd. 119 min. www.percyjacksonthemovie.com. Fox. **Aventura**

Depois dos desastres *RENT* e *Eu te Amo, Beth Cooper*, o diretor Chris Columbus, o homem que guiou os primeiros passos da franquia *Harry Potter* no cinema, tenta repetir o feito com outra série literária juvenil: *Percy Jackson*, que já está em seu quinto livro. No lugar da magia de Hogwarts, entram em cena deuses gregos e criaturas mitológicas. Percy é um semideus, filho de Poseidon com uma humana, e só descobre sua herança quando o raio de Zeus é roubado do Olimpo, e Percy se vê acusado. Para encontrar o verdadeiro culpado, ele se une a uma semideusa, filha de Atena, e a um sátiro e corta os EUA em busca do caminho até Hades. Bons efeitos especiais e um elenco correto não são o suficiente para salvar *Percy Jackson* da média – o que prova, mais do que nunca, o talento de J.K. Rowling em criar personagens ricos e inesquecíveis. R.S.

O Mensageiro

★★★ **The Messenger**, *EUA, 2009*. **De** Oren Moverman. **Com** Ben Foster, Woody Harrelson, Samantha Morton, Jena Malone, Steve Buscemi. 112 min. www.themessengermovie.com. Paris. **Drama**

Dramas sobre a Guerra do Iraque pareciam esgotados com o brilhantismo de *Guerra ao Terror*. Mas este *O Mensageiro* mostra que ainda há espaço para boas histórias tendo o conflito como pano de fundo. Woody Harrelson é Tony Stone, um capitão casca-grossa do exército que tem a missão de comunicar a família de militares quando seus parentes são mortos em combate. Seu método frio e cheio de regras de comportamento entra em choque com a fragilidade do sargento Will Montgomery (Ben Foster), heroi de guerra e perturbado por um sentimento de culpa do que testemunhou no campo de batalha e também por ter deixado a mulher que amava para lutar numa guerra sem sentido. Montgomery se torna parceiro de Stone e encontra numa viúva (Samantha Morton) e seu filho a oportunidade de curar a dor das duas perdas – ao mesmo tempo que sua atitude leva o capitão de volta á bebida. *O Mensageiro* é um filme bem cuidado, que ganha destaque pela dupla de protagonistas: enquanto Foster se mostra cada vez melhor ator, sempre experimentando tipos e gêneros diferentes, É Harrelson que se desvia do estereótipo que ele mesmo plantou para entregar uma interpretação forte e melancólica. R.S.L.

A Fita Branca

Haneke aplica a relação de crime e castigo de *Caché* para a Alemanha pré-nazismo

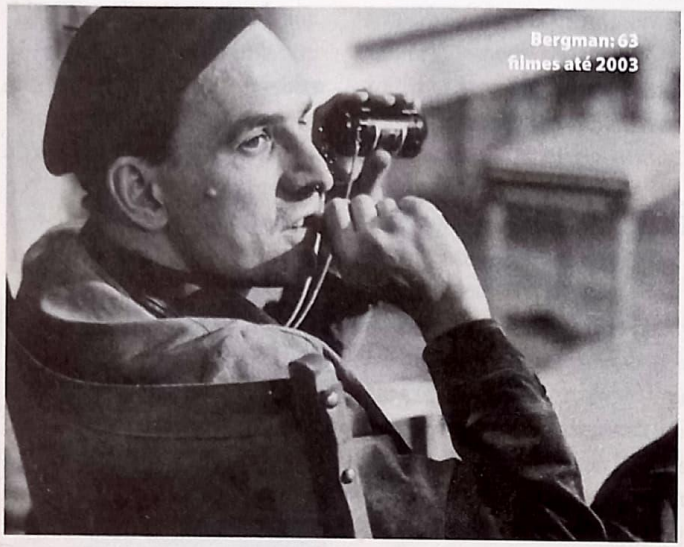
★★★ **Das Weisse Band**, *Austria/Alemanha/França/Itália, 2009*. **De** Michael Haneke. **Com** Christian Friedel, Leonie Benensch, Ulrich Tukur. 144 min. dasweisseband.x-verleih.de. Imovision. **Drama**

Crimes de ódio não são novidade nos filmes de Michael Haneke (*Violência Gratuita*), e em *A Fita Branca*, Palma de Ouro do Festival de Cannes de 2009, ele procura a origem do crime de ódio mais filmado e analisado do século 20, o Holocausto. Estamos em um vilarejo na Alemanha às vésperas da Primeira Guerra Mundial, e o vínculo com o nazismo é montado já na fala do narrador, que conta que ali, naquela comunidade, pequenos eventos prenunciam o que aconteceria com o país todo, anos depois. Haneke começa o filme, portanto, amarrado conscientemente nessa analogia com o Holocausto - e, ao seu modo habitual, começa a ditar o tipo que reação que espera do público. O primeiro mistério é filmado com impacto: o médico do vilarejo está voltando para casa, montado num cavalo, quando um arame esticado entre cercas derruba o animal. Não se encontra o culpado pelo arame. Tempos depois, o filho do barão local se torna vítima. Em comum, os crimes têm a forma de castigo. Como em *Caché*, esse flerte com o subgênero do whodunit se reveste de comentário social - existe algo escondido ali, e não é só a identidade do criminoso. O fato é que a punição, embalada como disciplina, está enraizada no vilarejo - e a fita branca do título, que o pastor local força dois de seus filhos a usar, como sinal de vergonha por pecados cometidos, é obviamente a antevisão da futura etiquetação antissemita de judeus nos princípios da Segunda Guerra. Costuma-se crer que Hitler chegou ao poder auxiliado pelo rancor que os alemães sentiam após a devastação do país na Primeira Guerra, mas para Haneke o embrião do mal é anterior. E a maneira que o diretor austríaco encontra para dar rosto a esse mal é agressivamente despojada: close-ups de caras limpas, de feições sem traços de culpa ou de remorso, sem traço mesmo de ódio – ainda que esse ódio, nós sabemos, exploda de tempos em tempos. Um personagem diz, em algum momento, certeiro, que se trata de um ódio pior: os linchadores odeiam a si mesmos. De novo, como em *Caché*, a questão é entender quem é de fato a vítima. Se *A Fita Branca* está preso à analogia com o nazismo, pelo menos a exerce com lampejos de brilhantismo, como no plano final, da missa na igreja, com sua arquitetura que lembraria depois um salão do Terceiro Reich. Independente da crítica que se faça à postura de Haneke diante do espectador, é inegável que ele está se fazendo entender. MARCELO HESSEL

Ódio em preto e branco: vítimas e algozes antes do nazismo

Bergman em dose dupla

Dois lançamentos trazem o cineasta sueco falando de sua própria vida e o primeiro longa que dirigiu.



A Ilha de Bergman
Bergman Island, *Suécia, 2004*. **De** Marie Nyreröd. **Com** Ingmar Bergman. 83 min. DVD. Versátil. **Documentário**

Crise
Kris, *Suécia, 1946*. **De** Ingmar Bergman. **Com** Dagny Lind, Ingá Landgren, Stig Olin, Marianne Löfgren. 93 min. DVD. Versátil. **Drama**

Ingmar Bergman pode ser apreciado na sua criatividade e em pessoa. Ele é o centro de *A Ilha de Bergman*, versão condensada de um documentário com quase três horas feito para a TV. A visita à residência do mais famoso cidadão sueco, que morreu em 30 de julho de 2007 alguns dias depois de completar 89 anos, rende fartos esclarecimentos a respeito da vida pessoal e da trajetória profissional do diretor. A diretora Marie Nyreröd não se limita a deixá-lo falar livremente, mas provoca e conduz os depoimentos para certos fatos. Como quando examina uma foto do passado e a liga à *Morangos Silvestres*. Ou ao enxertar cenas de *Uppsala*, a cidade natal do biografado, que o fazem evocar tristes lembranças. Trazendo também cenas de algumas de suas realizações, imagens de filmagens, o retorno do cineasta e ator Victor Sjöström à direção artística dos estúdios suecos, e mostrando o confortável lar erguido por Bergman na Ilha de Faro (sua sala de projeção é invejável), Marie fez um filme delicado e incisivo que aumenta a compreensão de um cineasta genial, responsável por alguns dos longas mais expressivos do cinema de preocupações existenciais.

Estas já existem em *Crise*, que marca a sua estreia na direção. O ponto de partida é algo novelesco: mostra uma mulher elegante e fútil, Jennie (Marianne Löfgren) que vai à uma pequena cidade com a intenção de retomar a sua filha Nelly (Inga Landgren). Mas a mãe adotiva (Dagny Lind), reluta em se separar da garota que se vê atraída pelo amante de Jennie, o malandro Jack (Stig Olin). Em preto e branco, a narrativa emociona, apoiada nos ótimos desempenhos, apesar dos lances folhetinescos e da concessão final evidentemente imposta pelo estúdio. Mesmo assim, Bergman se mostra inovador para a época através da reversão na conduta de Jack, que transmite surpreendente angústia e uma visão esclarecedora. É um dos méritos do longa, o primeiro dos 63 que fez até 2003. ALFREDO STERNHEIM

A Ilha de Bergman
Filme: ★★★★★ **Extras:** ★★

Crise
Filme: ★★★★ **Extras:** ★

Pasqualino Sete Belezas

Pasqualini Settebelleze, *Itália, 1975*. **De** Lina Wertmüller. **Com** Giancarlo Giannini, Shirley Stoler, Fernando Rey. 115 min. Cultclassic. **Comédia**

Ainda na ativa aos 83 anos (em 2009 fez um longa), Lina Wertmüller obteve prestígio nos anos de 1970 com farsas de conteúdo político, como *Mimi, o Metalúrgico* (proibido no Brasil pela ditadura militar), a sua obra-prima. É nesse terreno que fez *Pasqualino Sete Belezas*, finalista em quatro categorias do Oscar, inclusive a de melhor filme estrangeiro. Ela mostra o processo de conscientização sócio-político de um alienado que se crê esperto, na Itália governada por Mussolini. O napolitano e superficial Pasqualino (Giancarlo Giannini em atuação excessivamente composta) acaba sendo preso pelos nazistas. Seu instinto de sobrevivência o leva a passar-se por apaixonado pela gorda oficial guardiã do campo (Shirley Stoler, excelente). Com um ritmo arrastado, Lina mantém o tom burlesco a maior parte do tempo. Dessa maneira, há bons momentos na sedução da nazista. Mas, no epílogo, surge uma dramaticidade que ressoa deslocada. A.S.

Filme: ★★ **Extras:** ★

Piratas do Rock

The Boat that Rocked, *Inglaterra/EUA/França/Alemanha, 2009.* **De** Richard Curtis. **Com** Philip Seymour Hoffman, Kenneth Branagh, Nick Frost, Rhys Ifans. 135 min. DVD. Universal. **Comédia**

Richard Curtis é um dos melhores escritores de comédia da Inglaterra. Fez *Quatro Casamentos e um Funeral, Um Lugar Chamado Notting Hill*, episódios de *Mr. Bean* e até *O Diário de Bridget Jones*. Mas ele não consegue ter a mesma desenvoltura como diretor – mesmo que só tenha outro filme no currículo, o bom *Simplesmente Amor*. *Piratas do Rock*, seu segundo longa no comando, reúne um elenco (Philip Seymour Hoffman, Bill Nighy, Rhys Ifans, Kenneth Branagh, Nick Frost, Jack Davenport) que poucos filmes tiveram em 2009, mas o resultado é muito caricatural. A trama basicamente segue uma das rádios rock dos anos 1960, nas ilhas britânicas, que desafiavam o governo ao transmitir de navios ancorados no Mar do Norte. Brannagh tenta derrubar os subversivos DJs, que continuam a mandar a música pop sem o filtro da BBC. Como documento histórico, a obra é interessante. Como um filme de Richard Curtis, decepciona. R.SL.

Filme: ★★
Extras: N.A

Bastardos inglórios

Inglourious Basterds, *EUA/Alemanha, 2009.* **De** Quentin Tarantino. **Com** Brad Pitt, Christoph Waltz, Eli Roth, Mélanie Laurent, Diane Kruger. 153 min. DVD/Blu ray. Universal. **Aventura**

O melhor filme de Quentin Tarantino desde *Pulp Fiction* é inclassificável. É uma aventura de Segunda Guerra na França ocupada, é uma comédia de humor negro que atreve-se a reescrever a história, é um drama ultraviolento sobre a perseguição aos judeus e suas consequências. É tudo empacotado num filme brilhante, pop e – para o bem ou para o mal – inesquecível. Brad Pitt encarna com a maior canastrice o tenente Aldo Raine, que infiltra-se em território inimigo acompanhado de um batalhão de americanos judeus para uma missão inglória: matar todo nazista que eles encontrarem pela frente com requintes de crueldade, para instilar terror no coração do Terceiro Reich. Além dos diálogos deliciosos e de total domínio na direção de atores e na construção de narrativa, o maior barato é ver Tarantino brincar com nossas expectativas. *Bastardos Inglórios* não é a aventura ao estilo *Os Doze Condenados* que tanto se esperou, e também não é um filme de homens com uma missão. É uma salada para ser degustada aos poucos, capítulo a capítulo, em que se aprecia as minúcias e se devora, com vontade, o resultado. O Blu Ray traz o filme-dentro-do-filme *Orgulho da Nação* na íntegra. ROBERTO SADOVSKI

Filme: ★★★★★
Extras: ★★★★

Arrasta-Me Para o Inferno

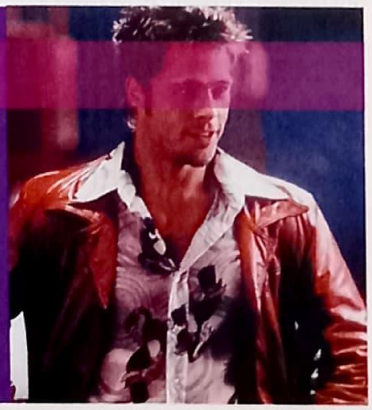
Drag me To Hell, *EUA, 2009.* **De** Sam Raimi. **Com** Alison Lohman, Justin Long, Lorna Raver. 99 min. DVD/Blu Ray. Universal. **Horror**

Sam Raimi não precisa provar mais nada. Encheu os bolsos de dinheiro com a franquia *Homem-Aranha* e poderia muito bem viver de papo para o ar. Mas ele não relaxou. Aliás, mentira. Ele relaxou, mas de uma maneira boa. Sem pressão alguma de estúdio, Raimi voltou ao gênero que o consagrou em *Evil Dead* e sem a menor intenção de entregar um produto repleto de clichês modernos de horror. A começar pela protagonista. Alison Lohman faz uma sub-gerente que nega o empréstimo para um velha cigana (Lorna Raver) por motivos egoístas (para ganhar uma promoção) e é amaldiçoada pela senhora pustulenta. Uma mocinha de caráter duvidoso é apenas o pontapé inicial na incrível mistura de terror e comédia que somente o cineasta sabe cozinhar. As situações de brigas corpóreas são hilariantes e repletas de frases de efeitos, enquanto a maldição que levará a heroína ao inferno em questão de dias é assustadora até a medula. Se a metáfora sobre uma garota anoréxica parece muito distante, não se preocupe. *Arrasta-Me Para o Inferno* é mais despretensioso do que sugerem os intelectuais. RODRIGO SALEM

Filme: ★★★★ **Extras:** N.A.

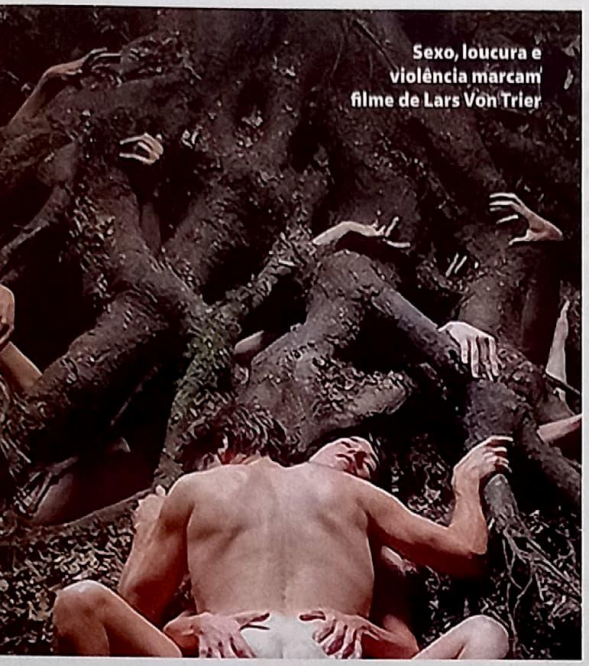
Test Drive

Clube da Luta **Blu Ray**



É chover no molhado destacar a qualidade da imagem deste relançamento que comemora os dez anos da obra-prima de David Fincher. Mas, ora, que caia a tempestade: a atenção para detalhes do diretor e sua ambientação lúgubre ganham novas atrações em alta definição, o que aumenta o apreço a um filme atemporal. ALFREDO STERNHEIN

Filme: ★★★ **Extras:** N.A.



Anticristo

Antichrist, *Dinamarca/França/Suécia/Polônia/Itália/Alemanha, 2009.* **De** Lars Von Trier. Com Willem Dafoe, Charlotte Gainsbourg. 104 min. DVD/Blue Ray. Califórnia. **Drama**

Cruel ao retratar a condição feminina, como demonstrou antes em *Dançando no Escuro* e *Dogville*, Lars Von Trier continuou sem fazer concessões e deixou muita gente desconfortável com o seu *Anticristo*. Quando foi exibido em Cannes ano passado, gerou manifestações de desagravo contra o diretor, que rebateu dizendo que não fazia filmes para agradar. Nesse caso, não mesmo, o que não quer dizer que não se trata de uma obra importante na cinematografia de Von Trier. A história começa com o casal protagonista (Willen Dafoe e Charlotte Gainsbourg) transando romanticamente na cama enquanto o filhinho deles sai do berço, sobe em uma cadeira, abre a janela do apartamento e despenca lá de cima. A partir daí, a aflição só aumenta. O estado de choque dos personagens descamba para uma sequência de sexo, loucura e violência, com cenas recheadas de simbologias que nem o próprio cineasta soube explicar. É preciso ter coragem para enfrentá-las, e esse exercício cinematográfico, no final das contas, vale a pena. PAULO CABRAL

Filme: ★★★★ **Extras:** N.A

Pelos Meus Olhos

Te Doy Mis Ojos, *Espanha, 2003.* **De** Icíar Bollaín. **Com** Laia Marull, Luis Tosar, Candela Peña. 109 min. DVD/Blu-Ray. Imovision. **Drama.**

Precedido de quase quarenta prêmios, incluindo quatro no Festival de San Sebastian e sete Goyas (o Oscar do cinema na Espanha), *Pelos Meus Olhos* trata da violência doméstica de forma aberta, mostrando os dois lados: o drama de quem bate e de quem apanha. Certa noite, Pilar foge com o filho para casa da irmã. Logo descobrimos que o motivo de seu pavor é o marido, Antonio, um homem violento e de pavio curto. Mas algum tempo depois, Pilar cede aos seus pedidos de desculpa; afinal, ele agora faz terapia de grupo para conter a raiva e aprender a controlar seus nervos. Acreditando nessa promessa de mudança, Pilar vive um romance "escondido", com o próprio marido. Mas Antonio, sentindo-se ameaçado pela liberdade e alegria que o novo trabalho proporciona à mulher, tem uma recaída. Quando registra ocorrência na delegacia e o policial pede para ver os hematomas, Pilar lembra que as maiores feridas estão por dentro. E são essas feridas que o filme aborda. Por um lado, o machismo da sociedade espanhola, por outro, o drama das esposas agredidas, que na maioria dos casos, sofrem em silêncio. Não é um tema novo, mas é importante e deve ser discutido. Belo filme. FELIPE GOULART

Filme: ★★★

Extras: N.A

Che 2 - A Guerrilha

Che: Part Two, *EUA/França/Espanha, 2008.* **De** Steven Soderbergh. **Com** Benicio Del Toro, Rodrigo Santoro, Demian Bichir, Joaquim de Almeida. 135 min. DVD. Europa. **Aventura**

Se a primeira parte do épico de Steven Soderbergh sobre o revolucionário argentino se concentrou na tomada do poder em Cuba, a segunda captura Ernesto Che Guevara em sua derradeira missão, na Bolívia. Benicio Del Toro continua seu show particular na encarnação do guerrilheiro, mas a escolha do diretor de transformar uma (des) aventura desastrosa falha em um longa-metragem. O resultado é um tedioso show de termos governamentais e reuniões de planejamento que ofusca qualquer intenção de detalhar e polemizar em cima do assassinato de Che. R. SL.

Filme: ★

Extras: N.A

Tempo de Paz

Brasil, 2009. De Daniel Filho. **Com** Dan Stulbach, Tony Ramos, Louise Cardoso. 82 min. DVD/Blu-Ray. Europa. **Drama.**

Ator consagrado, produtor e diretor de indiscutível talento, e responsável por algumas das maiores bilheterias do cinema nacional (*Se Eu Fosse Você 2*), Daniel Filho faz com *Tempos de Paz* o seu melhor filme. Rodado em pouco menos de duas semanas, o longa baseado na premiada peça de Bosco Brasil, Novas Diretrizes em Tempos de Paz, tem a mesma dupla que esteve na última formação no palco. Tony Ramos é Segismundo, chefe da imigração na Alfândega do Rio de Janeiro em 1945, final da Segunda Guerra Mundial. Milhares de europeus procuram um lar no Brasil. Segismundo pode decidir quem entra ou não no país. Dan Stulbach é o imigrante Clausewitz, um polonês que estranhamente fala português, não tem nenhuma bagagem e se diz agricultor, mas não tem provas dessa atividade. Sob suspeita, passa por um interrogatório onde tem pouco mais de dez minutos para garantir sua permanência no Brasil. Aos poucos, vai percebendo que apesar de já ter deixado muita coisa para trás (seu país, família, amigos), não pode deixar pra trás quem realmente é e a única coisa

que sabe fazer, talento este adormecido pelos horrores da Guerra. Um filme emocionante que envolve o espectador graças aos dois atores e também ao talento de Daniel Filho. FELIPE GOULART

Filme: ★★★★

Extras: N.A

Faces da Verdade

Nothing But the Truth, *EUA, 2009.* **De** Rod Lurie. **Com** Kate Beckinsale, Matt Dillon, Vera Farmiga, Alan Alda. 108 min. DVD. Swen. **Suspense**

Na vida dos jornalistas, quase sempre existe o outro lado. E este, às vezes, se manifesta de forma contundente. É o que ocorre em *Faces da Verdade*, que tem por base um fato verídico. Rachel Armstrong (Kate Beckinsale) publica uma matéria que revela um escândalo em certa área do governo norte-americano e expõe a condição de agente do serviço secreto de Erika (Vera Farmiga). As autoridades pressionam Rachel sobre sua fonte, mas ela se recusa a informar. Em nome da segurança nacional é presa e processada. Sua vida sofre alterações profundas, em especial na relação familiar. A exemplo do que fez habilmente em *A Conspiração*, o diretor Rod Lurie cria um suspense natural sem abandonar as implicações políticas e éticas da trama. Ex-crítico de cinema, Lurie faz o espectador pensar sobre a validade ou não de esconder a fonte de uma reportagem. Com edição precisa, mantém a atenção até o final, surpreendente para a maioria, embora certa cena possa induzir a descoberta da revelação no desfecho. A.S.

Filme: ★★★★

Extras: N.A

A Religiosa

La Religieuse, *França, 1966.* **De** Jacques Rivette. **Com** Anna Karina, Lisellote Pulver, Micheline Presle. 135 min. DVD. Cultclassic. **Drama**

Ao lado de François Truffaut, Jean-Luc Godard, Claude Chabrol e Eric Rohmer, o francês Jacques Rivette foi um dos críticos do Cahiers Du Cinema que resolveram botar a mão na massa, ou seja, decidiram dirigir. Mas, ao contrário de seus colegas naquela revista que deflagrou a nouvelle vague, ele ganhou pouco destaque na mídia. Pelo menos entre nós. Isso, apesar de ter feito cerca de 28 longas entre 1960 e 2009, quando já estava com 81 anos. *A Religiosa* é a sua segunda realização. E a mais polêmica. Enfrentou problemas de censura e proibição na liberal França, acusada de ofender a Igreja Católica. Mas esta adaptação do livro clássico de Diderot só retrata uma lamentável conduta tolerada pelo clero no século 18: o costume de certas famílias ricas decidirem que algumas de suas filhas, sem vocação monástica, tinham de ser freiras. Esta é a história de uma delas, Suzanne (Anna Karina, ótima). Exposta em três partes, passa a maior parte do tempo mostrando a sua revolta contra o confinamento que lhe foi imposto. Depois, Suzanne se depara com o clima alegre do convento dirigido pela brejeira Madame de Chelles (Liselotte Pulver) e logo percebe que, sob os hábitos, rolam desejos sexuais. Rivette conduz o enredo com discrição, de uma forma até seca, mas contundente. Pena que falte poder de síntese em seu roteiro. Daí o epílogo apressado e fraco, incoerente com o brilho do filme. A.S.

Filme: ★★★

Extras: ★

Embarque Imediato

Brasil, 2009. **De** Allan Fiterman. **Com** Marília Pêra, Jonathan Haagensen, José Wilker. 94 min. DVD. Europa. **Comédia**

Tendo estudado a sétima arte nos Estados Unidos, onde co-dirigiu em 2006 um longa com Sean Young e Marília Pêra, o brasileiro Allan Fiterman estreia no cinema de seu país com este filme que é uma grande homenagem à Marília Pêra. Ela é Justine, funcionária da segurança do aeroporto no Rio de Janeiro. Sua entrada em cena se dá alguns minutos depois que seu amigo e colega Wagner (Jonathan Haagensen) tenta viajar de forma ilegal para os Estados Unidos. Justine interrompe o sonho e os problemas e anseios dos dois se mesclam. Porém, com ênfase em Justine. Apesar de Fiterman revelar competência e segurança na linguagem cinematográfica (algo que falta a muitos de nossos cineastas festejados), essa reverência à Marília não impede exageros em algumas de suas cenas e naquelas com o agente Fulano (José Wilker). Por isso, a comédia às vezes perde a graça. A.S.

Filme: ★★★

Extras: N.A

Test Drive

Se Beber Não Case **Blu Ray**

A melhor comédia de 2009 ganha tratamento especial em alta definição, com documentários sensacionais sobre as locações em Las Vegas, o ator Ken Leong improvisando em cena e outros featurettes. O mais bacana, porém, são as mais de cem novas fotos da câmera perdida, que relata a noite inesquecível dos quatro amigos. ■

Animal Planet mostra os movimentos migratórios de espécies

Ação e realismo

Em 2010, os canais da Discovery Networks trazem inovações e prosseguimentos de programas bem-sucedidos.

POR ALFREDO STERNHEIM

Embora seja mais conhecida por suas vastas ofertas de documentários, a Discovery Networks tem canais que enveredam por diversos outros caminhos. E tanto estes como aqueles, não foram esquecidos na programação elaborada para 2010, apresentada por Fernando Menin, gerente-geral da empresa no Brasil. Inicialmente, ele frisou 2009 como um ano de evolução em número de canais (de nove para onze), conteúdo local, que saltou para 36 horas, e audiência. Aqui, o crescimento de 29% é atribuído também ao formato HD nos canais TLC HD e HD Theater. "Vamos continuar sendo versáteis, vamos prosseguir em 2010 celebrando o mistério mágico da vida", disse.

Por isso, o Discovery Channel enfatizou o ano da Copa do Mundo na África do Sul. Um de seus programas, *Generais do Futebol,* analisa táticas do jogo, enquanto *A Ciência do Gol* se empenha em fazer com que o espectador conheça de forma mais profunda toda a mecânica e tecnologia que, atualmente, estão por trás do futebol para torná-lo o mais apaixonante possível. Já para março, no dia 5, às 21h, a grande novidade do canal é *Engenharia Extrema* (Mega Engineering). A produção mostra a presença dos avanços tecnológicos em grandes obras e projetos do planeta, como o túnel sob o estreito de Bering ligando a Rússia ao Alasca, e uma cúpula no Texas com 460 metros de altura. Ainda neste semestre, estréia *Life*, uma detalhada série gravada em alta definição sobre diferentes perspectivas da conduta existencial no planeta. Outros programas que já estão na grade, como *Discovery Atlas, Viver para Contar, Feito na América Latina, A Supercâmera* e *À Prova de Tudo* retornam com novos episódios.

O Discovery Home & Health prossegue dando atenção à temas ligados ao comportamento feminino, ao lar e à família. Uma das estréias é *Grávida E...*, sempre nas Segundas de Saúde. O próprio título deixa claro; trata dos vários problemas (estéticos, nutricionais, conjugais, etc.) que afetam

as mulheres prestes a dar à luz. Ainda nessa linha, despontam títulos como *O Casamento dos Meus Sonhos*, *O Vestido Ideal* e *Casamentos Espetaculares*. Nas sextas em família, uma nova série, *Adolescentes Rebeldes*, enquanto *Supernanny* traz episódios inéditos. Em meio a reality shows já consagrados e de um inédito (*Hell's Kitchen*, com chefs de cusine em competição), o canal People + Arts prossegue investindo em séries com tramas e personagens. Entre as novidades está *Parenthood*, filmado na mítica cidade de Berkeley, um dos berços da cultura hippie. Com estréia marcada para março nos Estados Unidos, tem uma história que alterna drama e humor em conflitos familiares. Bonnie Bedelia (a mulher de Bruce Willis nos primeiros *Duro de Matar*) atua no episódio. Jada Pinkett Smith, esposa de Will Smith, é a protagonista de outro lançamento, o drama *Hawthorn*. Outras novidades são *Mercy*, suspense onde, aparentemente, enfermeiras matam em um hospital, e *Life Unexpected*, com Reggie Austin, Christopher Attadia e a bela loira Brittany Robertson vivendo emoções românticas numa trama algo fantasiosa. A luxuosa série *The Tudors* chega a sua temporada final.

As crianças não foram esquecidas e o Discovery Kids estréia a premiada série *Word World*, onde são expostas as diferenças entre os sons e as formas das palavras em inglês. Outra novidade é *Milly e Molly*, que se propõe ensinar a gurizada a lidar com a diversidade e aceitá-la. Programas já consolidados pelo público infantil como *Princesas do Mar*, *Sid* e *O Cientista* terão novos episódios.

Milly e Molly ensinam as crianças a aceitarem diferenças

Já em Animal Planet, o canal anuncia *O Grande Vale do Rift*, que mostra movimentos migratórios nessa região da Terra, e *Noite*, onde Brandon Mcmillan investiga a vida selvagem depois do pôr-do-sol. Ainda nessa linha, destaque para o biólogo marinho Steve O'Shea em *60 Encontros Mortais*, e as aventuras de David Salmoni em meio dos predadores de *Um Ano Entre os Leões*.

FOTO: WARNER

Chris O'Donnell (a direita): de olho em criminosos assutadores

NCSI: Los Angeles

Uma nova série policial estréia em março. *Ncsis: Los Angeles* acompanha as atividades de uma divisão de agentes que, para perseguir e capturar criminosos altamente assustadores, não se inibem em se valer de transformações físicas e de assumir identidades falsas. Ousados, eles também fazem uso de inovações tecnológicas para, especificamente, acabar com o crime organizado na capital da Califórnia. Chris O'Donnell encabeça o elenco. O ator de 39 anos, que já foi Dartagnan em uma das versões de *Os Três Mosqueteiros* e que veio ao Brasil em 1997 para promover *Batman & Robin*, de Joel Schumacher, encabeça o elenco como o agente especial G. Gallen. A baixinha Linda Hunt, vencedora do Oscar de melhor coadjuvante de 1983 por *O Ano que Vivemos em Perigo* (no qual contracenou com Mel Gibson), tem importante participação como Henriqueta. Atuam também Peter Cambor, Daniela Ruah, Adam Jamal Craig e LL Cool J. Na estréia da série produzida e criada pelo australiano Shane Brennan (escreveu, entre outros, episódios de *CSI: Miami*), os policiais investigam o rapto e assassinato de um importante oficial da Marinha. A direção da trama é de James Whitmore Jr., filho do veterano ator James Whitmore (1921-2009) que atuou em cerca de 150 longas, como *Cine Majestic*, onde vivia o dono da sala de exibição.

A&E, Dia 3, às 21 h.

Princesa Diana: Fatos e ficção

No último domingo de cada mês, o programa *Lifeline*, que é apresentado pelo mexicano Julio Bracho, costuma exibir um documentário e um longa-metragem encenado e interpretado, enfocando a mesma história, a mesma personalidade. Desta vez, a tragédia que matou a princesa Diana em agosto de 1997. Primeiro surge o documentário *Diana: Testemunhas da Tragédia*, centralizado no desastre de carro em Paris em que morreu Lady Di e seu namorado, o milionário muçulmano Dodi Fayed. A produção questiona teorias conspiratórias que existem desde aquela época e a possibilidade de os fotógrafos, em sua ânsia por registrarem a vida amorosa da carismática jovem (já separada do príncipe Charles da Inglaterra), terem sua parcela de culpa pelo acidente. Em seguida, o filme *O Assassinato da Princesa Diana*, dirigido em 2007 por John Strickland, que explora a tese de sabotagem na causa do desastre de carro. Extraído do livro de Noel Bothan, acompanha uma jornalista americana, Rachel (Jennifer Morrison), investigando os dias que antecederam e sucederam a morte de Diana, vivida por Nathalie Brocker.

Infinito, Dia 28, às 21h.

The Troop

A garotada passa a contar com uma nova série que mescla ficção cientifica e aventura. The Troop é o nome de uma organização secreta empenhada em defender o planeta. Para isso, convoca

FOTO: HBO

The Troop: adolescentes e tecnologia para defender o planeta

adolescentes que, apoiados em avançada tecnologia, se transformam em patrulheiros. Caso de Jake, Hayley e Felix. Até então, levavam uma vida normal. Agora, estão sob novas regras, supervisionados pelo rigoroso senhor Stockley. John Marshall Jones, visto em séries como *ER* e *Dexter*, faz esse papel enquanto o trio juvenil é vivido por Nicholas Purcell, Gage Golightly e David Del Rio. Com muitos efeitos especiais, *The Troop* tem 26 episódios na primeira temporada, em exibição nos Estados Unidos desde setembro.

Nickelodeon, dia 16 de março, às 18h

BROTHERS & SISTERS

Começa a quarta temporada desse drama familiar que estreou em 2006 e já possibilitou os prêmios Emmy e Sag à sua principal atriz, Sally Field. Ela é Norah Walker, viúva desde o segundo episódio e que, em meio de ambições empresariais, carências amorosas, homossexualidade e adultério, administra vários conflitos envolvendo seus cinco filhos: Sarah, Kitty, Tommy, Kevin e Justin. Eles são interpretados pela australiana Rachel Griffiths, por Calista Flockhart (atualmente vivendo com Harrison Ford), Balthazar Getty, Matthew Rhys e Dave Anable. O episódio de estréia é dirigido pelo ator Ken Olin, que interpreta Dave Kaplan.

Universal, Dia 24 de março, às 23h

FOTO: HBO

Sally Field (centro) é Nora Walker: uma viúva entre vários conflitos

Retratos Brasileiros – Arthur Omar

Mineiro de Poços de Caldas, onde nasceu em 1948, Arthur Omar tornou-se um artista múltiplo que buscou inovar através das artes plásticas e cênicas. No cinema, por exemplo, fez-se notar em 1974 com *Triste Trópico* (1974), semidocumentário narrado por Othon Bastos em torno de um jovem médico na década de 1920. Ele é o tema de *Retratos Brasileiros*, em programa realizado por Evaldo Mocarzel, o diretor do longa *Do Luto à Luta*. Questionado pelo cineasta, Omar disserta sobre os discutíveis conceitos e metodologias que estão por trás de sua criação, quando se firma com o "neurocientista da consciência cinematográfica".

Canal Brasil, dia 28 de março, às 18h

Próximas atrações

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Johnny Dep se reune com o diretor Tim Burton pela sétima vez para uma nova visão da história clássica de Lewis Carroll

ZONA VERDE

Depois de *A Supremacia Bourne* e *O Ultimato Bourne*, Matt Damon e Paul Greengrass partem para a busca por armas de destruição de massa em meio ao conflito no Iraque

Check list de viagem.

Para Bali, leve protetor solar.

Para Paris, leve seu amor.

Para o Ceará, leve um sorriso e muita preguiça.

Para Orlando, leve disposição para se divertir.

Para todos os lugares, leve **Próxima Viagem**.

Revista **Próxima Viagem**. Saber viver, saber viajar.
Todo mês nas melhores bancas, revistarias e supermercados.

aver editora

e-mail proximaviagem@avereditora.com.br

FÁBRICA DE QUADRINHOS

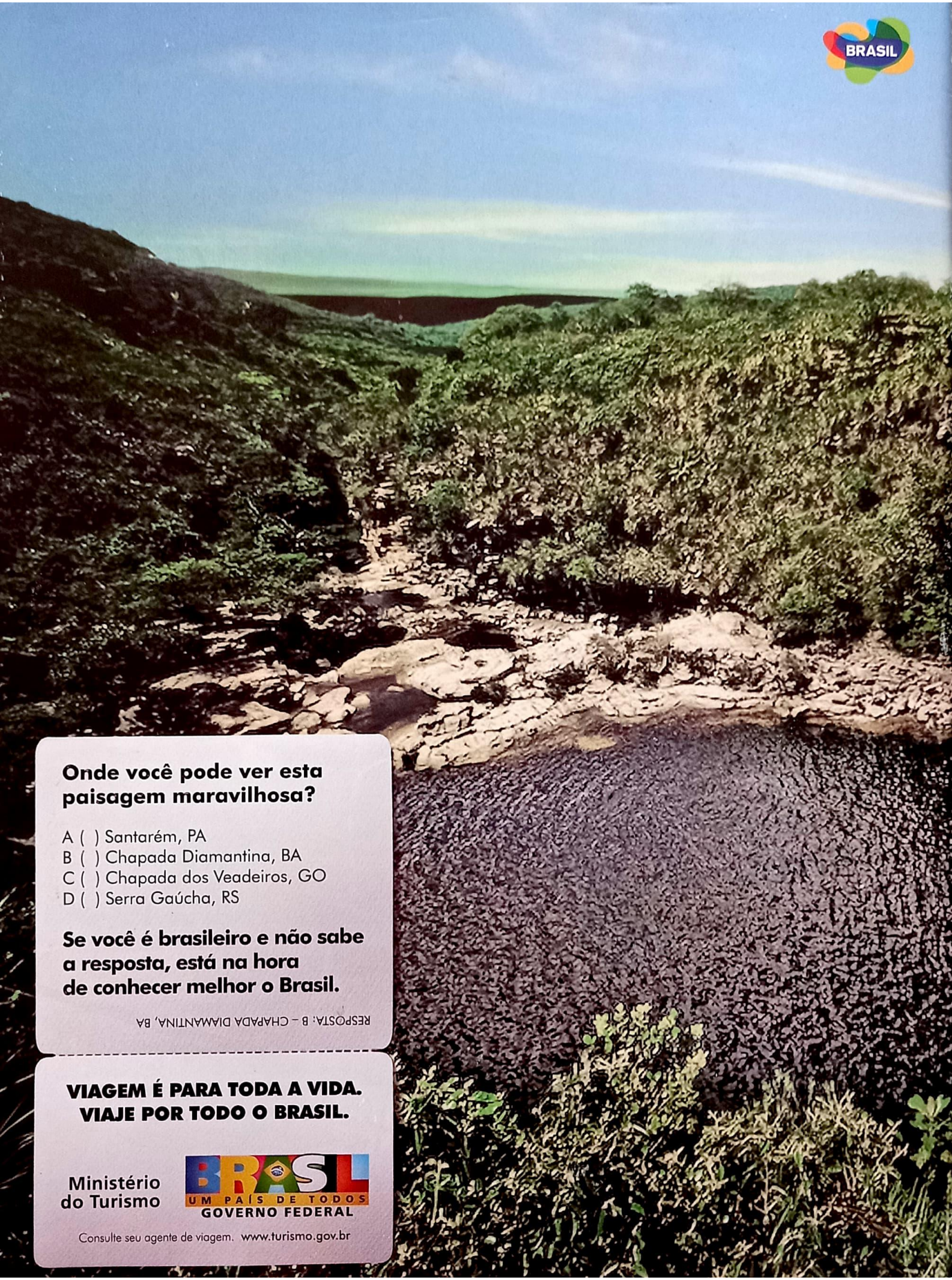
CINEMA É COMO FUTEBOL: UMA ARTE PARA APAIXONADOS. ASSIM COMO DO TODO TORCEDOR TEM UM POUCO DE TÉCNICO, TODO FÃ DA SÉTIMA ARTE TEM UM POUCO DE CRÍTICO. PENSANDO NISSO, A SET RESOLVEU DAR VOZ A QUEM REALMENTE IMPORTA: VOCÊ, CINÉFILO. ASSIM, CONVIDAMOS DOIS LEITORES APAIXONADOS POR FILMES DE TERROR PARA ASSISTIREM NOSSO FILME DO MÊS E TRAGAREM SUAS OPINIÕES. COM VOCÊS...

A HQ MAIS IDIOTA DO MUNDO

EPISODIO DE HOJE: O LOBISOMEM (2010)

POR RAPHAEL SALIMENA

WOODY HARRELSON
JESSE EISENBERG
EMMA STONE
ABIGAIL BRESLIN
ZUMBILÂNDIA
(ZOMBIELAND)
UMA COMÉDIA DE MATAR
COLUMBIA PICTURES APRESENTA EM ASSOCIAÇÃO COM RELATIVITY MEDIA UMA PRODUÇÃO PARIAH "ZOMBIELAND"
MÚSICA DE DAVID SARDY
DESENHISTA DE FIGURINO MAGALI GUIDASCI
SUPERVISOR DE EFEITOS VISUAIS PAUL LINDEN
MONTADO POR PETER AMUNDSON, ALAN BAUMGARTEN, A.C.E.
DESENHISTA DE PRODUÇÃO MAHER AHMAD
DIRETOR DE FOTOGRAFIA MICHAEL BONVILLAIN, ASC
PRODUTORES EXECUTIVOS EZRA SWERDLOW, PAUL WERNICK, RHETT REESE, RYAN KAVANAUGH
ESCRITO POR RHETT REESE & PAUL WERNICK
PRODUZIDO POR GAVIN POLONE
Trilha Sonora Relativity Music Group
DIRIGIDO POR RUBEN FLEISCHER
29 DE JANEIRO NOS CINEMAS
zumbilandia.com.br
VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA
COLUMBIA PICTURES
SONY
make.believe


BRASIL
Onde você pode ver esta paisagem maravilhosa?
A ( ) Santarém, PA
B ( ) Chapada Diamantina, BA
C ( ) Chapada dos Veadeiros, GO
D ( ) Serra Gaúcha, RS
Se você é brasileiro e não sabe a resposta, está na hora de conhecer melhor o Brasil.
RESPOSTA: B – CHAPADA DIAMANTINA, BA
VIAGEM É PARA TODA A VIDA.
VIAJE POR TODO O BRASIL.
Ministério do Turismo
BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL
Consulte seu agente de viagem. www.turismo.gov.br